



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**RENATA PRISCYLA CONCEIÇÃO COSTA**

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA IDENTIDADE FEMININA: UMA ANÁLISE  
DOS RELATOS REVELADOS A PARTIR DO MOVIMENTO DA *HASHTAG*  
*#EXPOSEDFORTAL***

**FORTALEZA**

**2024**

RENATA PRISCYLA CONCEIÇÃO COSTA

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA IDENTIDADE FEMININA: UMA ANÁLISE DOS  
RELATOS REVELADOS A PARTIR DO MOVIMENTO DA *HASHTAG*  
*#EXPOSEDFORTAL*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Linguística.  
Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Linguística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Araújo.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- C875c Costa, Renata Priscyla Conceição.  
A construção discursiva da identidade feminina : uma análise dos relatos revelados a partir do movimento da hashtag #exposedfortal / Renata Priscyla Conceição Costa. – 2024.  
143 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2024.  
Orientação: Prof. Dr. Júlio Araújo.
1. narrativas de si. 2. identidade. 3. violência de gênero. I. Título.

CDD 410

RENATA PRISCYLA CONCEIÇÃO COSTA

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA IDENTIDADE FEMININA: UMA ANÁLISE DOS  
RELATOS REVELADOS A PARTIR DO MOVIMENTO DA *HASHTAG*  
*#EXPOSEDFORTAL*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Linguística.  
Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 15/04/2024

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Júlio Araújo (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Dannytza Serra Gomes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Leidiane Tavares Freitas  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Dedico à minha mãe, Nilza, em vida, e ao meu pai, Marcondes (*in memoriam*). Obrigada pela educação recebida e pelo sacrifício e esforço de vocês para que eu me tornasse a mulher que sou hoje.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, minha fonte de força e refúgio.

À minha família, em especial, em memória do meu amado pai, que não está mais neste plano e sempre me incentivou nos estudos, acreditou em mim e sentia orgulho de sua filha professora. À minha amada mãe, agradeço por todo o esforço, abnegação e horas dedicadas, pelo incentivo aos estudos e pelo exemplo de mulher. Ela sempre foi a minha base e trabalhou incansavelmente para proporcionar oportunidades melhores para mim e minhas irmãs, e por isso, hoje, estou aqui. Amo vocês.

Às minhas irmãs amadas, Patrícia, Paloma e Pâmela, eu sempre me senti um pouco mãe de vocês, apesar de nossas idades tão próximas, mas dessa vez eu me senti um pouco filha de vocês. Obrigada por terem me acalmado nas horas de inseguranças, terem tido paciência com meus desabafos, terem cuidado de mim quando precisei e acreditarem em mim até mais do que eu mesma.

Ao meu querido sobrinho, o amor da nossa família, Luiz Henrique, pois, mesmo sendo uma criança, compreendeu a ausência da tia durante os momentos dedicados à pesquisa. Cada abraço seu foi um impulso amoroso nessa caminhada.

Ao meu esposo amado, Wescley, meu companheiro, meu amigo, meu amor, por sua presença constante, seu ombro amigo que me acolheu e seus ouvidos pacientes aos meus desabafos. Você me deu força nos momentos mais desafiadores. Você foi essencial nessa jornada.

Às minhas amigas queridas, Larissa, Marlia, Eveline, Adriana, Thalia e Márcia, por sua paciência de escutar minhas inseguranças, por comemorarem comigo cada conquista e por sempre me incentivarem. A Silvia, Marília e Ana Maria pelos conselhos acadêmicos e incentivos, a Ana Cristina por seu apoio, ao meu amigo Rodrigo, por sua descontração e positividade. Ao meu enteado, Matheus, por sua torcida e compreensão nos meus momentos ausentes dedicados à pesquisa. A todas e todos, minha gratidão por suas amizades incondicionais e apoio valioso ao longo de toda a jornada.

Ao grupo DIGITAL, em especial, Melissa, Heleno e Leonel por terem ajudado nos momentos de dúvidas e pelas trocas mútuas de conhecimento. A amizade de vocês foi muito preciosa.

Ao professor Lucineudo, por sua acolhida no Grupo GPADC da UECE e à Professora Maria Eduarda por seu apoio e incentivo acadêmico.

À professora Sandra Maia Vasconcelos pela atenção e gentileza.

À banca avaliadora, professora Dannytza Serra, do programa de Linguística da UFC, e à professora Leidiane Tavares Freitas, da UNILAB, agradeço por sua dedicação e valiosas contribuições que enriqueceram esta pesquisa.

Em especial, ao Professor Júlio Araújo, meu orientador, agradeço por sua acolhida, dedicação, paciência e sua forma tão humana de me guiar nessa pesquisa.

A todas e todos que, de alguma forma, colaboraram na minha jornada, mesmo sem seus nomes mencionados aqui, agradeço de coração!

“(...) quero ouvir  
tudo que te silenciaram  
eu quero que você me conte  
a história das suas  
cicatrices”

Ryane Leão



## RESUMO

Dentre as representações do discurso feminino, o discurso feminista nos desperta para a necessidade de compreender suas implicações sociais e culturais e promover a igualdade de gênero e fortalecer os direitos das mulheres. Assim, a presente pesquisa objetivou responder a pergunta geral: Como a identidade feminina é discursivamente construída no contexto sócio-histórico que deu origem à *hashtag* #exposedfortal? Tal questão nos permitiu levantar a suposição segundo a qual a construção da identidade feminina, nas narrativas vinculadas à *hashtag* #exposedfortal, ocorre por meio do contexto sócio-histórico de surgimento da *hashtag* #exposedfortal. Em função disso, nosso objetivo geral foi analisar a construção discursiva da identidade feminina, considerando o contexto sócio-histórico em que surgiu essa *hashtag*. Essa proposta fundamenta-se nas abordagens da Análise de Discurso Crítica (ADC), especialmente na vertente de Fairclough (1989, 2001, 2003). Estabelece conexões com reflexões decoloniais sobre identidade, à luz de autores como Hall (2005, 2011) e Ferreira (2009) e o conceito de empoderamento (Berth, 2018). Além disso, incorpora concepções sobre relatos de vida segundo Bertaux (2010) e a perspectiva de (re)memoração autobiográfica de Pineau e Le Grand (2012), Maia-Vasconcelos (2003, 2005, 2022); Maia-Vasconcelos, Freitas e Cardoso (2013), Maia-Vasconcelos, Holanda e Braga (2014), Maia-Vasconcelos e Oliveira (2019), Holanda (2020), Freitas (2015), assim como abordagens sobre violência de gênero por meio de Segato (2003) e Almeida (2007). A viabilidade metodológica de nossa proposta passou por uma pesquisa qualitativa do tipo interpretativa. Nosso *corpus* foi constituído de duas postagens publicadas por mulheres indexadas com a #exposedfortal na rede social Instagram. Com base nessa abordagem metodológica, realizamos a análise dos dados, resultando nas seguintes conclusões: os resultados revelaram que as mulheres moldaram suas narrativas, considerando as condições de produção discursiva no contexto da repercussão da #exposedfortal, sendo identificadas a mobilização de temas como violência psicológica/moral e sexual; as mulheres constroem uma identidade que transita do particular para o geral, se posicionar como vítimas e também como mulheres empoderadas. Esses resultados proporcionam uma compreensão mais aprofundada da dinâmica das narrativas de si associadas à *hashtag* #exposedfortal, destacando a interconexão entre as condições de produção discursiva, os temas de violência de gênero mobilizados e a construção da identidade feminina nesse contexto específico. Desse modo, entendemos a importância de contribuir para a compreensão dos discursos e narrativas que moldam a identidade feminina no contexto da *hashtag* #exposedfortal no intuito de promover reflexões e transformações visando alcançar a equidade de gênero e combater a violência contra a mulher.

**Palavras-chave:** narrativas de si; identidade; violência de gênero.

## ABSTRACT

Among the representations of female discourse, feminist discourse boosted the need to understand its social and cultural implications when it comes to promote gender equality and strengthen women's rights. This study aims to answer the following research question: How is female identity discursively constructed in the socio-historical context that gave rise to the #exposedfortal hashtag? This research question allowed us to assume that the construction of female identity, in the narratives linked to the #exposedfortal hashtag, occurs through the socio-historical context of the emergence of the #exposedfortal hashtag. For that reason, our general objective is to analyze the discursive construction of female identity, considering the socio-historical context in which this hashtag emerged. This proposal is based on Critical Discourse Analysis (CDA) approaches, especially the approach proposed by Fairclough (1989, 2001, 2003), which creates connections with decolonial reflections on identity, in light of authors such as Hall (2007) and Ferreira (2009) and the concept of empowerment (Berth, 2018). Furthermore, it incorporates conceptions about life stories according to Bertaux (2010) and the perspective of autobiographical (re)memoration by Pineau and Le Grand (2012), Maia-Vasconcelos (2003, 2005, 2022); Maia-Vasconcelos, Freitas and Cardoso (2013), Maia-Vasconcelos, Holanda and Braga (2014), Maia-Vasconcelos and Oliveira (2019), Holanda (2020), Freitas (2015), as well as approaches about gender violence through the studies by Segato (2003) and Almeida (2007). The methodological approach adopted in our proposal is the qualitative interpretative research. Our corpus consisted of two posts published by women indexed with the #exposedfortal hashtag on the social network Instagram. Based on this methodological approach, we performed data analysis, resulting in the following conclusions: results suggest that women shaped their narratives considering the conditions of discursive production of the repercussion of #exposedfortal, which allowed the identification of themes such as psychological/moral and sexual violence; women build an identity that moves from the particular to the general, positioning themselves as victims and also as empowered women. These results provide a deeper understanding of the dynamics of self-narratives associated with the #exposedfortal hashtag, highlighting the interconnection between the conditions of discursive production, the themes of gender violence that were used and the construction of female identity in this specific context. Therefore, we understand the importance of contributing to the understanding of the discourses and narratives that shape female identity in the context of the #exposedfortal hashtag in order to promote reflections and transformations that aim to achieve gender equity and to combat violence against women.

**Keywords:** self-narratives; identity; gender violence.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cronômetro da Violência contra as mulheres no Brasil .....	17
Figura 2 – Concepção tridimensional do discurso em Fairclough .....	30
Figura 3 – Página de perfil de usuário do Instagram .....	56
Figura 4 – Filtro <i>Rise</i> do Instagram .....	58
Figura 5 – <i>Hashtag</i> no Instagram .....	61
Figura 6 – Como a <i>#exposedfortal</i> aparece na busca .....	68
Figura 7 – Tela inicial do aplicativo Transkptor .....	70
Figura 8 – Print da tela da postagem 01 .....	81
Figura 9 – Print da página do perfil Juntas com GEEF .....	91
Figura 10 – Postagens relacionadas à onda de denúncias impulsionada pela <i>#exposedfortal</i> .	92
Figura 11 – Print do início do vídeo “Nota de repúdio” .....	92
Figura 12 – Print do momento em que a estudante inicia seu relato .....	93
Quadro 1 – Categorias analíticas do discurso, baseado em Fairclough (2001) .....	31
Quadro 2 – Categorias analíticas do discurso .....	71
Quadro 3 – Quadro de temas e ocorrências de repetibilidade de discursos .....	72
Quadro 4 – Itens Lexicais .....	73
Quadro 5 – Dados gerados da transcrição do vídeo .....	82
Quadro 6 – Dados gerados da transcrição do vídeo da postagem 02 .....	94
Quadro 7 – Temas com maior grau de repetibilidade mobilizados na narrativa 01 .....	104
Quadro 8 – Temas com maior grau de repetibilidade mobilizados na narrativa 02 .....	111
Quadro 9 – Itens Lexicais da narrativa 01 .....	117
Quadro 10 – Itens Lexicais da narrativa 02 .....	121

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	15
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	23
2.1	Análise de Discurso Crítica (ADC) .....	25
2.2	A construção discursiva da identidade feminina .....	36
2.3	As Narrativas de Si .....	44
3	METODOLOGIA .....	52
3.1	Caracterização da pesquisa .....	52
3.2	Lócus da pesquisa .....	54
3.3	O <i>corpus</i> da pesquisa .....	67
3.4	Processo de geração e análise de dados .....	70
3.5	Procedimentos para desenvolver a análise do contexto sócio-histórico em que a <i>hashtag</i> #exposedfortal surgiu .....	73
3.6	Procedimentos para desenvolver a análise dos temas mobilizados nas narrativas das mulheres .....	76
3.7	Procedimentos para desenvolver a análise dos recursos textuais-discursivos que marcam o processo da construção discursiva da identidade feminina nas narrativas de violência de gênero reunidas na <i>hashtag</i> #exposedfortal .....	76
4	NARRATIVAS DE SI NO INSTAGRAM: UMA ANÁLISE DAS DENÚNCIAS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO ATRAVÉS DA #EXPOSEDFORTAL .....	79
4.1	O Contexto Sócio-Histórico do #ExposedFortal: Condições de Produção Discursiva e Narrativas de Si no Instagram .....	79
4.1.1	<i>“Professor tem que defender a gente. Tem que cuidar da gente e eles têm a responsabilidade de não fazerem a gente se apaixonar por eles.” - Análise da Narrativa 01</i> .....	80
4.1.2	<i>“sejam conscientes, sejam consistentes, não esqueçam, porque a vítima nunca esquece” - Análise da Narrativa 02</i> .....	90
4.2	“Quantas meninas já não passaram por isso?” A mobilização dos temas de violência de gênero nas narrativas de si da <i>hashtag</i> #exposedfortal .....	99
4.2.1	<i>“Professor tem que defender a gente. Tem que cuidar da gente e eles têm a responsabilidade de não fazerem a gente se apaixonar por eles” - Análise da narrativa 01</i> .....	100

4.2.2	<i>“sejam conscientes, sejam consistentes, não esqueçam, porque a vítima nunca esquece.” - Análise da narrativa 02</i> .....	108
4.3	<b>A Construção Discursiva da Identidade Feminina: Uma Análise dos Recursos Textuais-Discursivos nas Narrativas de Violência de Gênero da <i>Hashtag</i> #exposedfortal</b> .....	116
4.3.1	<i>“Professor tem que defender a gente. Tem que cuidar da gente e eles têm a responsabilidade de não fazerem a gente se apaixonar por eles” - Análise da narrativa 01</i> .....	116
4.3.2	<i>“sejam conscientes, sejam consistentes, não esqueçam, porque a vítima nunca esquece” - Análise da narrativa 02</i> .....	121
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	127
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	130
	<b>ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO DA PUBLICAÇÃO 01</b> .....	137
	<b>ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO DA PUBLICAÇÃO 02</b> .....	140

## 1 INTRODUÇÃO

Toda vez que uma mulher se defende, sem nem perceber que isso é possível, sem qualquer pretensão, ela defende todas as mulheres (Angelou).

Na contemporaneidade, é evidente a transformação do papel da mulher numa sociedade ainda marcada pelas relações de poder manifestadas pela hierarquia da supremacia masculina. Apesar de vários avanços e conquistas históricas, a imagem da mulher ainda é associada a símbolos como o da fragilidade. A mulher é a grande vítima da violência de gênero, como mostra uma pesquisa publicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), na qual uma em cada três mulheres em todo o mundo já foi vítima de violência física ou sexual durante a sua vida, ou seja, 35%<sup>1</sup>.

Além da violência física e sexual, a pesquisa apontou que a violência psicológica contra as mulheres é mais comum do que se imagina, atingindo a maior porcentagem principalmente entre a faixa etária de jovens entre 18 e 29 anos de idade. Dessa forma, verifica-se a opressão pela qual sofre o gênero feminino. Todavia, é importante lembrar que, além das mulheres, homens e grupos minorizados também podem ser vítimas dessas agressões<sup>2</sup>.

Diante desse cenário, nos últimos anos, o feminismo tem conquistado protagonismo, e os estudos sobre o tema têm-se mostrado de suma relevância, pois mostram uma maneira de confrontar as desigualdades entre homens e mulheres, naturalizadas por inúmeras sociedades (Beauvoir, 1960; Hahner, 2003; Strey; Piason; Julio, 2011; Valério de Souza; Barbosa, 2017; Berth, 2018; Ribeiro, 2019).

Pensando essas assimetrias no âmbito das redes sociais, a situação não é diferente, já que nelas se perpetua ainda o discurso de ódio, definido por Luna e Santos (2014) como todo discurso que diminui ou ofende os grupos tradicionalmente minorizados e discriminados, quer seja, por estarem em inferioridade numérica, quer seja, por estarem subordinados de maneira econômica, política ou cultural.

---

<sup>1</sup>Devastadoramente generalizada: 1 em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência. OPAS. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/9-3-2021-devastadoramente-generalizada-1-em-cada-3-mulheres-em-todo-mundo-sofre-violencia>.

<sup>2</sup>Os dados oficiais do 15º Anuário Brasileiro de Segurança Pública apontam um expressivo aumento da violência contra a população LGBTQI+ nos registros de lesão corporal dolosa (20,9%), homicídio (24,7%) e estupro (20,5%), todos superiores a 20%. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>.



O discurso de ódio ao feminino se corporifica em algumas práticas sociais de reprodução de discursos sexistas e misóginos, demonstrando um padrão cultural no qual o machismo subjuga mulheres e mantém as hierarquias de gênero social (Barbosa; Silva R.; Silva D., 2020; Martins, 2019; Perelló Camacho, 2019; Trindade, 2022).

Como exemplo disso, podemos trazer à luz os frequentes casos nos quais mulheres foram vítimas da pornografia de vingança, um crime que consiste em expor publicamente nas redes sociais fotos, popularmente conhecidas por “nudes”, ou vídeos íntimos sem consentimento da vítima com intuito de constranger e humilhar. Segundo dados da ONG SaferNet Brasil<sup>3</sup>, que atua no combate à violação de direitos humanos na internet, 81% das vítimas da pornografia de vingança são mulheres. Numa sociedade conservadora que culpabiliza a vítima, essas mulheres são alvos de discursos de ódio e condenadas socialmente.

Segundo Trindade (2022), os maiores alvos de discursos de ódio nas redes sociais são as mulheres pretas correspondendo a 81%, na faixa etária de 20 a 35 anos. Tais discursos objetivam desqualificar os avanços sociais simbólicos das mulheres pretas associando-as a atividades subservientes e de baixa qualificação.

Além disso, um triste dado divulgado pela Agência Patrícia Galvão mostra que o Brasil é o 5º país no ranking de assassinatos de mulheres no mundo e que, diariamente, uma crescente quantidade de mulheres são vítimas de alguma forma de violência, tais como assédio, exploração sexual, estupro, tortura, violência psicológica, agressões por parceiros ou familiares, perseguição, feminicídio.<sup>4</sup> Sob diversas formas e intensidades, a violência de gênero é recorrente e se perpetua nos espaços públicos e privados, encontrando nos assassinatos a sua expressão mais grave. A imagem a seguir ilustra a lamentável realidade da violência contra a mulher no Brasil:

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/pornografia-de-revanche>.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/qual-a-dimensao-do-problema-no-brasil/#maiores-taxas-de-assassinato-de-mulheres-estados-e-municipios>.

Figura 1 – Cronômetro da Violência contra as mulheres no Brasil



Fonte: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/qual-a-dimensao-do-problema-no-brasil/>

O uso das tecnologias da informação e comunicação podem ter um aspecto positivo, quando do acesso e divulgação de informações de forma planetária, mas que podem acarretar efeitos nefastos, quando esses usos otimizam a disseminação de discursos de ódio e, principalmente, fazendo com que tais discursos sejam acessados por mais pessoas do que se fossem publicados em quaisquer outros meios (Fagundes; Dinarte, 2017).

Nesse sentido, as redes sociais, concebidas como lugar de interação, possibilitam que mulheres, muitas vezes oprimidas nesse mesmo espaço e fora dele, apropriem-se desse espaço como via de denúncia (Ugarte, 2008) através da narrativização de suas histórias, uma maneira de compartilhar vivências e ressignificá-las.

Assim, recontar um episódio é, também, construir uma identidade face ao ocorrido, estratégia de ressignificação do sujeito face às vivências do mundo, cujas implicações reverberam no estatuto interativo estabelecido por essas escritas e formatam e reformulam as estratégias linguísticas agenciadas pelos participantes (Freitas, 2015).

Conforme Sibilía (2003), os chamados registros de si remontam ao século XIX, quando era comum a escrita de cartas e diários, realizada, principalmente, por mulheres com o intuito de registrar suas vivências cotidianas, uma prática de reinterpretação de si reverberando

até os dias de hoje com o hábito dos relatos nos meios digitais e possibilitando, com esse movimento de verbalização e reflexão da escrita, a produção de conhecimento. Desse modo, a ressignificação de experiências por meio da escrita viabiliza um movimento reflexivo sobre essas experiências.

Nesse sentido, nas redes sociais, os usuários se valem em demasia do uso das *hashtags* como ferramenta de atração para determinados conteúdos. Além dos usuários, muitas marcas também se utilizam dessa ferramenta como forma de divulgação de seus produtos, serviços e conteúdo.

As *hashtags* têm a capacidade de chamar a atenção de diversos usuários que procuram conteúdos específicos e podem ser utilizadas também na disseminação de temáticas de relevância social. Aqui, chamamos atenção especialmente para o caso do movimento #exposed no Instagram, no qual jovens que sofreram diversas violências de gênero criaram o movimento em 2020 no Twitter e depois, espalhando o movimento para outras redes sociais como Instagram, ganhando maior notoriedade, possivelmente pelo fato dessa rede social ser mais acessível e popular entre os jovens,<sup>5</sup> com o intuito de denunciar seus agressores, em geral homens mais velhos, como também homens jovens.

A iniciativa teve grande repercussão na mídia e cada localidade tinha sua própria *hashtag*, como é o caso da *hashtag* destacada nesta pesquisa, a saber, a #exposedfortal, na qual jovens denunciaram inúmeros abusos vividos por elas, tanto dentro, quanto fora das redes sociais.

Dessa forma, o movimento concebe o sentido de acolhida entre mulheres, em consonância ao que pensa Leonardi (2012), quando esclarece que as pessoas podem se valer e se apropriar das diversas formas de usar a Internet, alterando completamente o comportamento humano. Dentre tantas possibilidades de utilização, tem-se a transformação das plataformas digitais em espaços para a partilha de experiências íntimas e vivências de sofrimento que teriam sido suportadas pelas vítimas, como o movimento #exposed no Instagram.

Com base na contextualização apresentada, esta pesquisa é socialmente motivada pela necessidade de colocar em destaque o discurso feminista, dada a importância de amplificá-lo em uma sociedade ainda predominantemente patriarcal. Dessa forma, as mulheres estabelecem pactos entre si, criando uma linguagem que promove a união de forças. Em uma

---

<sup>5</sup>Apesar de ser a quarta rede social mais usada no Brasil, a função dos *Stories* do Instagram é a preferida por cerca de 47% dos jovens brasileiros, de acordo com o levantamento feito pela Cuponation com jovens de 17 a 25 anos. A média de tempo de uso do Instagram é de 1h30 por dia. Disponível em <https://www.cuponation.com.br/insights/instagram-2019>.

sociedade onde, frequentemente, o lugar de fala é negado às mulheres, a ampliação de suas vozes contribui significativamente para a luta pelos direitos e igualdade de gênero, capacitando-as por meio do poder dos discursos (Berth, 2018).

Também se motiva a presente pesquisa<sup>6</sup> do ponto de vista pessoal, a partir de nossa vivência como professora da rede pública de ensino há 12 anos, observando e apoiando atividades de um grupo formado por meninas adolescentes em uma escola que promove estudos sobre questões de gênero. Encontra-se, aqui, o intuito de compreender melhor o público com quem trabalha, voltando a atenção para as redes sociais, já que são os ambientes mais frequentados pelos jovens na contemporaneidade.

Nessa busca, foi percebido, através das narrativas postadas por jovens mulheres nas redes sociais, como o ambiente virtual possibilita a ampliação da discussão sobre as desigualdades de gênero e a construção de identidade feminina, conforme revela o trabalho de Abreu (2020) que trata dos movimentos feministas nas redes sociais, marcados ao longo da história por lutas e resistências antes mesmo do advento da internet, que, atualmente, intensificaram-se através das redes sociais, possibilitando a representatividade dessas mulheres.

Além das razões sociais e pessoais, é importante ressaltar o embasamento científico que também motiva este trabalho. Existem várias pesquisas relevantes sobre o tema, das quais destacamos as seguintes devido à sua representatividade e abrangência em relação à amplitude do problema e à sua correlação com o presente estudo.

Inicialmente, a pesquisa de Santini, Terra e Almeida (2016), intitulada "Feminismo 2.0: a mobilização das mulheres no Brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (#primeiroassedio)", demonstra como os movimentos sociais atualmente se mobilizam por meio da atuação das mulheres brasileiras nas redes sociais. Essa pesquisa evidencia que as mensagens ultrapassam os limites da vida social e cotidiana dos envolvidos, alcançando uma vasta rede de informações on-line.

Em seguida, o estudo de Dias Nogueira (2018), intitulado "Meu amigo não é mais secreto: uma análise das estratégias de legitimação do discurso feminista no Facebook", correlaciona-se com nossa pesquisa ao revelar como o uso do Facebook por jovens mulheres permite a expressão de si mesmas e reflexões engajadas, capazes de transformar comportamentos e hábitos, especialmente os machistas e misóginos. Essa conclusão é baseada

---

<sup>6</sup> Esta pesquisa está vinculada ao projeto guarda-chuva "Pandemia de covid-19: *fake news*, construção sócio-cognitiva da doença e discurso de ódio" (Araújo, 2021), coordenado pelo professor Dr. Júlio Araújo e desenvolvidos, atualmente, no âmbito do grupo de pesquisa DIGITAL – Discursos e Digitalidades, da Universidade Federal do Ceará.

na análise discursiva das denúncias de violência de gênero divulgadas durante a campanha "Meu amigo secreto" no Facebook.

Por fim, o trabalho de Martins (2019), intitulado "O Discurso Da Intolerância Contra A Mulher Nas Redes Sociais", por meio da análise do discurso intolerante contra a mulher, especialmente no Facebook, revela como a internet tem multiplicado a intolerância, tornando a mulher alvo frequente de agressões.

Apesar dos importantes avanços, sobretudo sociais, conquistados por essas pesquisas que explicitaram e relacionaram aspectos da violência sofrida pela mulher no Brasil e de como os discursos intolerantes são construídos nos ambientes virtuais, é necessário reconhecer a existência de uma lacuna. O primeiro aspecto dessa lacuna diz respeito à insuficiência de trabalhos dessa natureza na perspectiva da interrelação entre narrativa, discurso e identidade, mais especialmente sob o olhar da Análise de Discurso Crítica (ADC). Nesse sentido, argumentamos que os estudos textuais-discursivos, de orientação crítica, podem contribuir para lançar luz sobre a libertação da figura feminina das algemas do pensamento eurocêntrico ou imperialista. Conforme Vieira (2019, p. 98):

As práticas e processos de colonialidade são parcialmente sustentados por discursos ideológicos, produzidos e legitimados por pessoas e grupos que lucram com a colonialidade do poder, do saber e do ser, e organizados em redes de ordens do discurso, com função normativa e reguladora por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas legitimadas. Tomar consciência de tais processos sociais abre possibilidade para a crítica social e a desconstrução das ideologias que sustentam relações de opressão baseadas nas dinâmicas de gênero-sexualidade.

O segundo aspecto de originalidade desta pesquisa refere-se à escolha da *hashtag* #exposedfortal como fenômeno a ser estudado, pois desenvolver a análise de uma *hashtag* local de uma cidade como Fortaleza, em um dos estados brasileiros mais marcados pela violência contra a mulher<sup>7</sup>, é uma forma importante de contribuir para a transformação dessa realidade na busca da equidade de gênero.

Diante dessa contextualização, sugerimos a construção do seguinte objeto de pesquisa: a construção discursiva da identidade feminina nas narrativas sobre violência de gênero publicadas no Instagram reunidas na *hashtag* #exposedfortal. A questão central de

---

<sup>7</sup>A divulgação dos números do 15º Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostrou que o Ceará é o segundo estado brasileiro com a maior taxa de homicídios de meninas e mulheres. De acordo com o levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a taxa é de 7 mortes a cada 100 mil mulheres no Estado, em 2020, quando 329 mulheres foram mortas. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/10/anuario-15-completo-v7-251021.pdf>.

pesquisa é: **como a identidade feminina é discursivamente construída no contexto sócio-histórico que deu origem à *hashtag* #exposedfortal?**

A suposição geral, formulada a partir da questão geral, é a de que a construção da identidade feminina, nas narrativas vinculadas à *hashtag* #exposedfortal, ocorre por meio do contexto sócio-histórico de surgimento da *hashtag*. Portanto, o objetivo geral é analisar a construção discursiva da identidade feminina, considerando o contexto sócio-histórico em que surgiu a *hashtag* #exposedfortal. Para investigar essa questão, foram delineadas as seguintes questões específicas de pesquisa:

1. De que maneira o contexto sócio-histórico em que surgiu a *hashtag* #exposedfortal se relaciona com as condições sociais de produção discursiva das narrativas de si presentificadas na rede social Instagram?
2. De que maneira os temas relacionados aos diferentes tipos de violência de gênero são mobilizados nas narrativas de si reunidas na *hashtag* #exposedfortal?
3. Que recursos textuais-discursivos marcam o processo da construção discursiva da identidade feminina nas narrativas de si sobre violência de gênero reunidas na *hashtag* #exposedfortal?

As suposições específicas de pesquisa foram:

1. As mulheres moldam suas postagens, considerando o contexto do movimento de denúncia da *hashtag* #exposedfortal como uma condição de produção discursiva, possivelmente utilizando-a como instrumento para narrar suas experiências pessoais;
2. Os temas relacionados à violência de gênero são mobilizados nas narrativas de si reunidas na *hashtag* #exposedfortal por meio da identificação das violências de gênero;
3. Os recursos textuais-discursivos que marcam o processo da construção discursiva da identidade feminina estão relacionados ao empoderamento feminino e à sororidade.

Os objetivos específicos da pesquisa foram:

1. Caracterizar o contexto sócio-histórico em que a *hashtag* #exposedfortal surgiu e se expandiu, como modo de compreender as condições sociais de produção discursiva dessas narrativas;
2. Descrever os temas presentes nas narrativas, investigando os tipos de violência de gênero presentes nas produções discursivas;

3. Identificar os recursos textuais-discursivos que marcam a construção discursiva da identidade feminina nas narrativas sobre violência de gênero reunidas na *hashtag* #exposedfortal.

Desse modo, este estudo visa contribuir para uma compreensão da construção discursiva da identidade feminina em meio às narrativas sobre violência de gênero reunidas na *hashtag* #exposedfortal.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher (Beauvoir, 1960, p. 9).

Nos últimos tempos, têm ocorrido diversas transformações sociais e políticas na sociedade, o que demanda reflexão, teorização e análises. Assim, no contexto das lutas sociais contra os discursos hegemônicos que (re)produzem distintas formas de opressão e desigualdade, uma das temáticas mais presentes é a de gênero social, sobretudo, relacionado às mulheres. Acontecimentos recentes no país ilustram como tais questões são relevantes, como o golpe político que ocasionou o impeachment da primeira mulher presidente do Brasil no ano de 2016.

Nesse período, uma onda de discursos e práticas misóginas buscaram desqualificá-la como mulher e como gestora pública. Isso se deu de forma crescente, especialmente em redes sociais, jornais e revistas de grande circulação. Tal fato fez desencadear uma série de manifestações contra Dilma Rousseff, que foi a 36.<sup>a</sup> presidenta do Brasil, ilustradas nas redes sociais e nas ruas com frases de desrespeito, atingindo, principalmente, sua condição de mulher, a exemplo de frases permeadas de ódio como: “*Dilma vadia*”, “*Dilma sapatão*” e “*Impeachment da maldita*”<sup>8</sup>.

Nesse contexto de ataques à figura feminina pública mais importante do país, houve, em escala crescente, discussões em torno das propostas de retirada dos estudos de gênero em documentos recentes da educação ocasionados pelo avanço da onda conservadora no país com as eleições de 2018. Cenário que anos antes já se prenunciava com as recorrentes atitudes e declarações de caráter misógino do então deputado, Jair Bolsonaro, a lembrar o episódio de 1998 de uma agressão física a uma funcionária do parlamento que discutiu com uma apoiadora do deputado.

Na época, a agressão foi noticiada e o famigerado deputado admitiu ter cometido a violência. Em 2014, atacou a deputada Maria do Rosário (PT-RS), porque a deputada afirmou em discurso na câmara que os torturadores da ditadura militar deveriam ser responsabilizados por seus atos. De maneira agressiva, o parlamentar de extrema direita, declaradamente defensor de torturadores, respondeu à Maria do Rosário: “*Não saia, não, Maria do Rosário, fique aí. Há*

---

<sup>8</sup> <https://www.facebook.com/search/top?q=dilma%20maldita>.



*poucos dias, você me chamou de estuprador no Salão Verde e eu falei que eu não estuprava você porque você não merece. Fique aqui para ouvir”.*<sup>9</sup>

Após a repercussão negativa do episódio, foi condenado a pagar multa e fazer uma retratação pública. Infelizmente, eleito em 2018, através das bandeiras do conservadorismo, passou a ser a maior autoridade do país e trouxe à tona práticas que pareciam estar restritas a um passado distante. Trindade (2022) aponta alguns exemplos em meio a falas de caráter racista, por exemplo, proferidas pelo então presidente e seu vice, que revelam uma miopia intencional, falas preocupantes, pois foram difundidas pelas duas maiores autoridades do país. Isso tudo expressa o pensamento oficial do Estado brasileiro, trazendo consequências para grupos minorizados, ou seja, deslegitimando as conquistas históricas alcançadas por meio de muita luta dos movimentos sociais.

Nessa medida, em reação, os movimentos em apoio à mulher se fizeram mais frequentes e apontaram o desenvolvimento da luta de direitos femininos. Acontecimentos que mostram o avanço da luta de direitos das mulheres, como as manifestações por todo o país promovidas por mulheres em setembro de 2018, o movimento #EleNão, em protesto ao então candidato, à época, e agora ex-presidente, devido às suas diversas declarações de teor misógino e machista.

Além disso, houve a vitória em 2018 sobre a garantia dos direitos femininos no contexto político através da decisão do STF em assegurar que 30% do fundo partidário fosse reservado às mulheres dos partidos por meio de Proposta de Emenda à Constituição 18/2021, com efeito fortalecendo a lei de cotas para mulheres (BRASIL, 2021)

Nesse sentido, o papel da linguagem tem sido cada vez mais reconhecido para a compreensão e o combate ao avanço das pautas conservadoras no país, o que tem gerado uma demanda crescente por pesquisas em diversas áreas acadêmicas, como a Linguística, visto que a linguagem é uma ferramenta essencial para expressar ideias, valores e crenças, e mobilizar as pessoas para que possam adquirir uma postura crítica em sociedade.

A Linguística Aplicada (LA) fornece o aporte teórico necessário para a compreensão de fenômenos sociais relacionados à linguagem, pois é uma área interdisciplinar que se preocupa com a aplicação dos conhecimentos linguísticos para a compreensão e solução de problemas sociais relacionados à linguagem, que busca ampliar seu caráter crítico e seu engajamento social ao investigar questões que envolvem a linguagem na contemporaneidade.

---

<sup>9</sup>Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/504802/noticia.html>.

Conforme destacado por Moita Lopes (2006), a LA possui uma natureza inter/transdisciplinar que se propõe a analisar os problemas sociais nos quais a linguagem desempenha um papel central. Um exemplo disso é a compreensão de como a construção discursiva da identidade feminina ocorre na sociedade e como as mulheres se mobilizam no combate à violência de gênero por meio da análise das narrativas produzidas a partir da *hashtag* #exposedfortal.

Assim, nesta seção será apresentada a fundamentação teórica de base para esta pesquisa, orientada pela inter-relação entre discurso, narrativa e identidade. Inicia-se pela Análise de Discurso Crítica (ADC), mais especificamente na vertente de Fairclough (1989, 2001, 2003) estabelecendo uma conexão com reflexões de natureza decolonial sobre os conceitos de gênero social e identidade feminina, à luz de autores como Butler (2003), e o de empoderamento (Berth, 2018), associadas às concepções sobre relatos de vida do autor Bertaux (2010) e a perspectiva da (re)memoração autobiográfica de Pineau e Le Grand (2012), Maia-Vasconcelos (2003, 2005, 2022); Maia-Vasconcelos, Freitas e Cardoso (2013), Maia-Vasconcelos, Holanda e Braga (2014), Maia-Vasconcelos e Oliveira (2019), Holanda (2020), Freitas (2015), que serão abordados, respectivamente, nos subitens a seguir:

## **2.1 Análise de Discurso Crítica (ADC)**

Considerando o contexto no qual estamos, em que discursos, visões de mundo e ideologias estão presentes em nossa sociedade, é essencial refletir sobre os problemas sociais que frequentemente permeiam e, muitas vezes, originam-se nas questões discursivas. A partir dessa perspectiva, muitos pesquisadores se filiam à abordagem da Análise de Discurso Crítica (ADC), que considera os textos como produções sociais que podem ser historicamente situadas e fornecer informações relevantes para entender a estrutura de uma sociedade.

De um modo muito peculiar, a Análise de Discurso Crítica lança um olhar profundo e contemporâneo sobre a linguagem e suas implicações com a realidade social como até então nenhum campo de pesquisa da Linguística havia feito (Magalhães; Martins; Resende, 2017).

A ADC é uma abordagem transdisciplinar ao estudo dos textos, que considera a linguagem como uma forma de prática social, podendo ser definida como um programa de estudos que toma o texto como unidade mínima de análise centrada nos conceitos de discurso, poder e ideologia (Magalhães, 2005). Essa abordagem estabelece uma relação entre linguagem e sociedade, incentivando a reflexão crítica sobre os discursos presentes nas interações sociais.

Fairclough (2001) define o discurso como uma prática social, destacando que não se trata apenas de uma prática individual, mas sim de uma forma de ação coletiva, considerando o uso da linguagem como um meio pelo qual as pessoas agem sobre o mundo e sobre os outros. Além disso, destaca o discurso como um modo de representação, isto é, há uma dialética entre ele e a estrutura social. Dessa forma, o discurso está vinculado à prática social, desempenhando um papel ativo tanto na manutenção quanto na transformação das estruturas sociais.

A linguagem é, portanto, percebida como uma prática social, transformando o discurso em uma forma de agir no mundo e em relação aos outros indivíduos, além de ser uma forma de representação social. A concepção dialética entre estrutura e discurso é particularmente significativa nesse contexto, tendo como propósito investigar, de forma crítica, a maneira como é manifesta, constituída e mesmo legitimada a desigualdade social através da linguagem (Wodak, 2004).

Segundo Chouliaraki e Fairclough (1999), a ADC pode ser vista como parte da ciência social crítica e, por conseguinte, da pesquisa crítica sobre a mudança social na sociedade moderna posterior. A 'modernidade posterior' faz, conforme Giddens (1991), referência às transformações econômicas e socioculturais dos últimos trinta anos do século XX, em que os progressos tecnológicos da informação e da mídia desligaram os signos de sua localização típica, possibilitando sua livre circulação nos limites temporais e espaciais.

Ainda conforme Chouliaraki e Fairclough (1999), os autores defendem que a ADC deveria ser apreciada no sentido de contribuir para o campo da pesquisa crítica sobre a modernidade posterior. Nessa perspectiva, ao comentarem as profundas mudanças econômicas e socioculturais das últimas décadas, os autores sugerem que tais transformações resultam, em parte, das estratégias de grupos particulares em um 'sistema particular', tal como ocorre com as mulheres que fazem as postagens nas redes sociais e que passam por essa transformação social através de suas vivências. Assim, através da ADC, por exemplo, pode-se revelar como práticas feministas são construídas discursivamente.

Os textos e eventos utilizados em práticas sociais diversas são foco de análise da ADC, pois esta sugere uma teoria e um método para descrever, interpretar e explicar a linguagem a partir de uma perspectiva sócio-histórica. Nesse sentido, considerar o contexto social é de suma importância para a análise dos diferentes discursos nas práticas sociais devido à relação intrínseca entre discurso e texto.

A ADC é uma abordagem que entende a relação entre discurso e sociedade na qual ambos se moldam de maneira recíproca. Analisa criticamente as relações estruturais de desigualdades de poder que geram discriminações manifestas no discurso e como essas

assimetrias são expressas, sinalizadas, constituídas, legitimadas, naturalizadas e mantidas pelo tempo e discurso, historicamente ou cronologicamente.

Em função disso, essa abordagem chama a atenção para temas como o racismo (Cavalcante, 2021), discriminação sexual (Zoghbi, 2015), controle e manipulação institucional (Alves Costa, 2023), violência (Cardoso; Ramalho, 2015), identidade nacional (Klüppel, 2021), auto-identidade (Silva, 2018), exclusão social (Costa, 2009) e identidade de gênero (Gonzalez, 2013).

Com base nisso, por exemplo, Blommaert (1999) mostra em suas análises que as desigualdades sociais de classe, de raça, de sexo são provenientes das desigualdades linguísticas. Dessa forma, para dirimir essas assimetrias é necessário que os atores sociais tomem consciência dos mecanismos de manipulação de pensamento implícitos em textos, que têm o intuito de manter o controle político, social e cultural.

À medida que tomam consciência dos mecanismos linguísticos utilizados para o controle, esses sujeitos tornam-se mais resistentes às formas de dominação. O discurso, ao longo dos tempos, já silenciou muitos grupos oprimidos. Contudo, também possibilitou que esses mesmos grupos pudessem se levantar contra seus opressores. Por isso, a ADC considera que são os sujeitos, inseridos em práticas discursivas e sociais, que contribuem para a manutenção ou a mudança das estruturas sociais que atuam.

Assim, através da ADC, é possível recuperar os processos históricos-sociais de produção dos discursos, o que contribui, dessa forma, para o debate e discussão sobre questões de gênero, interesse desta pesquisa. Por isso, considera-se importante tratar a presença de temas tais como os tipos de violência de gênero (física, psicológica, sexual, simbólica, patrimonial e econômica) mobilizados nas produções discursivas com o uso de *hashtags* nas redes sociais, considerando o contexto sócio-histórico como modo de compreender a relação entre discurso e contexto social.

Nesse sentido, como explanado anteriormente, a ADC é uma abordagem que busca examinar as relações entre linguagem, poder e ideologia manifestadas nos discursos. Nesse contexto, o uso de *hashtags* nas redes sociais, especialmente aquelas relacionadas a questões sociais, como a denúncia de abusos contra mulheres, foco de estudo desta pesquisa, evidencia-se como um fenômeno discursivo capaz de refletir diversos aspectos de uma sociedade cada vez mais conectada em rede.

As *hashtags* são um termo associado a uma palavra-chave que se deseja indexar em redes sociais, combinada ao símbolo da cerquilha (#) antes da palavra, frase ou expressão.

Quando a combinação é publicada, gera um *hiperlink* que leva para uma página com outras publicações relacionadas ao mesmo tema.

Além disso, as *hashtags* são um tipo de metadado<sup>10</sup> que tem várias funções. Uma delas é atuar como um agregador, pois permite que o usuário de uma rede social clique em uma *hashtag* e visualize outras mensagens indexadas com essa *tag*. Isso facilita a participação em discussões mais amplas ou que se explore um determinado tema. Outra função importante das *hashtags* é representar uma filiação, podendo ser usadas para indicar que um usuário faz parte de um determinado grupo ou apoia uma causa específica.

Malini (2013) aponta que as *hashtags* possibilitaram um alcance maior para as pessoas. Antes somente em cartazes nas ruas, as *tags* tomaram o espaço virtual, conduzindo à multiplicação dos “likes”, o que promove uma disseminação ilimitada de seus conteúdos. Exemplos dessas *hashtags* incluem: #passelivre #vemprarua #ogiganteacordou #nãovaitercopa, representando diversos movimentos dentro de um único movimento.

As *hashtags* configuram um domínio próprio, mostrando, conforme Costa-Moura (2014), que manifestações originadas integralmente na rede e mobilizadas com uso das novas tecnologias de comunicação revelam que esse uso ultrapassa a mera descrição do mundo, uma vez que são novas maneiras de criação e desconstrução da realidade.

Assim, à medida que se atua por meio das redes sociais, ocorre o movimento de forjamento e mudança do real. Dessa maneira, ocorrem mudanças no ativismo político e social e nos modos de participação no discurso, como na *hashtag* #exposedfortal, de interesse desta pesquisa, que surgiu como uma forma de denunciar e expor casos de abuso sexual em escolas da cidade de Fortaleza.

Inicialmente criada por mulheres jovens em idade escolar, essa *hashtag* se expandiu para outras mulheres que se identificaram com os relatos e passaram a fazer denúncias, muitas vezes lembrando assédios sofridos no passado pelo mesmo agressor das vítimas mais jovens.

Esse movimento ganhou força e se tornou uma maneira poderosa de denunciar os casos de abuso, tornando essa *hashtag* um meio de ampliar a voz dessas jovens e expor uma realidade que, muitas vezes, é negligenciada pelas autoridades, conforme aponta a pesquisa de Abreu (2020) sobre as feministas, que historicamente têm sido marginalizadas e têm enfrentado representações estereotipadas e preconceituosas.

---

<sup>10</sup> Os metadados são componentes integrantes da estrutura de um dado principal e têm a função de transformá-lo em um conjunto de informações úteis. Cada item de metadado pode fornecer detalhes sobre o dado ao qual está associado, geralmente em um formato que um computador pode interpretar facilmente. Eles são utilizados para catalogar e recuperar informações. Disponível em: <https://www.fiveacts.com.br/metadados>.

As feministas, em particular, têm lutado contra essas representações negativas e discriminatórias por meio de discursos de desconstrução de estereótipos e combate aos preconceitos arraigados. Além disso, a pesquisadora menciona a importância de dar voz aos grupos minorizados, no sentido de revelar como os sujeitos oprimidos defendem seus ideais e garantem seu lugar social por meio de discursos que informam, desconstruindo estereótipos e combatendo preconceitos.

Assim como no caso do movimento *#exposedfortal*, as mulheres que participam desse movimento, ao se organizarem discursivamente para expor os casos de abuso sexual, contribuem para o entendimento das relações sociais e para a desconstrução de estereótipos associados a vítimas de abusos, como, por exemplo, o de serem culpadas pelo assédio sofrido.

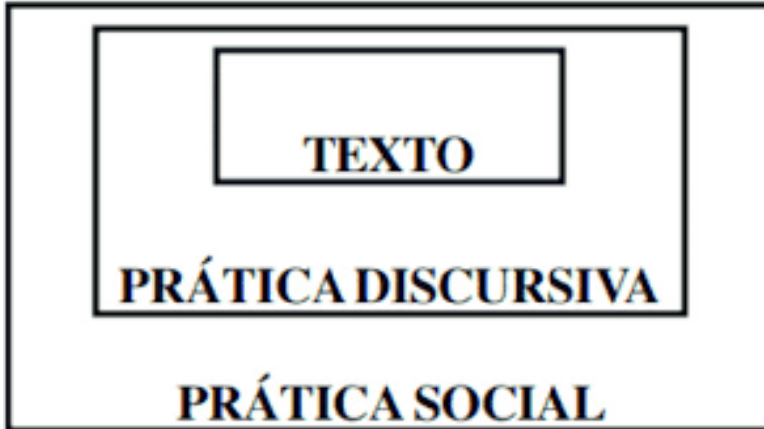
Dessa forma, as produções discursivas com o uso de *hashtags* nas redes sociais têm uma importante função no que diz respeito à produção, reprodução e promoção da superação de relações de poder e dominação, tais como a de gênero. Assim, nota-se o processo de mudança social e de mudança discursiva, considerando que a relação entre ambas se dá em uma perspectiva dialética.

Em uma sociedade em que discursos de ódio estão presentes, esses discursos são uma prática social em que eventos discursivos carregados de preconceitos e intolerância perpetuam estereótipos e estigmas para manter relações de poder, resultando em ofensas e violência para aqueles que são alvo. É fundamental compreender que os discursos não apenas nos possibilitam interagir com o mundo e representá-lo, mas também conferem significado a ele.

Desse modo, no panorama da modernidade posterior, as desigualdades sociais e os variados tipos de opressão entre sociedades, e no interior de cada uma, ganharam novos aspectos, sendo de relevância à ADC o seu exame. Através da ADC é possível analisar a relação entre linguagem e sociedade, e essa análise discursiva-crítica pode possibilitar a materialização discursiva dos problemas sociais, isto é, executar a crítica social baseada no discurso através da análise dos efeitos sociais dos textos, assim sendo, seus efeitos causais.

Nessa medida, a Análise do Discurso Crítica (ADC) emerge como uma abordagem que contribui significativamente para a compreensão dos fenômenos sociais em questão, ao mesmo tempo em que indica possíveis caminhos para a mudança social. Visando compreender o discurso como parte integrante das práticas sociais e das relações de poder, Fairclough (2001) propôs uma concepção tridimensional do discurso. Essa concepção abrange a análise das extensões do texto, da prática discursiva e da prática social, conforme ilustrado na figura a seguir:

Figura 2 – Concepção tridimensional do discurso



Fonte: Fairclough (2001).

A primeira dimensão refere-se à análise das características formais do texto, como a estrutura, o vocabulário e a gramática. A segunda dimensão refere-se à análise da prática discursiva, ou seja, das formas de produção, distribuição e consumo desses textos (prática onde os sujeitos lhe atribuem sentido). Já a terceira dimensão refere-se à análise da prática social que molda e é moldada pelo discurso.

Embora a abordagem de Fairclough não tenha sido originalmente desenvolvida para o ambiente digital, ela pode ser aplicada na análise de textos nativamente digitais, como as narrativas de violência marcadas com a *hashtag* #expodesdfortal. Na primeira dimensão, que considera as características formais do texto, é necessário considerar, por exemplo, que podem ser textos mais concisos, além das possíveis peculiaridades do léxico e da gramática utilizados nesse ambiente. A segunda dimensão diz respeito à análise das práticas discursivas, explorando como esses textos digitais são produzidos, distribuídos e consumidos, considerando, por exemplo, o alcance, a rapidez, a capacidade de "viralizar" conteúdos e a interatividade das redes sociais.

No entanto, é na terceira dimensão que a análise desses textos se torna relevante, ao compreender a prática social que molda e é moldada pelo discurso. As narrativas de violência na *hashtag* #exposedfortal refletem não apenas o indivíduo, mas também revelam as dinâmicas sociais e as estruturas de poder. Como mencionado anteriormente, embora essa abordagem não tenha sido originalmente concebida para esse contexto, sua aplicabilidade se evidencia na capacidade de desvelar as relações de poder e identificar os discursos hegemônicos. Dessa forma, essa abordagem possibilita uma compreensão de como o discurso no ambiente digital é

usado para perpetuar a violência de gênero, como as narrativas de violência são distribuídas e são consumidas e como a violência está enraizada em estruturas sociais.

O modelo de análise, quanto ao texto, é detalhado em categorias, que incluem vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual, que são elementos fundamentais na análise textual, conforme quadro abaixo:

Quadro 1 – Categorias analíticas do discurso, baseado em Fairclough (2001)

<b>CATEGORIAS ANALÍTICAS DO DISCURSO, DE FAIRCLOUGH (2001)</b>		
<b>Texto</b>	<b>Prática Discursiva</b>	<b>Prática Social</b>
<b>Vocabulário</b>	Produção	Ideologia (sentidos, pressuposições, metáforas)
<b>Gramática</b>	Distribuição	
<b>Coesão</b>	Consumo	Hegemonia (Orientações econômicas, políticas, socioculturais, ideológicas)
<b>Estrutura Textual</b>	Contexto	
	Força	
	Coerência	
	Intertextualidade	

Fonte: adaptado de Ramalho e Resende (2006).

Na análise textual, o estudo do vocabulário diz respeito às escolhas lexicais utilizadas para transmitir um determinado assunto em contextos específicos, examinando nos níveis lexical, gramatical, coesivo e de estrutura textual. A compreensão desses elementos permite a identificação de padrões discursivos e de ideologias presentes no texto.

A prática discursiva abrange a concepção de que o texto é uma materialização discursiva, porém também está relacionada às práticas sociais e a um amplo conjunto de ideologias e contextos sociopolíticos. Na análise da prática discursiva, são consideradas as atividades cognitivas envolvidas na produção, distribuição e consumo de textos. Também são analisadas as categorias como a intertextualidade, que diz respeito à análise intertextual, às relações dialógicas entre o texto em questão e outros textos (intertextualidade), bem como às relações entre diferentes áreas de discurso (interdiscursividade).

A análise da prática social está associada aos aspectos ideológicos e hegemônicos no discurso analisado. Na categoria de ideologia, observa-se elementos do texto que podem ser investidos com significados ideológicos, como os sentidos das palavras, pressuposições, metáforas e estilo. Na categoria de hegemonia, são examinadas as orientações da prática social, que podem ser econômicas, políticas, ideológicas e culturais e como o texto se enquadra em



contextos de luta hegemônica, contribuindo para a articulação, desarticulação e rearticulação de complexos ideológicos (Fairclough, 2001).

Para a nossa análise, consideramos a categoria da Intertextualidade e Interdiscursividade, referentes à prática discursiva e à análise da prática social, para a compreensão das ideologias e práticas dominantes. A compreensão das relações de poder no discurso e das formas de resistência a ele está relacionada aos conceitos de ideologia e hegemonia, os quais estão ligados à maneira como a sociedade compreende suas próprias práticas sociais e as reflete.

A ideologia, por sua vez, envolve a reflexividade discursiva que envolve relações assimétricas de poder e sentidos a serviço da dominação. Além disso, de acordo com Fairclough (2001), a ideologia é caracterizada por se manifestar materialmente nas práticas das instituições; por influenciar e constituir os sujeitos; e pelos Aparelhos Ideológicos do Estado, como a educação e a mídia, desempenharem um papel fundamental na delimitação das ideologias.

Essas ideologias são construções da realidade, que surgem a partir de diferentes propósitos das práticas discursivas, contribuindo para a produção, reprodução ou transformação das relações hegemônicas. Desse modo, Thompson (1998) reconhece o caráter discursivo da ideologia, uma vez que esses significados são identificados, construídos e reconstruídos a partir da comunicação entre sujeitos nas práticas sociais.

O autor explica, sob uma perspectiva crítica, que a ideologia sustenta as relações de dominação, reduzindo os conflitos sociais e concentrando-se em desviar a busca de mudança social. A ideologia se encontra na aplicação das formas simbólicas na construção de significados que corroborem com a perspectiva particular e atendam à manutenção da superioridade de um grupo social dominante.

Por formas simbólicas, o autor entende “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (Thompson, 1998, p. 79). Assim, a ideologia promove uma dominação que é imposta no cotidiano dos grupos minorizados por meio de pontos de vista, ideias e valores, que geram a supremacia de um grupo sobre o outro.

Esse processo é denominado hegemonia por Gruppi (1978), que se refere à dominação exercida por uma classe social não apenas por meio da coerção, mas também pela construção de consensos e influência cultural. Nesse sentido, as práticas discursivas e institucionais estão enraizadas em relações de poder e interesses de classe.

Conforme aponta Eagleton (1997), o conceito de hegemonia sugere um processo contínuo e uma luta articulatória com pressões e limitações específicas, envolvendo a

articulação e aliança entre forças sociais, em vez de se basear unicamente na capacidade. Ao contrário de ser uma característica definitiva, a hegemonia requer uma renovação, recriação, defesa e sustentação constantes.

Para que um grupo se mantenha temporariamente em uma posição hegemônica, é necessário estabelecer liderança moral, política e intelectual na vida social, difundindo uma visão de mundo particular em todo o tecido da sociedade, de modo a igualar os interesses desse grupo com os da sociedade como um todo. Em contrapartida, os discursos podem ser vistos como ferramentas que destacam contradições e estabelecem limites nos posicionamentos hegemônicos.

Dessa forma, conforme Williams (1979 *apud* Marcos, 2021), o conceito de contra-hegemonia é definido como uma ferramenta destinada a evidenciar contradições e instaurar tensões nos posicionamentos hegemônicos, visando reverter as condições de marginalidade impostas a amplos estratos sociais pelo capitalismo.

Dessa maneira, podemos abranger nesse contexto as experiências comunicativas voltadas a destacar as narrativas dos grupos historicamente oprimidos. Nessa perspectiva, as mulheres que utilizaram a #exposedfortal, ao denunciar os assédios, estão expondo as contradições presentes nas estruturas dominantes que, muitas vezes, culpabilizam a vítima pela violência sofrida.

A partir dessas reflexões, Fairclough (1997) ressalta a importância de uma investigação crítica sobre como a ideologia se manifesta e é reproduzida nas práticas discursivas, que tem como objetivo promover a conscientização e a transformação social. Nesse contexto, compreender as relações de poder presentes nas narrativas de si compartilhadas na *hashtag* #exposedfortal sobre abusos sofridos por mulheres revela como as vozes dessas vítimas são subjogadas e silenciadas em uma sociedade que perpetua a violência de gênero.

Essas mulheres são atravessadas pelo discurso hegemônico, que comumente culpa as vítimas de violência de gênero ao questionar suas ações, roupas, comportamentos ou escolhas de vida. Esse tipo de discurso desvia a responsabilidade do agressor e contribui para a culpabilização da vítima, reforçando a ideia de que ela, de alguma forma, "provocou" ou "mereceu" a violência.

Além disso, essas vozes são desacreditadas ao serem questionadas em relação à veracidade de seus relatos, sendo retratadas como exageradas, dramáticas ou mentirosas. Um exemplo emblemático desse discurso foi o caso da influenciadora digital Mariana Ferrer, que denunciou ter sido dopada e estuprada durante uma festa em Santa Catarina, em 2018. Durante

o julgamento, a defesa do acusado fez menções à vida pessoal de Mariana, inclusive utilizando fotografias íntimas da jovem, que afirmou que as fotos haviam sido forjadas.

O entendimento do promotor foi de que o réu não teria como saber que Mariana não estava em condições de dar consentimento à relação sexual, argumentando que não havia dolo, ou seja, intenção de estuprar. Essa conclusão do promotor foi chamada de "estupro culposo", que posteriormente também se tornou uma *hashtag* bastante compartilhada, #estuproculposonãooexiste, gerando grande indignação no meio jurídico e na sociedade. Mesmo assim, surpreendentemente, o réu foi inocentado por falta de provas<sup>11</sup>. Esse caso ilustra como o discurso pode ser utilizado como uma ferramenta de dominação, na qual a voz das vítimas é sistematicamente minimizada e desacreditada.

Como grupos minorizados, as mulheres encontram formas de resistir à hegemonia social por meio de denúncias em redes sociais, como os relatos de violência por meio da *hashtag* #exposedfortal. Essas denúncias têm um papel importante na amplificação das vozes femininas contra a hegemonia social que normaliza e perpetua essa opressão.

Ao compartilharem suas experiências, confrontam diretamente o discurso hegemônico que culpa as vítimas e minimiza a gravidade da violência que sofrem, desafiando as ideologias que sustentam a opressão de gênero. Essa resistência também é forjada por meio da conscientização das relações de poder presentes no discurso e ao questionamento das ideologias que sustentam a opressão de gênero.

Nesse sentido, Thompson (1998) destaca o caráter discursivo da ideologia, ou seja, ele reconhece que os significados ideológicos são identificados, construídos e reconstruídos por meio da comunicação entre os sujeitos nas práticas sociais. Enfatiza a importância do discurso na formação e reprodução das ideologias, pois é por meio da linguagem e das interações sociais que as ideias e crenças se difundem e se legitimam.

Nessas práticas discursivas, os sujeitos contemporâneos forjam sua identidade, sendo chamados de sujeitos pós-modernos, resultado de transformações sociais, políticas e econômicas. De acordo com Hall (2005), o sujeito, anteriormente na história, foi dotado de uma identidade unificada e estável, tornando-se, na atualidade, fragmentado, composto não apenas por uma única identidade, mas por múltiplas identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.

---

<sup>11</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2020/11/03/caso-mariana-ferrer-ataques-a-blogueira-durante-julgamento-sobre-estupro-provocam-indignacao.ghtml>.

Sobre isso, Chouliaraki e Fairclough (1999) argumentam que, na modernidade tardia, também conhecida como sociedade pós-moderna, ocorre uma desestabilização das identidades individuais e coletivas. Isso implica que as estruturas sociais e culturais da modernidade, como as instituições tradicionais e as formas de organização social, estão em declínio ou passam por mudanças significativas.

No passado, a contestação por parte das mulheres submetidas à violência era praticamente inexistente, dada a naturalização da violência contra a mulher. Embora, atualmente, a situação ainda esteja distante de ser favorável, como evidenciado pelo caso do ‘estupro culposo’ no caso Mariana Ferrer, é possível perceber mudanças, ainda que modestas, na abordagem de algumas instituições em prol das mulheres e sobretudo, observa-se, o avanço das mulheres em expressar suas vozes.

Nesse contexto, as identidades individuais e coletivas tornam-se menos estáveis e fixas, sendo constantemente negociadas e construídas por meio do discurso. As pessoas são confrontadas com uma diversidade de opções e influências culturais que anteriormente não estavam disponíveis, resultando em uma maior fragmentação e fluidez das identidades.

É nessa perspectiva que as mulheres, ao narrarem suas vivências por meio da *hashtag* #exposed, evidenciam como suas identidades são moldadas pela diversidade de influências culturais. Elas são atravessadas por inúmeros discursos que estereotipam e ditam o comportamento feminino, promovendo a ideia de que as mulheres devem se calar, negando-lhes seu direito de expressão. No entanto, ao romperem com esses estigmas, as mulheres negociam discursivamente suas identidades e constroem uma identidade coletiva com outras mulheres.

Dessa forma, a ADC, como abordagem teórica para a análise das narrativas sobre violência de gênero feitas por mulheres que utilizaram a #exposedfortal, permitiu uma análise mais ampla e crítica do discurso, levando em conta as dimensões formais, discursivas e sociais do fenômeno estudado, o que pode contribuir para a compreensão crítica das práticas discursivas e sociais que emergem dos relatos, além de contribuir para a visibilidade sobre a temática de violência de gênero.

## **2.2 A construção discursiva da identidade**

A construção da identidade é um processo complexo e multifacetado. Sendo a linguagem uma das principais ferramentas para moldar e expressar as identidades, é fundamental destacar a importância do discurso na construção de identidades. Nesse sentido,

esta investigação se baseia no pensamento de Hall (2011), que admite que o discurso desempenha um papel fundamental na construção de identidades e que os relatos que os sujeitos mobilizam para descrever determinadas características identitárias constituem o que estão tentando descrever sugerindo que a maneira como falamos sobre nós mesmos e nossas experiências pode realmente moldar e definir quem somos.

Ainda segundo Hall (2005), o sujeito é gerado como um efeito do discurso e no discurso, inserido em formações discursivas específicas, sem possuir existência autônoma. O discurso atua sobre a identidade por meio da posição do sujeito, isto é, a posição que os sujeitos ocupam na divisão entre o nós e o eles; entre o eu e o outro.

Portanto, as identidades são moldadas pelo discurso e são elaboradas em contextos históricos e institucionais específicos, uma vez que as identidades são construídas dentro, e não fora, do discurso. Nesse sentido, é de suma importância compreender que as identidades são o resultado de contextos históricos e institucionais específicos, inseridas em formações e práticas discursivas específicas, moldadas por estratégias e iniciativas particulares.

Ademais, elas surgem no contexto do exercício de modalidades específicas de poder, sendo mais o produto da demarcação da diferença e da exclusão do que o sinal de uma unidade idêntica naturalmente constituída, representando uma "identidade" em seu sentido tradicional, ou seja, uma uniformidade que abarca tudo, uma identidade sem costuras, completa, sem diferenciação interna.

Hall (2005) argumenta que a concepção de uma identidade cultural fixa desde o nascimento, impondo sistemas rígidos de pertencimento e inserção em comunidades imaginadas, é desconstruída por novos sistemas representacionais. As nações são percebidas como resultantes de diversas influências, incluindo invasões, apropriações e miscigenações, sendo a mídia um agente central nesse processo.

Assim, as identidades culturais se configuram pela diferenciação do Outro, escapando das restrições do binarismo tradicional, como dentro e fora, Eu e Outro. Isso quer dizer que a representação do Outro se dá por meio de deslocamentos, considerando a reprodução da identidade estabelecida pela diferença em um espectro contínuo e fluido.

A identidade híbrida, segundo Hall (2005), é um fenômeno cultural derivado da globalização que reconfigura constantemente os modelos culturais, desfazendo limites e enfatizando a diferenciação em detrimento da estabilidade. Nessa perspectiva, as identidades culturais na atual sociedade são caracterizadas pelo hibridismo, rompendo com padrões de legitimação e assumindo formas variadas, transitando entre o centro e as margens. Em vista disso, o processo de identificação torna-se mais provisório e variável, e a identidade passa a ser

entendida como algo maleável, moldada pelo olhar do outro e desenvolvida ao longo da vida, principalmente por meio de sistemas simbólicos sociais.

Também é pertinente considerar a perspectiva de Giddens (2002), que propõe que a identidade não é mais uma característica inerente, mas algo que é continuamente formado e reformado pelo sujeito em vários contextos de ação, sugerindo que os sujeitos desempenham um papel ativo na criação e promoção de influências sociais que têm implicações e consequências globais.

Dessa forma, a autoidentidade, ou seja, a percepção, compreensão e definição que um sujeito tem de si mesmo é percebida como um processo contínuo de reflexão e construção, no qual os sujeitos permanecem em constante questionamento sobre quem são e o que os leva ao processo de criação de uma narrativa compreensível de si mesmos.

Compreendemos que a construção da identidade é uma empreitada coletiva, dependendo tanto dos julgamentos alheios quanto das autodefinições individuais. Nesse contexto de transformação constante das identidades culturais, essa base de entendimento nos é muito cara à medida que direcionamos nossa atenção para a construção discursiva das mulheres que compartilham suas histórias de vida nas redes sociais.

Nesse contexto, vale ressaltar que a representação histórica da mulher tem variado ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais. Em muitas sociedades antigas, a mulher era frequentemente considerada inferior ao homem, com seu papel principal sendo o de cuidar da casa e dos filhos. Em algumas culturas, as mulheres eram tratadas como propriedade dos homens, desprovidas de direitos legais e políticos, submetidas à vontade de seus maridos e restritas ao papel de procriadoras. Sua sexualidade era negada e não havia autonomia sobre seu próprio corpo nem sobre si mesma.

A persistência dessa perspectiva é amplamente aceita em diversas sociedades consideradas como “evoluídas”. Tal aceitação pode variar significativamente com base em distintos aspectos, tais como o nível educacional do sujeito, suas convicções religiosas e crenças. Em muitos casos, esses fatores influenciam diretamente a percepção e a abordagem em relação à violência contra as mulheres, evidenciando a complexidade e a interconexão de elementos culturais, educacionais e religiosos que permeiam tais concepções arraigadas na sociedade contemporânea.

Contra-pondo-se à tradição patriarcal, é evidente, atualmente, a mudança da realidade das mulheres, visto que conquistaram uma maior visibilidade social e conseqüentemente alcance de direitos, graças aos movimentos feministas que emergiram desde o início do século XX. No entanto, essa transformação ainda não assegurou de maneira plena

uma equidade social entre mulheres e homens, já que persistem significativas disparidades nas relações entre os gêneros.

Sobre esse tema, Ribeiro (2019) destaca a existência de um olhar colonizador sobre os corpos das mulheres, conhecimentos e produções e que, para superar esse olhar, é necessário partir de perspectivas alternativas. De modo geral, a mulher é frequentemente considerada em relação ao homem, em vez de ser pensada a partir de si mesma. É como se ela fosse sempre definida como a outra em relação ao homem, aquela que não é homem.

Esse pensamento é apresentado por Simone de Beauvoir ao categorizar a forma de pensar da sociedade patriarcal sobre as mulheres como "Outro" em sua obra "O Segundo Sexo" de 1949. Segundo ela, a mulher é frequentemente definida em relação ao homem, sendo percebida como subordinada e subjugada, ou seja, como aquela que não é o homem:

Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é natural. É de maneira formal, nos registros dos cartórios ou nas declarações de identidade que as rubricas, masculino, feminino, aparecem como simétricas. A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo vir o sentido geral da palavra homo. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade (Beauvoir, 1949, p. 9).

No entanto, Beauvoir (1949) busca em sua obra questionar essa concepção e trazer a autonomia e igualdade das mulheres, desafiando a noção de universalidade da experiência masculina, destacando a importância de reconhecer a mulher como um sujeito autônomo e não apenas como "Outro" em relação ao homem.

Diante disso, é crucial compreender que a identidade do sujeito, independentemente do seu gênero, não pode ser vista apenas como uma propriedade de um ser autônomo e com limites definidos pelo gênero, que se revela por si mesmo ao longo da história. Quando se trata de discutir o papel do sujeito na construção da identidade feminina, é importante destacar que o estabelecimento do sujeito ocorre por meio da negociação entre identidade e diferença.

Dentro dessa perspectiva, Fairclough (1997) critica a dominação e o poder exercidos por certos grupos de sujeitos sobre outros, contribuindo para a ideia de que a construção do sujeito discursivo é um processo ideológico, o que evidencia as relações assimétricas existentes e como elas afetam a construção da identidade do sujeito. Portanto, é aceito que a identidade social da mulher não é uniforme, mas sim resultado de diferenças.

Dessa maneira, a identidade feminina é construída por meio da interação com outros sujeitos e da negociação de diferenças. A identidade é vista como um processo contínuo, em

que os sujeitos negociam sua identidade com base em suas interações sociais, culturais e ideológicas. O objetivo constante nesse processo é a constituição do "eu" (self) individual e coletivo, ou seja, a formação e afirmação da identidade pessoal e de grupo.

Nessa perspectiva, de acordo com Ferreira (2009), a identidade feminina é um conceito complexo que se desenvolve em um universo multifacetado. Ser mulher vai além de uma simples definição, pois implica em ser o valor feminino dentro de uma rede sócio-cultural-ideológica em constante variação. A construção da identidade feminina ocorre em um contexto social e cultural, permeado por uma diversidade de sentidos e ideologias.

Esse pensamento reconhece a complexidade das identidades. De acordo com essa perspectiva, as narrativas sobre violência de gênero compartilhadas pelas mulheres na *hashtag* #exposedfortal se alinham ao pensamento de Ferreira (2009) sobre a identidade feminina, que destaca diversos aspectos e influências que se manifestam em uma rede abrangente e em constante evolução, abarcando aspectos sociais, culturais e ideológicos que são influenciados por normas sociais, papéis de gênero e crenças culturais.

Consideramos que por meio dessas narrativas, as mulheres expõem suas experiências de violência vivenciadas ou testemunhadas, revelando como a violência de gênero está enraizada em sua realidade cotidiana, contribuindo para a construção de uma identidade feminina que vai além dos estereótipos e das expectativas sociais estabelecidas. Essas narrativas também revelam a diversidade de significados e ideologias presentes na construção da identidade feminina, pois cada relato é influenciado pela perspectiva individual e pela visão ideológica da sociedade em que estão inseridas.

Dessa forma, a construção discursiva da identidade feminina é moldada pelas interações e dinâmicas presentes no ambiente social e cultural, possibilitando que as mulheres associem também suas identidades ao conceito de empoderamento. É importante destacar que a identidade feminina pode adquirir significados e ideologias específicas, os quais são atribuídos e interpretados de acordo com a perspectiva ideológica de cada sociedade ou grupo.

Butler (2003) argumenta que os indivíduos são considerados inteligíveis quando adquirem seu gênero em consonância com modelos reconhecíveis de inteligibilidade de gênero, implicando que a identidade de gênero é construída e compreendida em relação às normas e expectativas sociais estabelecidas em determinado contexto.

Além disso, a concepção de empoderamento, conforme discutido por Berth (2018), envolve a união entre a conscientização crítica e a transformação na prática, o que reforça a noção de que a identidade feminina não é apenas um estado inato, mas sim um processo contínuo e performativo, impulsionado por meio de práticas sociais.



A busca pelo empoderamento, conforme a perspectiva de Batliwala (1994), não se limita apenas ao reconhecimento das forças sistêmicas que oprimem as mulheres, mas também envolve uma ação ativa na transformação das relações de poder existentes, configurando-se como um processo dirigido para a mudança das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em contextos específicos.

Em um contexto em que a busca pela igualdade de gênero e autonomia das mulheres ganha cada vez mais destaque, a compreensão do empoderamento feminino torna-se um elemento-chave para promover transformações significativas. Stromquist (2012) destaca que esse empoderamento não se limita a uma única dimensão, mas sim a quatro aspectos interconectados, sendo importantes para capacitar as mulheres em suas jornadas individuais.

Nesse contexto, exploramos as nuances dessas dimensões, enfatizando a sua relevância na construção discursiva da identidade feminina. Ao compreendermos como o empoderamento permeia cada uma dessas esferas: cognitiva, psicológica, política e econômica, podemos reconhecer sua influência na formação de uma identidade feminina mais empoderada.

Assim, ao se compreender que as identidades são multifacetadas e estão sujeitas a diversos fatores, como cultura, experiências pessoais, aspirações, valores e interações sociais, observa-se como as narrativas de violência de gênero vivenciadas por mulheres exercem uma influência significativa sobre a forma como elas se percebem e constroem sua identidade.

Através dessas experiências, as mulheres confrontam a realidade de uma sociedade que perpetua a desigualdade de gênero e a supremacia masculina. Isso é de suma relevância em uma sociedade fortemente patriarcal, na qual diversas formas de violência de gênero são cometidas contra as mulheres.

Segundo o Instituto Maria da Penha (IMP)<sup>12</sup>, existem cinco tipos de violência contra a mulher: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Os dados de pesquisa revelaram a ocorrência dessas violências, resultantes das imposições sociais que as mulheres enfrentam tanto no ambiente doméstico-familiar quanto no âmbito público.

É importante ressaltar que os movimentos feministas que têm como objetivo promover a igualdade social, além de combater os abusos e a violência contra as mulheres, vêm há tempos revelando a gravidade da ocorrência desses tipos de violência ocasionada pelo simples fato de ser mulher em uma sociedade patriarcal.

Hooks (1995) argumenta em favor da necessidade de uma nova abordagem conceitual para que grupos oprimidos transcendam a perspectiva de vitimização e assumam a

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>.

responsabilidade por confrontar as estruturas opressoras. Ela reconhece que esses grupos, ao serem oprimidos, são, de fato, vítimas, mas ressalta a importância de não se limitarem à identidade de vítima como única ferramenta de resistência, propondo que tais grupos devam explorar mecanismos de enfrentamento às opressões.

Destaca-se, dessa forma, que, ao se identificarem somente como vítimas, esses grupos correm o risco de se tornarem inertes, o que não contribui para a descolonização política. Em outras palavras, a constante identificação como vítima pode resultar em inércia, levando os indivíduos a se sentirem incapacitados no que diz respeito à mudança de sua situação. Por outro lado, é importante enfatizar a "resistência militante", ou seja, uma postura ativa e combativa contra as opressões que implica engajar-se de maneira ativa na luta contra as estruturas opressoras, em vez de somente aceitar a condição de vítima.

Diante da gravidade do tema, é importante refletir sobre a violência contra as mulheres. A violência contra as mulheres é um fenômeno social caracterizado por desigualdades de poder, afetando mulheres de todas as idades, origens étnicas, religiões, classes sociais e níveis educacionais. Segundo Almeida (2007), o termo violência contra a mulher é frequentemente utilizado com diferentes variações semânticas, que muitas vezes têm significados equivalentes a violência doméstica, violência intrafamiliar, violência conjugal, violência familiar e violência de gênero.

Segundo a autora, a terminologia violência de gênero é um termo que traz uma maior abrangência, pois compreende que as ações violentas têm origem em contextos relacionais, ou seja, nas interações interpessoais, que são influenciadas por diversos cenários sociais e históricos e não somente em ambientes familiares.

A mulher é o principal foco dessas ações violentas, que podem se manifestar de forma física, sexual, psicológica, patrimonial ou moral, tanto no âmbito privado-familiar como nos espaços de trabalho e públicos. Dessa forma, o termo violência de gênero abrange essa diversidade de situações, sendo este mais abrangente enquanto categoria.

Além disso, mostra que ao longo da história houve uma concentração expressiva desse tipo de violência voltada para os corpos femininos, evidenciando que as relações violentas existem devido às desigualdades de poder assimétricas que permeiam o cotidiano dos sujeitos em sociedade, o que também implica a adoção de uma perspectiva que não vitimize a mulher.

Nesse sentido, a violência de gênero revela a dominação social sobre os corpos, a sexualidade e a mente das mulheres e está arraigada nas estruturas sociais, culturais e patriarcais que perpetuam desigualdades de poder entre homens e mulheres, referindo-se a todas as formas

de violência direcionadas especificamente com base no gênero de uma pessoa, principalmente voltadas para as mulheres.

Dentro de relacionamentos íntimos, a violência de gênero pode se expressar simbólica e fisicamente, mantendo-se como um meio de controle. Conforme Segato (2003), a violência moral desempenha um papel central nesse contexto, sendo uma ação que envolve agressão emocional e serve de base para outros tipos de violência. Essa forma de violência ocorre no dia a dia através de gestos, atitudes e olhares, humilhando, intimidando, desqualificando e desvalorizando a mulher em várias áreas de sua vida.

Além do âmbito privado, a violência de gênero também se manifesta em espaços públicos, como assédio sexual, estupro, violência no local de trabalho, tráfico de pessoas e mutilação genital feminina. Essa violência busca exercer controle, subordinação e dominação sobre as mulheres, trazendo prejuízos para a segurança, bem-estar e autonomia.

A luta contra a violência de gênero requer conscientização, promoção da igualdade de gênero, educação e implementação de políticas públicas eficazes. É essencial garantir acesso à justiça e disponibilizar serviços de apoio às vítimas. É necessário desafiar e confrontar as normas de gênero prejudiciais, a fim de criar uma sociedade mais igualitária e livre de violência de gênero.

Nessa perspectiva, a violência contra as mulheres é frequentemente discutida como uma forma de controle e dominação baseada nas normas de gênero e na ideia de masculinidade hegemônica. Tanto a violência física quanto a psicológica representam manifestações extremas do poder patriarcal e visam inúmeras restrições relacionadas à liberdade de pensamento, reflexão e decisão.

As consequências são a humilhação, desvalorização e negação da mulher, com vistas a reforçar a suposta superioridade masculina. Tais violências parecem ter sido naturalizadas a ponto de gerar dúvidas quando uma mulher vítima de abuso faz uma denúncia. Infelizmente, ainda é comum questionar a palavra de uma mulher nessa situação.

Isso demonstra as desigualdades de poder existentes na sociedade na qual as estruturas patriarcais tendem a proteger os agressores e colocar em dúvida as vítimas, uma vez que o patriarcado sustenta relações de poder desiguais, em que os homens ocupam posições de privilégio e poder, impactando na maneira como os relatos de abuso podem ser recebidos e tratados.

Nesse sentido, Bourdieu (2002) examina a dominação masculina como algo que foi naturalizado e firmemente estabelecido socialmente, contribuindo para a perpetuação desses padrões opressivos. As relações entre os gêneros são moldadas por uma ordem social na qual a

dominação masculina pode ser reafirmada simbolicamente como um comportamento natural dos homens. A legitimação do domínio masculino sobre o feminino, dentro da ideologia de supremacia de gênero, pode ocorrer por meio do uso da violência, concedendo aos homens que compartilham da visão hegemônica o direito de utilizá-la como um atributo da masculinidade.

Sob a perspectiva dos estudos da Performatividade, de Butler (2003), a violência contra as mulheres é gerada por noções que sustentam o patriarcado, ou seja, as relações hierárquicas de poder, onde prevalece o poder hegemônico do homem, principalmente do homem branco, cis e heterossexual. A autora analisa como os discursos e práticas de gênero perpetuam essa violência, ao mesmo tempo em que a violência de gênero reforça esses discursos e normas sociais.

Para ampliar o debate, é importante lembrar que a validação do poder masculino ocorre, de certa maneira, através da perpetuação de padrões machistas na criação, reforçando a diferenciação entre os sexos e colocando o feminino em uma posição submissa em relação ao masculino.

Sobre esse tema, Adichie (2014) destaca a criação machista como extremamente prejudicial, pois restringe a expressão da humanidade dos meninos. Uma criação machista não apenas limita a liberdade e a autenticidade dos homens, mas também impacta negativamente as mulheres, reforçando a distinção entre os sexos e alocando o feminino em uma posição de subordinação em relação ao masculino. Essa concepção limitada de masculinidade suprime o pleno desenvolvimento humano tanto dos homens quanto das mulheres, e para tanto é importante questionar e superar esses estereótipos de gênero na criação dos filhos.

Além disso, a perpetuação das desigualdades de gênero é reforçada no convívio social, como, por exemplo, na escola, na qual normas tradicionais reforçam estereótipos de gênero. A mídia também desempenha um papel relevante ao influenciar percepções por meio de representações estereotipadas, contribuindo para a consolidação de normas sociais que limitam o desenvolvimento e empoderamento de mulheres.

Dessa forma, isso nos leva a refletir sobre a importância de desafiar e desconstruir as normas de gênero que sustentam a violência contra as mulheres, como a noção de que a violência é uma expressão natural da masculinidade, como por exemplo o que foi ilustrado nas denúncias da hashtag #exposedfortal sobre o grupo estudantes do sexo masculino que compartilhou fotos íntimas de meninas no grupo de whatsapp. Muitas pessoas, sobretudo, homens saíram em defesa desse grupo nas redes. A defesa desse comportamento como simples brincadeira de adolescentes em formação ressalta a necessidade de mudanças profundas em nossa compreensão e abordagem das questões de gênero. É necessário promover a

desconstrução desses padrões opressivos e estimular a igualdade de gênero, a fim de construir uma sociedade mais justa e livre de violência de gênero.

Essa reflexão está relacionada com as narrativas de denúncia de violência de gênero na *hashtag* #exposedfortal, que buscam expor e evidenciar os casos de violência sofridos pelas mulheres. Ao compartilhar suas histórias e experiências, as mulheres estão desafiando as normas que perpetuam a violência e buscando conscientizar a sociedade sobre a gravidade desse problema.

Assim, as mulheres estão engajadas em uma prática discursiva ao compartilharem suas narrativas na *hashtag* #exposedfortal, que vai além de simplesmente expor os agressores, pois, por meio dessas denúncias, elas buscam transformar as normas e práticas sociais que perpetuam tais formas de violência, promovendo a desconstrução desses padrões opressivos. Ao construir suas identidades individuais e coletivas por meio desse discurso, as mulheres fortalecem suas vozes e contribuem para a mudança da sociedade no combate à violência de gênero.

### **2.3 Narrativas de Si**

Diante das dinâmicas que se apresentam na sociedade em relação à mulher, é importante possibilitar a emancipação da voz feminina, no intuito de construção de sua identidade. Ao contar suas próprias histórias, as mulheres podem se sentir mais empoderadas e confiantes. Essas narrativas podem ajudar a validar suas experiências individuais e a reconhecer o valor de suas vozes.

Conforme Bertaux (2010), a ação de narrar mostra os trajetos e o desenvolvimento vivenciado pelo ser por meio de acontecimentos que podem ser chamados de temporalidade, havendo um pensamento reflexivo sobre momentos vividos e de pessoas que fizeram parte desses momentos, tendo o outro também como objeto de estudo. Quando as mulheres compartilham suas experiências por meio da narrativa, elas têm a oportunidade de se empoderar e, nesse processo de narrativização, refletir e reconhecer suas próprias jornadas e identidades.

Nesse processo de narrativização de suas vivências, as mulheres podem trazer muitos elementos para compor os relatos como recordações e trazer à tona lembranças do passado, permitindo a reflexão de sua própria identidade e história. Conforme Pineau e Le Grand (2012), esse processo é uma prática da (re)memoração autobiográfica que desencadeia um trajeto de produção de consciência de si.

Assim, escrever sua história de vida é o mecanismo de construção de uma representação de si, ou seja, lembrar-se de si, (re)memorar seu passado, refletir sobre si como resultado da produção de influências e escolhas. Narrar e escrever sobre si é uma representação que o sujeito faz de si. Essa prática de escrever a história de vida permite ao sujeito considerar as influências e escolhas que moldaram sua identidade. Portanto, narrar e escrever sobre si mesmo se torna uma forma de representação que o sujeito constrói para expressar sua identidade e suas experiências.

Ricoeur (1994) conceitua a "identidade narrativa", destacando que a identidade de uma pessoa se dinamiza conforme a narrativa de sua história. Segundo ele, a identidade da história molda a identidade do sujeito, ressaltando a interconexão entre o "si" relatado e a construção do "eu" como outro. Isso quer dizer que a forma como uma pessoa narra sua história desempenha um papel fundamental na dinâmica de sua identidade. A identidade narrativa sugere que a história pessoal não é simplesmente uma sequência de eventos, mas um fio condutor que molda a compreensão que o sujeito tem de si mesmo.

Ao enfatizar a interconexão entre o "si" relatado e a construção do "eu" como outro, destaca-se a complexidade do processo identitário. Nesse contexto, o indivíduo não é apenas um observador de sua própria história, mas um participante ativo na seleção e interpretação dos eventos que integram sua narrativa. A identidade narrativa, portanto, reconhece a agência do sujeito na construção de sua identidade, evidenciando como as escolhas narrativas influenciam a percepção que o próprio sujeito tem de sua existência e do "outro" que é revelado ao longo da narrativa.

White (2000) destaca a importância das práticas narrativas no enfrentamento de traumas e de suas consequências, sugerindo que essas práticas direcionam o sujeito para fora do epicentro do trauma, conduzindo-o a outros domínios de sua identidade. Especificamente no âmbito da psicologia, nas técnicas de narrativas terapêuticas, o foco reside não apenas em compreender as pessoas por meio de suas histórias, mas também na maneira como essas histórias são narradas.

Maia-Vasconcelos (2005) propõe que situações traumáticas motivam os sujeitos a expressarem suas emoções de maneira que em outros contextos podem ser difíceis de exprimir, levando-os a expressar essas emoções por meio da escrita, da fala e da exteriorização e que narrar experiências de vida, mesmo que sejam relacionadas aos traumas, é uma abordagem para compreendê-las, evidenciar a sobrevivência a essas experiências e extrair lições, sejam elas positivas ou negativas.

Bruner (2014) enfatiza a relevância da narrativa no processo de construção da identidade, destacando que é por meio dela que os sujeitos afirmam sua singularidade e se distinguem dos demais. Contudo, narrar sobre nós mesmos se torna complexo, uma vez que aquilo que compartilhamos frequentemente é moldado pela expectativa dos outros sobre nós, ou seja, o modo como escolhemos nos apresentar e compartilhar nossas histórias é muitas vezes guiada pelas normas sociais, percepções culturais ou até mesmo pelo desejo de sermos percebidos de uma maneira específica pelos outros.

Diante desse panorama, as redes sociais, como o Instagram, se destacam como ambientes propícios para o exercício da escrita sobre si, permitindo que os sujeitos narrem suas atividades cotidianas de maneira interativa e acessível. Nesse espaço, os relatos das histórias de vida revelam uma dimensão (auto)biográfica que possibilita aos sujeitos serem vistos e lembrados. Assim, as mulheres, ao compartilharem suas histórias através da *hashtag* #exposedfortal, constroem significados, tanto para si mesmas quanto para os outros na sociedade, proporcionando a audição dessas vozes de resistência.

Nesse sentido, as redes sociais, como o Instagram, no qual as pessoas podem publicar e compartilhar seus pensamentos, apresentam-se como um ambiente que permite o exercício de escritas sobre si, pois neste espaço interativo e acessível, os sujeitos narram suas atividades cotidianas, em uma mescla de esfera que, muitas vezes, vai do íntimo ao público.

É relevante destacar o pensamento de Goffman (2009), que aponta, como um elemento central de sua abordagem, a ideia de que estamos constantemente envolvidos em performances, buscando persuadir nossa audiência, o público ao nosso redor, propondo isso por meio da utilização de metáforas dramáticas para desenvolver essa perspectiva sobre a autenticidade de nossa atuação.

Assim, ao tentar convencer os outros de que nossa performance é crível, geralmente é necessário manter uma "coerência expressiva" ao representar determinado papel. Goffman (2009) sugere que há uma expectativa inerente de coerência entre o cenário, a aparência e o modo de comportamento. Ele argumenta que essa coerência, de certa forma, serve como um ideal que desperta nosso interesse e atenção, especialmente quando há exceções.

Nessa perspectiva, conforme Freitas (2015), o sujeito, ao elaborar uma narrativa de vida, constitui uma prática de dramatização na qual o sujeito se torna o autor de sua própria história, ocorrendo quando se propõe a refletir sobre sua vida em termos de uma totalidade temporal retrospectiva e prospectiva, considerando suas linhas de força, saberes adquiridos e as marcas do passado, bem como a perspectiva dos desafios do presente entre a memória revisitada e o futuro já atualizado.

Ao entrar no palco de sua existência, o sujeito se torna um ator ao refletir sobre sua existencialidade em relação às existencialidades alheias, que servem como reflexo e parâmetro. No processo autorreflexivo, é essencial compreender essa atitude como uma atividade de autointerpretação crítica e de conscientização da relatividade social, histórica e cultural dos referenciais internalizados pelo sujeito, que, por sua vez, constituem a dimensão sócio-cognitiva de sua subjetividade.

Nesse sentido, ao compartilhar suas histórias de abuso no Instagram, as mulheres realizam esse movimento de dramatização, buscando persuadir sua audiência sobre a credibilidade de suas próprias narrativas, sendo a rede social uma espécie de palco no qual expressam suas experiências.

É importante lembrar que das últimas décadas do século XX aos dias atuais as novas formas de comunicação que vêm surgindo caracterizam a sociedade contemporânea. Segundo Thompson (1998), a evolução dos meios de comunicação resulta em novos métodos de ação e interação, além de novas formas de relacionamentos sociais, que são significativamente diferentes dos que predominaram na maior parte do tempo.

Nesse sentido, a digitalidade crescente tem acarretado diversas mudanças. Tais fatores consideram as usuárias das redes sociais não como simples agentes passivas, mas como sujeitos que apresentam suas particularidades, características e identidades como sinais que devem ser considerados no processo de construção de suas identidades.

Conforme Maia-Vasconcelos (2014), à medida que as redes sociais são na contemporaneidade utilizadas como recurso de inclusão, construir uma história, por meio de compartilhamento com outras pessoas que passam pelas mesmas dificuldades, contribui na criação não apenas de uma história individual, mas une diversas histórias que constroem uma história coletiva. Dessa forma, a construção identitária é desenvolvida também através das narrativas.

Através dessa identidade compartilhada, as experiências individuais se entrelaçam em uma narrativa mais ampla, evidenciando as narrativas de violência de gênero na *hashtag* #exposedfortal, em que uma narrativa surge a partir de histórias individuais e se torna coletiva a partir de um grupo de mulheres que se identifica, se solidariza, compartilha desafios enfrentados e desperta empatia, ampliando o debate de uma questão social cada vez mais relevante.

Para Moita-Lopes (2001), por exemplo, uma das funções das narrativas está associada ao processo de construção de identidades sociais, que ocorre nas práticas narrativas nas quais as pessoas relatam a vida social e que, a partir do engajamento discursivo, se



constroem e constroem os outros. Isso permite refletir sobre a situação em uma sociedade onde as mulheres são silenciadas. Uma voz solitária enfrenta maiores dificuldades para ser ouvida ao denunciar, enquanto a união de várias vozes possibilita que essas mulheres sejam finalmente escutadas.

Partindo da ideia de que as redes sociais possibilitam uma expressão de si por meio de relatos nos quais os usuários narrativizam suas experiências, a interação nesses espaços é amplamente facilitada e de suma importância nesse processo, a exemplo do que aponta Freitas (2015) em sua pesquisa sobre as narrativas de si na rede social Twitter.

Segundo a autora, a interação é impulsionada principalmente pelas dramaturgias postas em movimento pelos sujeitos na rede. Eles reconhecem e praticam suas formas de se expressar mediante as relações que estabelecem com os outros usuários e com os elementos disponíveis na própria estrutura da rede social. Ela explica que a narrativa é a organização desse si que se orienta em direção ao mundo exterior para uma autodefinição que só é possível em relação a outros sujeitos. A interação com outros sujeitos é o que impulsiona e dá movimento a essa narrativa, permitindo, dessa forma, o sujeito se construir e se definir em relação aos outros.

Ao compreendermos que as relações e interações entre os sujeitos são de extrema importância na formação da identidade e na autodefinição, podemos observar como o compartilhamento de experiências entre mulheres, por meio da *hashtag* #exposedfortal, promove uma forte identificação entre elas, fazendo emergir o sentimento de sororidade.

A sororidade é um conceito que deriva da palavra "soror", significando "irmã" em latim. Este termo tem ganhado destaque nos movimentos feministas, simbolizando a união entre mulheres. Entretanto, seu significado transcende essa simples ideia, destacando a importância da empatia e solidariedade entre as mulheres. Na análise realizada, adotamos a definição de sororidade apresentada por Lagarde y de los Ríos (2006), a qual se fundamenta nos princípios do feminismo comunitário latino-americano.

Segundo Penkala (2014) a sororidade simboliza uma amizade entre mulheres diversas e semelhantes, que se aliam, se ajudam e se educam conjuntamente. Elas se encontram e se identificam no âmbito do feminismo, buscando viver suas vidas com liberdade e empoderamento. É a ideia de um grupo de mulheres unidas, formando uma irmandade. Mais do que isso, a sororidade é um pacto político e ético de irmandade entre as mulheres, que despertam práticas a fim de preservar e estimular a proteção, solidariedade e defesa entre as mulheres e, assim, enfrentar o patriarcado.

Esse sentimento pode ser acionado pelas recordações narradas e compartilhadas, promovendo o pensamento reflexivo sobre os momentos vividos ou testemunhados por essas

mulheres. Assim, a solidariedade entre as mulheres não se limita ao campo político e militante, mas se estende à prática diária de compartilhar histórias e vivências. Ao fazer isso, essas mulheres estão exercendo a sororidade, demonstrando apoio e empatia mútuos em suas interações cotidianas.

Nessa perspectiva, ao estabelecerem uma identificação com outras mulheres, mesmo por meio da dor, no combate à hegemonia masculina, elas podem construir uma identidade que lhes permite se posicionar como mulheres empoderadas e engajadas nessa luta, indo além do papel de vítimas. Não há dúvidas de que as mulheres são frequentemente vítimas de várias formas de violência cotidiana, as quais muitas vezes são silenciadas.

Ao compartilharem suas experiências, elas encontram força e fortalecem sua identidade coletiva. Para compreender essa dinâmica, é válido considerar as ideias de Rago (2013). Em sua pesquisa sobre as mulheres do movimento feminista, a autora considera a "escrita de si" como uma ferramenta poderosa para a transformação pessoal e coletiva das mulheres engajadas no movimento feminista, no sentido de que as mulheres envolvidas nesse movimento assumem o controle de suas próprias vidas e se tornam sujeitos de si mesmas por meio do trabalho de reinvenção da subjetividade possibilitado pela "escrita de si".

As narrativas de si, analisadas dentro de um amplo contexto social, englobam todas as interações sociais vivenciadas. De acordo com Holanda (2020), quando um indivíduo recorre a narrativas para contar sua própria vida, ele entrelaça sua identidade individual com sua identidade social. Seguindo o pensamento de Maia-Vasconcelos (2022), a Narrativa de Vida é um posicionamento resultante de diversos discursos que moldam o sujeito. A forma como um indivíduo se define em sua narrativa não apenas reflete sua escolha de como se ver, mas também de como se mostrar ao mundo.

Ao conduzir suas pesquisas, Maia-Vasconcelos (2022) revelou, em seus estudos, categorias de análise, das quais destacamos o posicionamento narrativo e o *Hardening*. No posicionamento narrativo, o sujeito é influenciado por sua subjetividade a se posicionar narrativamente acerca dos eventos vivenciados ao longo de suas experiências. Através de sua própria narrativa, seja individual ou coletivamente (em uma ondulação teleológica), o sujeito constrói conhecimentos, acertos, enganos e estabelece sua identidade.

Por outro lado, o *Hardening* leva o sujeito a estagnar em um porto de passagem, a partir do qual ele contempla sua vida como um todo ou todos os outros pontos de passagem pelos quais ele passou, sem contestação imaginável. Esse estado conduz a um *looping* narrativo constante que permeia suas narrativas nas dimensões de tempo e espaço, sempre atravessado por esse "tom". Esse ponto é caracterizado pela categoria de repetibilidade. Isso pode ser

evidenciado nas narrativas de violência de gênero na #exposedfortal, em que as mulheres parecem trazer esse tom de dor em suas narrativas.

Na construção das narrativas de si, a representação identitária feminina emerge desse *looping* narrativo. Esse processo não é apenas repetitivo, pois assume a forma de uma espiral que retrocede para avançar, retornando à dor para, a partir dela, expressar o que precisa ser dito. Esse processo não se limita a uma repetição estática, já que ele é dinâmico, marcado por progressões temáticas. São os investimentos do sujeito nessa temática que reiteram e demarcam seu lugar de fala, como esse sujeito se autoapresenta em busca da criação de um pacto de credibilidade entre ele e aquele que o escuta.

Segundo Lejeune (2014), ao narrar sua história, o sujeito busca estabelecer um acordo entre leitor e autor, sugerindo a concepção de um pacto autobiográfico, que se trata de um gesto contratual de base pragmática entre as partes sob o qual está em negociação a condição de veracidade circunscrita às formas autobiográficas. Esse pacto estabelece critérios para afirmar a identidade entre autor, narrador e personagem.

Em outras palavras, é uma relação crucial de identidade entre esses elementos. Esse pacto cria uma base de confiança entre o locutor e o interlocutor, sendo essencial para a credibilidade, uma vez que o narrador almeja ser acreditado em sua narrativa. Nesse sentido, a credibilidade de uma narrativa é, então, a medida em que os ouvintes acreditam que os eventos descritos ocorreram conforme relatado pelo narrador (Freitas, 2015). Essa condição de produção da narrativa é fundamental para o sucesso do evento narrativo.

Em vista disso, considerando o contexto específico das mulheres que compartilharam suas narrativas de si por meio de postagem de vídeo no Instagram, indexadas pela *hashtag* #exposedfortal, essas mulheres estabelecem o pacto autobiográfico. Ao narrarem o assédio sofrido por elas ou por outras mulheres em suas narrativas de si, buscam constituir credibilidade e estabelecer essa relação de confiança com outras mulheres, pois a confiança na veracidade de suas experiências é essencial para desafiar, por exemplo, o discurso machista, que muitas vezes permeia as vivências dessas mulheres vítimas de assédio, culpabilizando-as por sua própria vitimização.

Dessa forma, as mulheres que compartilham suas histórias de violência de gênero se valem da *hashtag* #exposedfortal para contar suas próprias narrativas, reivindicar sua voz e construir uma identidade mais empoderada. Essas narrativas podem ajudar a criar conscientização sobre a violência de gênero, bem como promover a solidariedade e o apoio entre as mulheres.

Ao traçarmos esses conceitos envolvendo as narrativas de si, é possível revelar como as mulheres têm a oportunidade de reivindicar suas identidades e podem desafiar as narrativas dominantes que as oprimem. Isso pode envolver a ressignificação de experiências de opressão, a construção de novas formas de ser mulher e a busca por uma maior igualdade de gênero. Essas narrativas individuais também contribuem para a formação de uma identidade coletiva, promovendo a solidariedade entre as mulheres e impulsionando movimentos feministas de empoderamento e luta pelos direitos das mulheres.

Assim, a partir dessas perspectivas teóricas, podemos entender que as narrativas das mulheres na *hashtag* #exposedfortal estão relacionadas à construção e expressão de sua identidade feminina em um contexto de violência de gênero. Ao compartilharem suas histórias, elas estão desafiando normas sociais, buscando apoio, solidariedade e, em certa medida, justiça, além de conscientizar o público sobre a temática por meio da realidade de suas experiências.

Dessa forma, a fundamentação teórica aqui apresentada permite a construção de um embasamento para os objetivos da pesquisa, bem como para a elaboração da metodologia, que será apresentada a seguir.

### 3 METODOLOGIA

[...] não / eu não falo pelas mulheres / chega de sermos interrompidas / não / eu não falo pelas mulheres / quero ouvi-las (Puã, 2019, p. 7).

Nesta seção, serão descritos os procedimentos de geração de dados, a análise do *corpus* e as etapas de interpretação, buscando oferecer uma visão do método de análise que amparou esta pesquisa. Esta seção está subdividida nas seguintes seções: 3.1) Caracterização da pesquisa; 3.2) Lócus de pesquisa: A rede social instagram e a importância das *hashtag* na divulgação de conteúdos, em especial a *hashtag* #exposedfortal; 3.3) O *corpus* da pesquisa; 3.4) O processo de geração e análise de dados; 3.5) Procedimentos para desenvolver a análise do contexto sócio-histórico em que a *hashtag* #exposedfortal surgiu; 3.6) Procedimentos para desenvolver a análise dos temas mobilizados nas narrativas das mulheres e 3.7) Procedimentos para desenvolver a análise dos recursos textuais-discursivos que marcaram o processo da construção discursiva da identidade feminina nas narrativas de si sobre violência de gênero reunidas na *hashtag* #exposedfortal.

O procedimento de análise consistirá em apresentar e interpretar o contexto social que viabiliza a investigação da temática escolhida no cenário atual, bem como os objetivos que orientaram esta pesquisa. Em seguida, serão selecionadas e definidas as categorias relevantes para a análise para que, dessa forma, seja possível construir os sentidos acerca dos discursos que emergiram no *corpus* analisado e seus possíveis resultados.

#### 3.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa lança mão de uma abordagem qualitativa/interpretativa, à medida que o interesse está na busca de investigar os fenômenos reflexivamente quanto à construção discursiva da identificação nas narrativas. Essa perspectiva metodológica concentra-se na compreensão e interpretação dos significados, experiências e processos subjacentes a um fenômeno.

Segundo Denzin e Lincoln (2005), a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que coloca o observador dentro do mundo. Consiste em práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo, criando diversas representações, como notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais. A pesquisa qualitativa adota uma postura interpretativa e naturalística, em que os pesquisadores

estudam as coisas em seus contextos naturais, buscando compreender e interpretar os fenômenos a partir dos sentidos atribuídos pelas pessoas.

Conforme Flick (2004), os princípios fundamentais que orientam a pesquisa qualitativa são distintos daqueles aplicados na pesquisa quantitativa. A pesquisa qualitativa se baseia na seleção adequada de métodos e teorias pertinentes, no reconhecimento e análise de diversas perspectivas, na reflexão dos pesquisadores sobre sua própria pesquisa como parte do processo de geração de conhecimento, e na utilização da variedade de abordagens e métodos.

Dessa forma, como referencial teórico-metodológico-analítico, a pesquisa teve como suporte principal a Análise de Discurso Crítica (Fairclough, 2001; 2003; Magalhães, 2024; Ramalho; Resende, 2011; Magalhães; Martins; Resende, 2017), que propõe pressupostos epistemológicos relevantes para o escopo dessa investigação tanto para contribuir para a discussão da relação entre linguagem e sociedade com ênfase na mudança social, como para oferecer a esta pesquisa um valor de comprometimento social que extrapola a contribuição acadêmica, já que fornece não somente uma análise de elementos linguísticos, como também de aspectos sociais a partir de uma abordagem linguística ligada às ciências sociais.

Segundo Magalhães, Martins e Resende (2017), a ADC analisa profundamente a linguagem e suas implicações para a realidade social trouxe novos aspectos para a perspectiva analítica, pois se trata de “uma abordagem teórico-metodológica nas sociedades contemporâneas que tem atraído cada vez mais pesquisadores (as), não só da Linguística Crítica, mas também das Ciências Sociais” (Resende; Ramalho, 2006. p. 7).

Por esta pesquisa analisar narrativas, associamos a ADC a categorias da teoria das narrativas de si, tais como posicionamento narrativo e *hardening* (Maia-Vasconcelos, 2022), que, associadas, contribuiram para a investigação discursiva na perspectiva dos sujeitos que narram suas histórias.

A escolha metodológica adotada para esta pesquisa foi adequada para o estudo da construção discursiva das mulheres nas narrativas, uma vez que a utilização do método de pesquisa qualitativa em conjunto com a Análise de Discurso Crítica (ADC), que possui uma ampla abrangência teórica e metodológica, proporciona uma abordagem coerente, pois atua tanto como uma teoria que fundamenta as interpretações das categorias linguísticas, quanto como um método de análise dessas categorias. Essa abordagem permite a realização de análises embasadas na realidade social, onde relações assimétricas de poder estão presentes, possibilitando a compreensão da "naturalização" dos discursos.

Além disso, esta investigação é de natureza descritiva e exploratória, posto que foi realizada uma análise por meio de observação direta de como se configuraram as narrativas

publicadas e a identificação dos recursos textuais-discursivos que marcaram o processo da construção discursiva da identidade feminina nas narrativas de si sobre violência de gênero reunidas na *hashtag* #exposedfortal.

A ADC, conforme demonstrado em nossa fundamentação teórica, propõe uma concepção tridimensional do discurso concebida por Fairclough (2001), que compreende a análise do texto, da prática discursiva e da prática social. Tal concepção será utilizada para a análise do *corpus* desta pesquisa. A seguir, apresentaremos o lócus da pesquisa, analisando suas características específicas e destacando a importância de compreender o ambiente em que a pesquisa foi conduzida.

### 3.2 Lócus da pesquisa

O Instagram<sup>13</sup> foi criado por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger em 2010. No início, o Instagram foi concebido exclusivamente para funcionar na plataforma iOS, o sistema operacional presente nos dispositivos Apple, como iPhone, iPod Touch e iPad. Dessa forma, inicialmente, o acesso ao aplicativo era mais restrito, limitando-se apenas a usuários desses dispositivos específicos.

A partir de 2012, o Instagram tornou-se disponível para outros dispositivos que não eram fabricados pela Apple, inclusive aqueles com sistema operacional Android. Atualmente, a plataforma pode ser acessada por meio de computadores, tablets e diversos modelos de celulares. Essa expansão de acessibilidade representou uma alteração importante na percepção inicial do Instagram como uma plataforma exclusiva.

Contudo, mesmo com essa mudança, a reputação do Instagram perdurou como uma plataforma por vezes considerada "fútil" e elitista. Durante muito tempo, a plataforma foi associada à exibição de vidas aparentemente perfeitas e idealizadas em que os usuários exibem sempre o "lado bom da vida".

Essa característica ainda persiste na rede, e a ênfase na autoapresentação de uma vida idealizada permanece como um traço marcante da rede. A natureza visual do conteúdo é

---

<sup>13</sup>Em apenas um ano, o Instagram já contava com dez milhões de usuários, sendo que o serviço estava disponível apenas para proprietários de *iPhones* e *iPads*. Em 2012, o Facebook comprou o Instagram por cerca de 1 bilhão de dólares, no mesmo ano em que a rede social foi disponibilizada para dispositivos Android. Desde 2015, os brasileiros ocupam lugar de destaque nas estatísticas do aplicativo. Entre os usuários do Instagram, a participação dos brasileiros é maior que a média global. O Instagram foi uma das primeiras redes sociais exclusivas para acesso por meio do celular. E, embora hoje seja possível visualizar publicações no *desktop*, seu formato continua sendo voltado para dispositivos móveis. De acordo com o relatório da *We Are Social* e da *Hootsuite*, o Instagram é a 4ª rede social mais usada no Brasil em 2021, com 110 milhões de usuários.

central nesse contexto, com usuários compartilhando predominantemente fotos e vídeos, muitas vezes aprimorados com filtros e ferramentas de edição para melhorar a estética de suas postagens. Essa ênfase na estética visual contribui significativamente para a construção de narrativas digitais e expressão pessoal na plataforma.

A seguir, serão delineadas as principais funcionalidades da rede social Instagram, essenciais para compreender o panorama dessa plataforma. Para utilizar a plataforma, o usuário deve criar uma conta no Instagram. Após o cadastro, realizado por meio do aplicativo ou site, é realizada a configuração inicial da conta e o usuário deve efetuar login em seu perfil para começar a seguir outros usuários e realizar postagens.

O *Feed* é a página inicial de várias redes sociais, como o Instagram, na qual o usuário visualiza as atualizações e postagens de outros usuários, sendo constantemente atualizado à medida que novas postagens são adicionadas. Uma Publicação é um conteúdo individual que é compartilhado na rede social do usuário. No caso do Instagram, pode ser publicada uma única foto, uma postagem carrossel<sup>14</sup>, um vídeo, ou qualquer outro tipo de conteúdo que a plataforma permita. A Marcação é uma maneira de identificar e vincular um usuário em uma publicação, seja no *Feed*, seja nos *Stories*, pois quando esse usuário é marcado, recebe uma notificação e a postagem pode aparecer no perfil dele. *Stories* são fotos ou vídeos curtos que desaparecem após 24 horas, sendo exibidos no topo do *Feed* e podem ser visualizados clicando no perfil do usuário ou página. O *Reels* é um formato de vídeo curto, geralmente usado para compartilhar conteúdo mais criativo, podendo ser compartilhado no *Feed*, nos *Stories* ou em uma seção separada do perfil. Por fim, os Destaques são coleções de *Stories* que o usuário seleciona para exibir em seu perfil, permitindo a preservação de certos *Stories* além do período de 24 horas.

É importante destacar que as publicações do *feed* em perfis abertos são acessíveis a qualquer pessoa, mesmo àquelas que não estão logadas na rede social, ou seja, são públicas. Para preservar a privacidade do conteúdo do perfil, é crucial configurar as opções de privacidade. O usuário tem a possibilidade de tornar o perfil privado e definir quem pode interagir com suas publicações, proporcionando um controle mais personalizado sobre o alcance do conteúdo compartilhado.

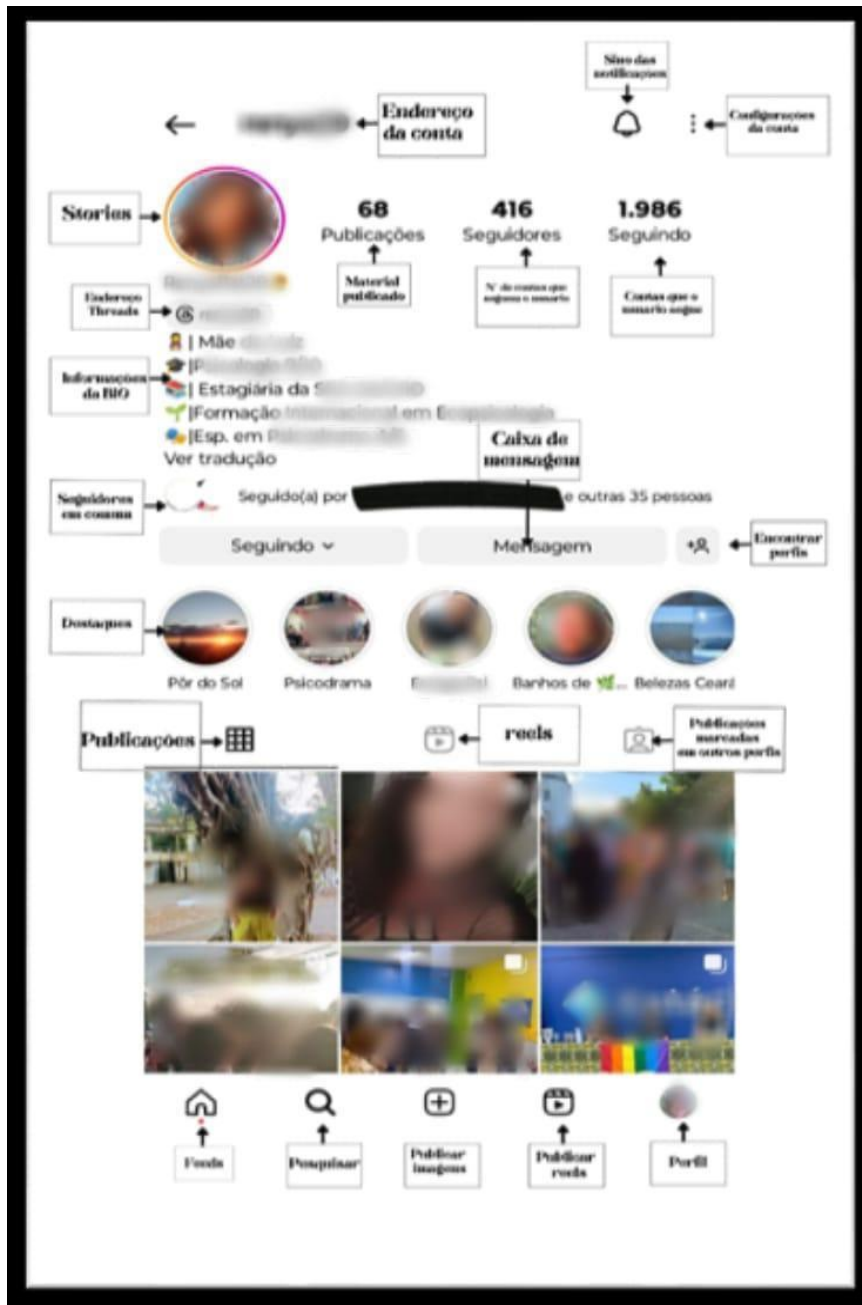
---

<sup>14</sup> A postagem em carrossel permite que o usuário faça postagens com várias imagens no Instagram. São postagens que podem apresentar até 10 fotos ou vídeos (ou uma combinação de ambos) que os seguidores desse usuário podem percorrer. Esse recurso pode ser usado quando uma postagem padrão não é suficiente e há mais conteúdo para compartilhar, assemelhando -se a uma apresentação de slides com várias imagens diretamente no *feed*.



Na figura a seguir, encontram-se informações essenciais, como o nome de usuário, a foto representativa e identificadora do perfil, a quantidade de fotos enviadas, o número de seguidores e o número de contas seguidas.

Figura 3 – Página de perfil de usuário do Instagram



Fonte: elaborado pela autora.

Ao clicar no botão central do aplicativo, representado pelo símbolo de adição (“+”), o usuário escolhe o tipo de postagem que deseja fazer: Publicação (*feed*), Instagram *Stories*,

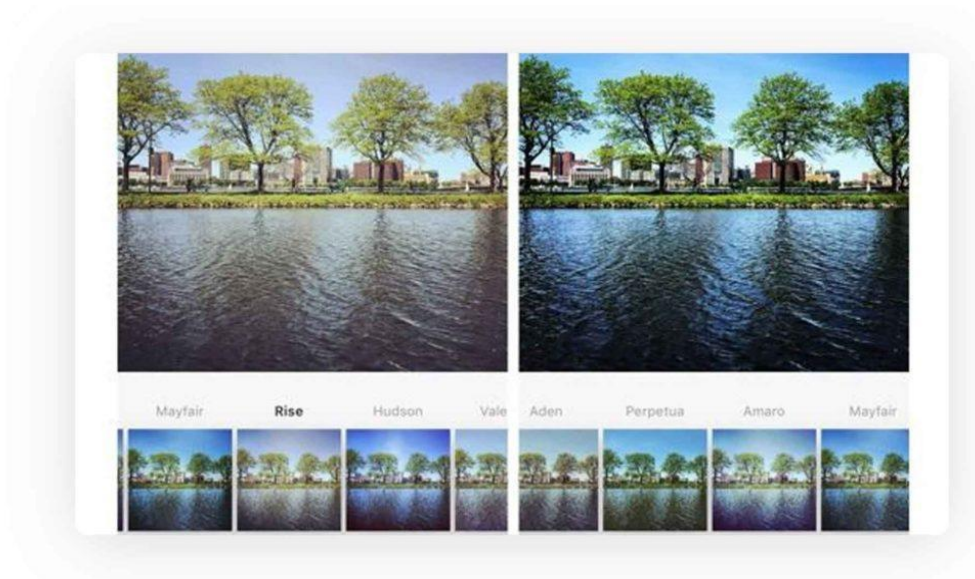
*Reels* ou *Live*. Para enviar uma mensagem direta a um seguidor, é preciso acessar novamente o perfil e acessar o menu de Mensagens do Instagram, simbolizado por um balão no canto superior direito da tela.

Quando o usuário deseja seguir alguém, as fotos desse perfil aparecem instantaneamente no fluxo (*feed*) do usuário, permitindo que o usuário "curta" e comente as imagens. No Instagram, assim como em outras redes sociais, a interação entre os usuários é o foco da plataforma. Isso implica estabelecer conexões com outras pessoas vinculadas à conta, possibilitando o acompanhamento contínuo das atualizações uns dos outros na plataforma. No Instagram, os usuários possuem seguidores ou são seguidos, sendo possível seguir diversos perfis, uma opção acessível no topo da página inicial de cada usuário.

Há uma variedade de recursos oferecidos pelo Instagram que permite ao usuário diversas experiências na plataforma. Os principais recursos foram elencados a seguir: o Instagram *Stories*, que permite a publicação de conteúdo como fotos, vídeos ou texto de maneira temporária desaparecendo após 24 horas; o *Reels*, no qual é possível postar vídeos com até 15 minutos de duração, podendo ser compartilhados no *Feed* ou exclusivamente na aba *Reels*; o *Feed* do Instagram, por sua vez, é o mural exibido ao acessar o perfil de um usuário na rede, sendo considerado um espaço especial, dedicado a postagens permanentes; a funcionalidade *Live* possibilita transmissões ao vivo, tanto individuais quanto em grupo; a seção *Explorar*, no Instagram, oferece recomendações com base nas interações do usuário; As DMs do Instagram são mensagens instantâneas, permitindo conversas individuais ou em grupos; as Notas do Instagram permitem deixar recados na área de mensagens, incluindo músicas, emojis e texto, enquanto a Bio do Instagram é destinada a informações sobre o perfil, com descrição, marcação de contas, emojis, links e música.

Além desses recursos, o Instagram apresenta uma ferramenta bastante popular, a de aplicação de filtros. Inicialmente, os filtros eram associados somente a alterações nos esquemas de cores e iluminação, proporcionando modificações nos estilos das fotos, como exemplificado na figura a seguir:

Figura 4 – Filtro *Rise* do Instagram



Fonte: <https://www.nuvemshop.com.br/blog/o-que-e-instagram/>

Atualmente, a plataforma oferece uma vasta gama de opções de filtros, alguns dos quais possibilitam alterações bastante realistas na aparência dos usuários, tais como inserir maquiagem ou modificar até aspectos físicos. Essa diversidade de filtros tem atraído consideravelmente a atenção dos usuários, especialmente os mais jovens, suscitando críticas quanto aos efeitos sociais da utilização desses filtros, o que corrobora com uma das características mais vigentes dessa rede: a ênfase na autoapresentação de uma vida idealizada. Essa particularidade da plataforma tem gerado discussões em relação aos padrões estéticos e suas repercussões na sociedade, o que não diminui sua popularidade.

No entanto, a particularidade que diferencia o Instagram de outras redes, como ressaltado por Linaschke (2011), é sua ênfase na postagem de imagens, o que favorece a formação de círculos sociais e faz disso uma característica marcante da rede. Embora em plataformas como Twitter e Facebook seja possível compartilhar imagens, não é obrigatório postar imagens ou vídeos nessas redes, ao contrário do Instagram, no qual há o foco na imagem, sendo inviável realizar uma postagem sem uma foto ou vídeo.

Em outras plataformas sociais, é comum escrever textos e adicionar imagens para ilustrá-los, enquanto no Instagram a dinâmica é oposta, pois as fotos ou vídeos são centrais, e o texto, ou seja, a legenda, é utilizado para contextualizar a imagem ou vídeo postado. Em síntese, a dinâmica fundamental do Instagram é postar fotos para serem visualizadas, sendo essa interação visual o atrativo principal da rede. Essa interação é essencial para a formação de

círculos sociais, sendo uma característica compartilhada por diversas redes sociais e que impulsiona a criação de comunidades virtuais.

Nessa perspectiva, o Instagram se encaixa na definição de Boyd e Ellison (2007) acerca das redes sociais, caracterizadas como sistemas que oferecem serviços on-line e possibilitam que as pessoas realizem um conjunto específico de atividades, nomeadamente: 1. possuam perfis identificáveis unicamente que consistem de conteúdo gerado pelo próprio usuário, por outros usuários e por dados do sistema; 2. podem articular publicamente conexões que podem ser vistas e atravessadas por outros; e 3. podem consumir, produzir e/ou interagir com fluxos de conteúdo gerado pelos usuários, fornecido por suas conexões no site.

Essa caracterização destaca elementos essenciais, uma vez que o sistema permite ao usuário a atualização de seu *self*, por exemplo, ao compartilhar imagens ou textos, como ao alterar a foto do perfil no Instagram ou publicar uma Nota. Vale mencionar que essas características não se limitam ao Instagram, sendo peculiares a outras redes sociais como Facebook e Twitter. Nessas plataformas, os usuários podem redefinir seu *self*, como ao mudar a foto de capa no Facebook.

Além disso, a dinâmica nas redes sociais permite que os usuários sejam atualizados por outros usuários da rede, por exemplo, ao serem marcados em fotos ou publicações, facilitando o acompanhamento de postagens específicas. Essa característica de interatividade que permeia não apenas o Instagram, mas também outras redes sociais, revela como essas plataformas exercem influência, cada uma conforme suas peculiaridades, na construção e atualização da autoapresentação nas redes sociais.

No contexto brasileiro, o Instagram é uma das redes sociais mais acessadas<sup>15</sup>, sendo bastante utilizada como plataforma de divulgação para produtos, empresas, pessoas e causas sociais. Trata-se de uma plataforma que atende às demandas atuais das pessoas em termos de visibilidade na sociedade. Ademais, essas plataformas fomentam a criação de necessidades, mantendo os usuários engajados e de certa forma dependentes. Nesse cenário, o Instagram emergiu como um dos principais canais tanto para a promoção de empresas globalmente, como para dar destaque a perfis pessoais de usuários. Esse fenômeno é impulsionado pelo uso das *#hashtags*, que são utilizadas na organização e amplificação de conteúdos na plataforma.

---

<sup>15</sup> O Instagram continua sendo a rede social mais popular no Brasil, de acordo com a última pesquisa da ComScore. O levantamento revela que os brasileiros dedicam, em média, 14.44 horas por mês na plataforma, mantendo-a na liderança. O YouTube ocupa o segundo lugar, com 12.22 horas mensais, seguido pelo TikTok, com 09.27 horas. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/instagram-segue-na-lideranca-no-brasil-mas-declinio-das-redes-preocupa-big-techs/>.

Iremos discorrer sobre as *hashtags*, uma vez que esta pesquisa se dedica à análise de uma *hashtag* específica, a saber, a #exposedfortal. A *Hashtag* ou *tag* é uma expressão ou termo muito empregado nas redes sociais e na internet com a intenção de reunir em um só "lugar" a divulgação sobre algum conteúdo de interesse coletivo.

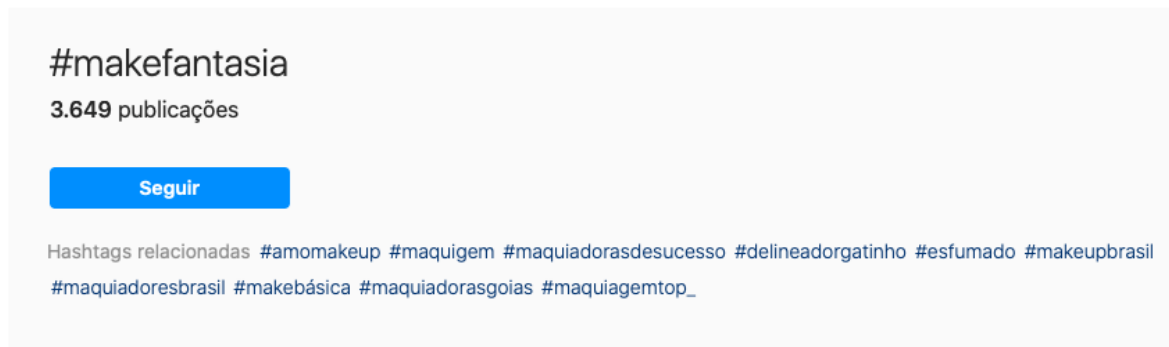
Do ponto de vista de sua composição textual, é formada por uma palavra-chave precedida pelo símbolo #, chamada de cerquilha ou popularmente de “jogo da velha”. A combinação sintática permite categorizar os conteúdos publicados nas redes sociais, oportunizando uma interação dinâmica do conteúdo com os outros integrantes da rede social, que estão ou são interessados no respectivo assunto publicado.

Dessa forma o símbolo # associado a termos ou expressões torna-se um *hiperlink* sobre determinado assunto que se queira divulgar ou provocar uma discussão. Em função dessa natureza digital, o link leva a outras páginas com publicações relacionadas ao mesmo tema, gerando uma “viralização” e forte engajamento à medida que outras pessoas realizam publicações utilizando a mesma *hashtag*, criando um agrupamento de postagens sobre o mesmo tema.

No Instagram, é possível utilizar até 30 *hashtags* em uma única postagem, permitindo o engajamento simultaneamente, que são utilizadas para descrever ou contextualizar a imagem ou vídeo postado. Além disso, o usuário pode utilizar *hashtags* que tragam mais repercussão ou engajamento, ou simplesmente se filiar a uma comunidade ou movimento.

Para acessar as *hashtags* mais populares no Instagram, os usuários podem utilizar a funcionalidade de busca da plataforma. Para isso, o usuário deve digitar “#” seguido do termo de interesse, e a plataforma apresentará uma variedade de opções, incluindo a frequência de uso de cada *hashtag*. Assim, os usuários podem selecionar as *hashtags* que mais lhes interessam, conforme ilustrado na figura a seguir:

Figura 5 – *Hashtag* no Instagram



Fonte: <https://www.dinamize.com.br/blog/hashtags-instagram/>

A *hashtag*, como já mencionado, não se limita apenas à função de agrupar textos. Ela representa, na verdade, uma filiação ideológica, pois é uma maneira pela qual os usuários se alinham a determinadas perspectivas ou identidades. Por exemplo, ao utilizar a *hashtag* #elenão, um usuário não apenas agrupa suas postagens, mas se associa à perspectiva de combate ao machismo, identificando-se como parte dessa comunidade específica, pois, ao escolher uma *hashtag*, o usuário, de certa forma, se vincula a uma determinada ideologia ou grupo.

Como destacado por Cappellini, Kravets e Reppel (2018), as *hashtags* não apenas geram debates, mas também estruturam interações em torno de temas específicos. Elas consolidam e transformam as expressões individuais dos usuários, evidenciando perspectivas sobre questões sociais e políticas, revelando uma multiplicidade de forças que se articulam, contestam e se consolidam nos ambientes midiáticos. Isso implica dizer que as *hashtags* vão além da simples reprodução de posições e identidades, ativando um universo simbólico contínuo por meio do engajamento, forjando-se por meio de interações múltiplas e resultando em uma dinâmica complexa de colaboração, solidariedade e confronto.

Entretanto, é crucial observar que o uso de *hashtags* e a filiação ideológica que elas representam podem ser complexos e multifacetados. As pessoas recorrem às *hashtags* por diversas razões, nem todas diretamente vinculadas à filiação ideológica. O uso pode ter motivações mercadológicas, com empresas buscando visibilidade, ou pode ser impulsionado pelo desejo de participar de tendências ou memes populares. Além disso, o significado de uma *hashtag* pode mudar com o tempo e variar entre diferentes grupos de usuários.

Ademais, é importante destacar que o uso de *hashtags* pode influenciar e impactar na formação de pensamentos e posicionamentos das pessoas na sociedade, revelando sua força no engajamento social e ativismo, evidenciando que são recursos fundamentais para a filiação

ideológica e a formação de identidade, moldando a maneira como os usuários se expressam e se envolvem nas relações sociais nas redes sociais.

No contexto do Instagram, como já mencionado, vemos uma rede voltada para a imagem e reconhecida por exibir uma vida mais idealizada e “glamourizada”. É interessante destacar como as postagens se moldam aos aspectos peculiares da própria rede. Essa é uma característica interessante a ser explanada, pois não é incomum encontrar postagens que objetivam ativismo e que são bem elaboradas esteticamente.

Assim, no Instagram, uma rede conhecida pela ênfase na imagem, o ativismo pode aparecer de uma maneira mais performática, na qual a ênfase recai mais na imagem projetada do que na causa em si. Muitas vezes, a intenção por trás dessas postagens é gerar engajamento, pois a natureza social do ativismo é um excelente promotor de interação.

Embora essas postagens possam parecer, em um primeiro momento, superficiais, é necessário reconhecer que podem ter uma repercussão positiva, uma vez que têm o potencial de aumentar a conscientização sobre determinada causa. Para algumas pessoas, as redes sociais representam uma ferramenta de grande poder para expressar opiniões e apoiar causas, sobretudo em uma sociedade cada vez mais em rede.

É importante ressaltar que nossa análise se concentrará na natureza específica da rede social Instagram. Cada plataforma molda as produções de conteúdo de maneira distinta, devido às *affordances*<sup>16</sup> de cada rede, ao público que cada uma alcança e ao *ethos*<sup>17</sup> que cada rede projeta. Esses fatores influenciam a percepção dos usuários, inclusive no ativismo praticado. Portanto, ao se analisar o ativismo nas redes sociais, é essencial considerar as peculiaridades de cada plataforma.

---

<sup>16</sup> As “*Affordances*” é um termo que foi originalmente proposto pelo psicólogo James Gibson em 1971. *Affordance* basicamente é a relação entre as propriedades de um objeto e as capacidades do usuário que determina como o objeto pode ser utilizado. Isso quer dizer que *affordance* não é uma propriedade do objeto em si, mas é definida a partir de como o usuário (sua história, experiência e estado psicológico) interage com a coisa. Um dos exemplos mais clássicos é o da maçaneta de uma porta, pois não precisamos de uma explicação para saber que ao girá-la podemos abrir a porta. Outro exemplo comum é o ícone de disquete para salvar documentos, ou o texto azul e sublinhado indicando um link. Assim, no contexto das redes sociais, “*Affordance*” se refere às funcionalidades e características que cada plataforma oferece e que moldam a maneira como o conteúdo é produzido e consumido. Por exemplo, a *affordance* do Twitter é a postagem de mensagens curtas, enquanto a do Instagram é a postagem de imagens e vídeos. Disponível em: <https://medium.com/trainingcenter/entendendo-affordance-na-pr%C3%A1tica-f41ec34dff2>.

<sup>17</sup> *Ethos* é um termo com origem grega que significa “caráter moral” e é usado para descrever o conjunto de hábitos ou crenças que definem uma comunidade ou nação. No contexto das redes sociais, o *ethos* pode se referir ao conjunto de normas e expectativas comportamentais que são projetadas por cada plataforma e que influenciam a maneira como os usuários se comportam e interagem. Por exemplo, o *ethos* do LinkedIn é profissional, enquanto o do Facebook é mais pessoal. Disponível em: <https://intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1510-1.pdf>.

Portanto, embora seja imprescindível adotar uma postura crítica no que diz respeito à apresentação do ativismo nas redes sociais, também é preciso reconhecer o potencial dessas plataformas como propulsoras de mudanças. Um exemplo bem-sucedido de *hashtag* é a *#MeuPrimeiroAssedio*, por meio da qual usuárias do Twitter e do Instagram publicaram fotos e relatos com a referida *hashtag*, que repercutiu no ano de 2015.

A referida *hashtag* não só organizava, mas também reunia conteúdos relacionados ao assunto sobre assédio sofrido por essas mulheres. As *hashtags* categorizam as publicações por assunto, permitindo que pessoas com interesses em comum se encontrem, possibilitando o engajamento virtual através de comentários, compartilhamento ou curtidas do conteúdo, gerando uma comunidade discursiva em torno de interesses e objetivos em comum.

Nesse sentido, no contexto das redes sociais da internet, o uso das *#hashtags* como forma de movimento tem sido determinante nos últimos tempos para chamar a atenção e mobilizar a sociedade em torno de temas de suma relevância, como o assédio às mulheres, por exemplo. A força e o alcance dessas *hashtags* são evidentes, como demonstrado pelo sucesso de diversas campanhas.

A possibilidade da criação de novas ferramentas no Instagram corrobora com o pensamento de Sibilía (2016) quando afirma que a sociedade globalizada do século XXI é caracterizada pela captura da capacidade criativa tanto dentro como fora da internet, onde o mercado utiliza suas forças vitais para transformá-las em mercadorias, mostrando como a utilização das *hashtags* tornou-se uma forma de ativismo on-line na qual os usuários objetivam despertar o interesse para diversas questões sociais.

O uso das *hashtags* com caráter político é definido como *ciberativismo*, definido por Vegh (2003) como a utilização da internet por movimentos politicamente motivados que aproveitam recursos, tais como as *hashtags*, como um mecanismo de mobilização e enfrentamento político, social e cultural. Desse modo, para Pinheiro (2021, p. 16), a utilização de *hashtags* se configura como “ativismo *hashtag*”, pois ela gera:

Um tipo de ciberativismo bastante comum atualmente, em que ocorre o compartilhamento intenso de certos assuntos de cunho político, por meio do uso de *hashtags* nas redes sociais, cujos resultados são imprevisíveis, visto que, entre outras coisas, os públicos alcançados são, não raro, de orientações ideológicas distintas. Pode-se, assim, dizer que modos mais tradicionais de organização política, como partidos políticos e sindicatos, por exemplo, embora continuem a existir, veem-se cada vez mais impelidos a mudarem suas estratégias e formas de atuação para tentarem promover algum tipo de mobilização em massa, uma vez que, por vias tradicionais, isso tem sido cada vez menos comum.



O ativismo expresso pelos usos de *hashtags* na contemporaneidade é amplamente utilizado por possibilitar uma democratização da participação cidadã, uma vez que oportuniza a promoção de campanhas de conscientização geradoras de impactos que tensionam a sociedade a mudanças sociais, a exemplo do movimento #BlackLivesMatter, que significa “Vidas Negras Importam” ou “Vidas Negras Contam”, um movimento ativista iniciado nos Estados Unidos e difundido pelo mundo, que teve início nas redes sociais devido à absolvição de George Zimmerman, policial branco que assassinou o jovem negro de 17 anos, Trayvon Martin, a tiros em julho de 2013, gerando uma onda de protesto de alcance mundial.

Em 2020, o movimento tornou-se mais expressivo após o assassinato de George Floyd por policiais, sendo considerado o maior movimento de protesto da história norte-americana. Desde então, a principal bandeira deste movimento social é a luta contra a discriminação, a desigualdade racial e a violência policial. Um ativismo que se iniciou nas redes e, como deve ser, extrapolou o ciberespaço, espalhando-se para outras paisagens sociais.

Os movimentos feministas, tais como os movimentos de combate à segregação racial e outros movimentos sociais, têm utilizado cada vez mais o ativismo *hashtag* como estratégia para promover suas causas. Dentro desse contexto, as *hashtags* têm se mostrado uma ferramenta poderosa para denunciar casos de assédio e violência contra as mulheres.

Nesse sentido, é importante destacar alguns movimentos anteriores que se articularam por meio de *hashtags* para reivindicar os direitos das mulheres e que obtiveram grande repercussão, inspirando outros movimentos feministas a se engajarem na luta contra o machismo na sociedade. A *hashtag* #exposedfortal, objeto desta pesquisa, insere-se nessa tendência, tendo, até hoje, como propósito, além de denunciar casos de assédio, ampliar a conscientização sobre essa questão, promover a visibilidade dos casos e encorajar vítimas a relatarem suas experiências.

Em março de 2014, surgiu o movimento #NãoMereçoSerEstuprada em resposta às estatísticas divulgadas pelo Instituto Econômico de Pesquisa Aplicada (IPEA), que revelaram que 65% dos entrevistados concordavam que "mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas". Logo depois, o instituto admitiu ter invertido as colunas da planilha e que o número correto era 26%, não 65%, mas o movimento já havia ganhado força nas redes sociais.

A jornalista Nana Queiroz foi responsável por criar a comunidade "Não Mereço Ser Estuprada" no Facebook, que em apenas três dias reuniu 35,7 mil pessoas e se tornou uma das primeiras *hashtags* feministas no Brasil. O movimento também teve repercussão internacional

em sites de notícias como o americano "The Huffington Post", o francês "20 minutes", o italiano "La Repubblica" e o grego "Iefimerida", lutando contra o abuso sexual e o machismo.

Em outubro de 2015, comentários sexuais foram feitos no Twitter sobre uma participante de 12 anos do programa "MasterChef Jr". O coletivo feminista Think Olga lançou a campanha "Chega de Fiu-Fiu" e convidou mulheres a compartilharem suas experiências de primeiros assédios. A iniciativa gerou 82 mil tweets em poucos dias, revelando que a idade média dos primeiros assédios era entre 7 e 9 anos.

A hashtag *#PrimeiroAssédio* se destacou na mídia nacional e foi adotada em outros países, como *#MiPrimerAcoso* no México e *#FirstTimeIWasCatCalled* nos Estados Unidos. Essa campanha inspirou outras ações feministas, como *#MeuAmigoSecreto* e *#MeuQueridoProfessor*, que denunciavam assediadores em posições de confiança.

Em 2017, a atriz norte-americana Alyssa Milano compartilhou na internet sua experiência de assédio nos bastidores de Hollywood e lançou o movimento *#MeToo*<sup>18</sup> em suas redes sociais, convidando mulheres em todo o mundo que haviam sofrido assédio ou violência sexual a aderir à campanha e replicar com "eu também". Em torno de meio milhão de mulheres enviaram suas respostas nas primeiras 24 horas.

A hashtag se espalhou por 196 países e ganhou o apoio de muitas mulheres, incluindo outras atrizes famosas. Desde então, muitas denúncias vieram à tona contra os homens influentes das áreas do entretenimento, mídia, política e tecnologia. Embora muitos neguem as acusações, novas denúncias e repercussões continuam a surgir até hoje.

Em setembro de 2018, ocorreu uma grande manifestação liderada por mulheres em todo o Brasil em oposição ao então candidato a presidente Jair Bolsonaro. O movimento *#EleNão* contou com participantes em 114 cidades, com grande destaque em São Paulo (Largo da Batata) e Rio de Janeiro (Cinelândia), e foi seguido por protestos em todo o mundo, como Nova York, Lisboa, Paris e Londres.

A campanha foi originada a partir de um grupo no Facebook que contava com mais de três milhões de membros e rapidamente ganhou destaque nas redes sociais, inclusive sendo compartilhada por celebridades como Madonna, contribuindo significativamente para a

---

<sup>18</sup>O movimento *#MeToo* foi criado em 2006 pela ativista Tarana Burke, presidente da ONG *Just Be, Inc.* Seu objetivo era fornecer apoio a vítimas jovens e negras, como uma garota de 13 anos que contou a Burke que era estuprada pelo namorado de sua mãe. A ideia era dar voz a essas mulheres e mostrar que elas não estavam sozinhas. O movimento cresceu e se expandiu em 2017, quando a atriz Alyssa Milano usou a hashtag *#MeToo* em suas redes sociais para encorajar outras mulheres a compartilhar suas histórias de assédio sexual e abuso. Desde então, a campanha tem inspirado muitas vítimas a se manifestarem e a buscar justiça, além de provocar uma mudança na cultura de Hollywood e em outros setores em todo o mundo. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/a-verdadeira-origem-da-hashtag-me-too-usada-no-twitter-por-mulheres-que-sofreram-violencia-sexual.ghtml>.

popularização do feminismo jovem. O movimento também foi marcado como a manifestação mais significativa já registrada contra um candidato político, gerando discussões durante aquele período eleitoral, especialmente no que diz respeito ao voto das mulheres, visto que o candidato tinha a menor popularidade entre esse grupo da população.

Em 2020, nos Estados Unidos, teve início o Movimento *#exposed*<sup>19</sup>, cujo objetivo era expor casos de assédio sofridos por mulheres de várias faixas etárias, especialmente jovens em idade escolar. No Brasil, no mesmo ano, o *#exposed* ganhou destaque nas redes sociais, como Twitter, Facebook e Instagram, tornando-se uma ferramenta de denúncias de jovens que relataram ser vítimas de abuso sexual, através de publicações com *prints* dos assédios e relatos dos abusos sofridos.

Uma das características mais marcantes do movimento *#exposed* é a predominância das acusações serem contra professores, que se valem de sua posição de poder para cometer abusos. A estratégia utilizada pelo movimento envolve a associação da *hashtag* com o nome da cidade onde ocorreram os abusos, como *#exposedsaopaulo*, *#exposedfortal*, *#exposedsobral* e *#exposedteresina*.

Essas *tags* foram usadas para compartilhar relatos de abusos, a maioria dos quais foi sofrida por alunas. Os abusos incluem perseguições, toques inapropriados e até estupro, sendo que, muitas vezes, os professores ultrapassam os limites da sala de aula, enviando mensagens às alunas por meio das redes sociais.

Nesta pesquisa, analisamos os relatos que utilizaram a *hashtag* *#exposedfortal*, movimento que foi iniciado por estudantes da rede particular de ensino de Fortaleza em junho de 2020, inicialmente no Twitter e posteriormente ganhou maior destaque no Instagram por meio da criação de perfis dedicados ao tema. A *hashtag* teve origem a partir de denúncias realizadas por jovens meninas estudantes de uma escola particular da cidade de Fortaleza contra um grupo de estudantes de classe média alta do sexo masculino que estudavam com elas. Esses estudantes, a maioria menores de idade foram acusados de compartilhar fotos íntimas de meninas sem consentimento em um grupo criado por eles com essa finalidade no aplicativo WhatsApp.

Além disso, o movimento trouxe à tona denúncias de assédios que teriam sido cometidos inclusive por professores de escolas particulares de Fortaleza. Através da *hashtag* *#exposedfortal*, ex-alunas e estudantes de escolas particulares em Fortaleza relataram casos de

---

<sup>19</sup>A palavra "*exposed*" em inglês tem o significado de "exposto" ou "revelado". No contexto da cultura da internet, é comumente utilizada para se referir à prática de expor informações privadas ou constrangedoras de alguém, geralmente com o intuito de se vingar ou expor publicamente essa pessoa.

assédio físico e verbal por parte dos professores. O movimento ganhou força nas redes sociais, impulsionando também a denúncia de casos semelhantes em diversas escolas públicas da cidade.

Em pouco tempo, tornou-se um dos assuntos mais comentados nacionalmente e ficou no topo dos *trending topics* das postagens na internet. Conforme apontado por Bezerra *et al.* (2021), as denúncias indexadas pela *hashtag* #exposedfortal alcançaram aproximadamente 100 mil compartilhamentos no Instagram e Twitter, tornando-se um dos tópicos mais discutidos nessas redes sociais durante os dias 21 a 27 de junho de 2020.

Diante da repercussão nas mais diversas mídias (jornais impressos, televisão e outras), autoridades, como o então governador do Estado do Ceará, Camilo Santana, e a Polícia do Estado do Ceará, tomaram providências diante da polêmica. Foi deflagrada a Operação Indiscretos, que contou com a participação da Controladoria Geral de Disciplina dos Órgãos de Segurança Pública (CGD) e da Coordenadoria de Inteligência da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social do Estado (COIN), com o objetivo de investigar, principalmente as denúncias de assédio sexual cometidos por professores em escolas particulares e públicas de Fortaleza, as quais foram denunciadas por meio da *hashtag* #exposedfortal.

Deste modo, a mobilização das estudantes por meio da *hashtag* #exposedfortal revelou a importância do ativismo *hashtag*, pois, além de denunciar os casos de assédio, forçou a mobilização das devidas autoridades a tomarem medidas efetivas, citadas anteriormente, para prevenir e combater o assédio, como a criação de campanhas de conscientização, assim como a implementação de políticas públicas voltadas para a proteção das vítimas, como a lei de criação da Delegacia de Repressão aos Crimes Cibernéticos, que foi sancionada no Ceará em setembro de 2020.

Dentre as postagens que utilizaram a #expodesfortal, selecionamos o conjunto de postagens que serviram como *corpus* para a análise que será descrita na seção a seguir.

### **3.3 O *corpus* da pesquisa**

Esta pesquisa objetivou investigar o discurso das mulheres por meio da análise das narrativas compartilhadas com a *hashtag* #exposedfortal<sup>20</sup>. O estudo se baseou em duas

---

<sup>20</sup>Durante a pesquisa, percebemos que apareciam nas buscas as *hashtags* #expodesfortal e #exposedfortaleza e concluímos que são variantes de uma mesma *tag*, pois ambas são utilizadas para denunciar e expor casos de abusos contra mulheres, visando chamar a atenção para essas situações e promover a conscientização sobre tais práticas na cidade de Fortaleza. Contudo, optamos por focar na *hashtag* #expodesfortal devido ao seu maior destaque e popularidade nas redes sociais e na mídia em geral. Além disso, notamos que no Instagram havia um maior número

postagens publicadas no Instagram que utilizaram a referida *hashtag*. Constituindo nosso *corpus*, temos duas postagens em vídeo, das quais faremos transcrições. A escolha dos posts foi feita por meio de um filtro de busca, visando identificar as publicações que apareciam como primeiro resultado da busca. Apesar do uso do filtro, há uma considerável quantidade de publicações indexadas com a *hashtag* #exposedfortal, totalizando mais de 1000 menções. No entanto, consideramos como critério de seleção as postagens do período de junho a julho de 2020, quando a *hashtag* surgiu e ganhou grande repercussão.

A seguir a figura que demonstra qual tela é obtida após a busca pela *hashtag* #exposedfortal no Instagram:

Figura 6 – Como a #exposedfortal aparece na busca



Fonte: [instagram.com](https://www.instagram.com)

Dentro desse amplo universo de postagens, foi necessário fazer um recorte para tornar a pesquisa viável em termos de análise. Nesse sentido, selecionamos, como amostra, duas publicações postadas em vídeo marcadas com a #exposedfortal, que apresentavam mulheres narrando suas experiências em relação a abusos e assédios. Escolhemos essas publicações por

---

de indexações em relação a essa *hashtag* em comparação à sua variante, o que proporcionou uma maior disponibilidade de dados para análise.

serem os primeiros resultados na ferramenta de exploração do Instagram, o que consideramos como um fator de relevância.

Outro critério determinante na seleção dessas postagens foi terem sido postadas durante o auge das buscas pela *hashtag* #exposedfortal na internet. Conforme indicado pela ferramenta *Google Trends*<sup>21</sup>, essa *hashtag* esteve em alta no período de 21 a 27 de junho de 2020, exatamente o mesmo período em que as postagens selecionadas foram compartilhadas, coincidindo com o momento de maior repercussão das denúncias.

Nas postagens em vídeo, ambas as jovens compartilham experiências pessoais ou testemunhadas, o que classificamos serem narrativas de si, fundamentando nossa escolha por essas postagens para fins de análise. Este aspecto se destacou como um diferencial em relação às demais postagens. Embora estas também tenham aparecido entre os primeiros resultados na busca do Instagram, predominavam em conteúdo informativo, assemelhando-se mais a notícias.

Além disso, consideramos a diversidade de perspectivas ao selecionar essas duas publicações. A primeira publicação escolhida pertence a um perfil pessoal de uma jovem, marcado como público. Já a segunda publicação é originária do perfil de um coletivo de mulheres, o Grupo Estudantil de Empoderamento Feminino (GEEF). Ambas as publicações apresentam mulheres compartilhando suas experiências por meio de vídeos, sendo a primeira com uma duração de 11 minutos e 18 segundos, e a segunda com 5 minutos e 49 segundos.

A partir dessas publicações, elaboramos o conjunto de análises, ou seja, as transcrições dos respectivos vídeos, utilizando a versão gratuita do aplicativo Transkriptor<sup>22</sup>, que proporcionou uma execução automatizada desse processo. A seguir a figura que ilustra a página inicial do aplicativo:

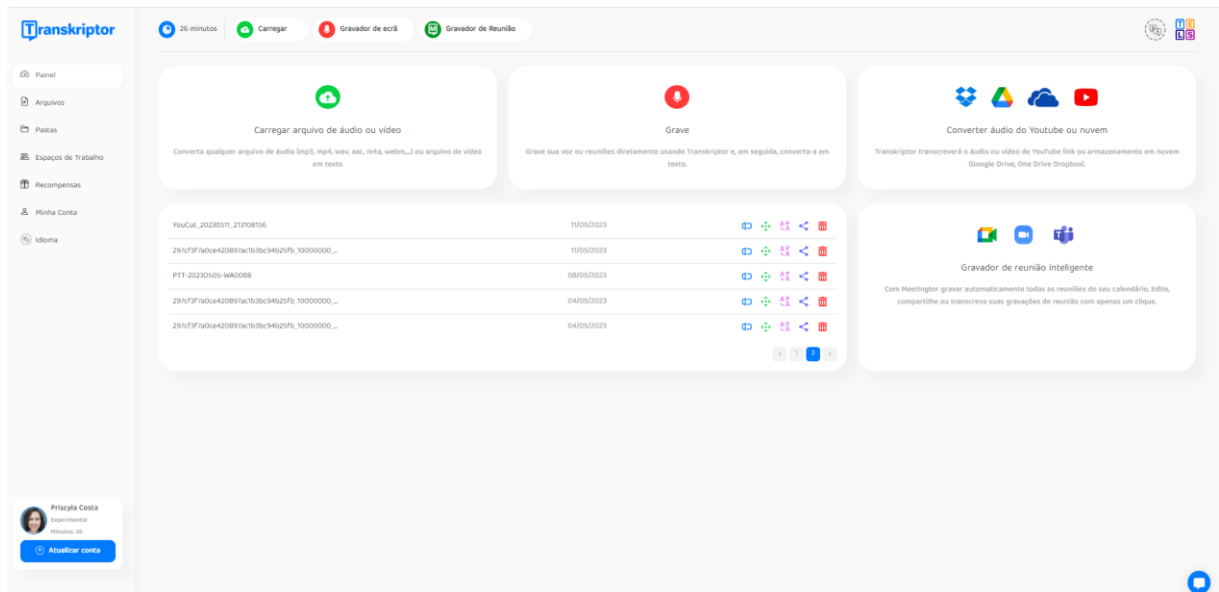
---

<sup>21</sup> Pico de buscas pela *hashtag* #exposedfortal. Disponível em:

<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today%205y&geo=BR&q=%23exposedfortal&hl=pt-BR>.

<sup>22</sup> O Transkriptor é um *software* de transcrição on-line que realiza o processo por meio do uso de inteligência artificial. O *software* oferece aplicativos para *Android* e *iPhone*, extensões para o *Google Chrome* e um serviço de página da web. O Transkriptor possibilita iniciar novas transcrições, baixar arquivos transcritos e visitar projetos de transcrição anteriores. A versão gratuita do Transkriptor possibilita uma utilização com menor tempo de transcrição, enquanto a versão paga oferece recursos adicionais e tempo ilimitado para transcrições. Com essa versão, é possível realizar a transcrição de reuniões no Zoom, podcasts e arquivos de áudio/vídeo extensos. Disponível em: <https://app.transkriptor.com/>.

Figura 7 – Tela inicial do aplicativo Transkriptor



Fonte: elaborado pela autora.

Dessa forma, optamos por preservar os aspectos orais, abstando-nos de qualquer revisão de caráter corretivo. Ao longo do procedimento, contamos com a assistência da mencionada ferramenta, intervindo apenas na pontuação do texto com o intuito de manter ao máximo a autenticidade e a naturalidade da transcrição, procuramos preservar os elementos característicos da expressão oral durante esse processo.

Assim, partindo desse *corpus*, pensamos que foi possível analisar a construção discursiva da identidade feminina, considerando o contexto sócio-histórico em que surgiu a *hashtag* #exposedfortal e os temas sobre violência de gênero mobilizados nas narrativas de si reunidas nessa *hashtag*.

### 3.4 Processo de geração e análise de dados

Como apresentado na seção de caracterização da pesquisa, nosso objetivo é compreender as ideologias e práticas preponderantes que emergem dos relatos de mulheres vítimas de violência de gênero, especialmente no contexto da *hashtag* #exposedfortal.

Para alcançar essa compreensão, conduziremos uma análise das vozes presentes nos discursos, além de examinar os elementos intertextuais e interdiscursivos que permeiam as narrativas. Para orientar a análise, adotaremos o modelo tridimensional proposto por Fairclough (2001) no âmbito da Análise de Discurso Crítica (ADC). Nesse contexto, as categorias de

intertextualidade e interdiscursividade serão consideradas como componentes essenciais no exercício analítico dos dados. Os passos de análise do *corpus* serão detalhados conforme apresentamos a seguir.

Inicialmente, à luz da proposta metodológica do modelo de análise tridimensional, foi realizada a análise do contexto sócio-histórico da *hashtag* #exposedfortal, pois isso teve grande relevância para a compreensão da prática discursiva, uma vez que o discurso não pôde ser compreendido apenas em termos linguísticos, mas também teve que ser entendido em relação às condições sociais, políticas e culturais em que foi produzido e interpretado. Assim, foram estudadas as condições sociais, políticas e culturais em que o discurso feito pelas mulheres na *hashtag* #exposedfortal foi produzido e interpretado, incluindo as relações de poder, as normas culturais e as estruturas institucionais.

Em seguida, conduzimos uma análise que permitiu a descrição da mobilização dos temas de violência de gênero nas narrativas associadas à *hashtag* #exposedfortal. Essa etapa possibilitou identificar e explorar os tipos de violência de gênero presentes nas produções discursivas. Através das categorias de posicionamento narrativo e *hardening*, conforme proposto por Maia-Vasconcelos (2003), conseguimos examinar de que maneira os sujeitos se posicionam narrativamente ao abordar temas relacionados à violência de gênero nas narrativas de si.

Posteriormente, por meio da análise dos recursos textuais-discursivos, identificamos como se deu o processo de construção discursiva da identidade feminina, considerando o grau de repetibilidade dos eventos e o valor correspondente à atitude narrativa (Maia-Vasconcelos, 2003) na escolha do léxico pela narradora.

Considerando que a pesquisa teve como propósito analisar as transcrições dos vídeos das publicações, adaptamos nossas etapas de procedimento para abordar os diversos aspectos presentes nas postagens. Dessa forma, a organização do *corpus* foi direcionada pelos objetivos da pesquisa, visando oferecer uma análise mais ampla.

Com a finalidade de atingirmos o **objetivo específico I**, que trata do contexto sócio-histórico de produção das narrativas, adotamos os seguintes passos metodológicos:

a) Tomando por base o modelo tridimensional de Fairclough (2001), detectamos itens lexicais (ao nível do texto) que apontam para os interdiscursos presentes (na dimensão discursiva), a fim de caracterizarmos as ideologias, práticas hegemônicas que constituem a prática social da violência de gênero, nos relatos de experiência em vídeo no Instagram;



- b) Partindo da noção de Interdiscursividade (Fairclough, 2003), detectamos e descrevemos os discursos aos quais recorreram as mulheres nos vídeos analisados no Instagram para construir suas narrativas. Depois, realizamos uma análise crítica, considerando aspectos como poder, ideologia, a fim de compreender como esses discursos puderam influenciar a percepção das experiências das mulheres.
- c) Realizamos a elaboração de um quadro para melhor organizar os dados gerados.

Quadro 2 – Categorias analíticas do discurso

<b>Marcas textuais</b>	<b>Práticas Discursivas (interdiscursos)</b>	<b>Práticas sociais</b>
------------------------	--	-------------------------

Fonte: Adaptado de Ramalho e Resende (2006).

Para atingirmos o **objetivo específico II**, que diz respeito às principais temáticas transmitidas nas narrativas em vídeos das publicações das mulheres no Instagram com a *hashtag* #exposedfortal, adotamos as seguintes etapas:

- a) Através da análise das categorias de posicionamento narrativo e *hardening* (Maia-Vasconcelos, 2003), identificamos como os sujeitos se posicionam narrativamente ao mobilizar temas relacionados à violência de gênero nas narrativas de si.
- b) Para abordar os temas relacionados à violência de gênero, levamos em consideração conceitos, conforme propostos por Segato (2003) e Almeida (2007), que englobam diversas formas de violência, como a física, emocional, psicológica e sexual.
- c) Elaboramos um quadro para melhor organizar os principais assuntos a que recorreram as mulheres em suas narrativas no Instagram. Dentre os principais assuntos identificados, destacamos a violência de gênero como um tema recorrente nas narrativas devido ao seu grau de repetibilidade. Dessa forma, elencamos os tipos de violência que emergiram. Para melhor compreensão, o quadro foi organizado da seguinte maneira:

Quadro 3 – Temas e ocorrências de repetibilidade de discursos

<b>Temas (tipos de violência de gênero)</b>	<b>Marcas textuais de <i>Hardening</i> (<i>looping</i> narrativo) Grau de repetibilidade</b>
---	--

Fonte: elaborado pela autora.

A partir dos dados coletados que foram disponibilizados nesse quadro, realizamos a análise dos temas relacionados à violência de gênero nos relatos das mulheres que utilizaram a #exposedfortal no Instagram para alcançarmos o objetivo proposto.

Para atingirmos o **objetivo específico III**, por fim, que diz respeito aos recursos textuais-discursivos que marcam o processo da construção discursiva da identidade feminina nas Narrativas de violência de gênero reunidas na *hashtag* #exposedfortal, adotamos as seguintes etapas:

- a) Transcrição completa dos vídeos;
- b) Borrão dos nomes de usuário e de suas fotos de perfil, a fim de preservar a imagem dos envolvidos na postagem;
- c) Detecção de itens lexicais e outros recursos de nível textual-discursivo;
- d) Elaboração de um quadro para melhor organizar os dados gerados nesta etapa. Para melhor compreensão, o quadro foi organizado da seguinte maneira:

Quadro 4 – Itens Lexicais

Itens lexicais identificados	o valor correspondente à atitude narrativa na escolha do léxico
------------------------------	---

Fonte: Elaborado pela autora.

### **3.5 Procedimentos para desenvolver a análise do contexto sócio-histórico em que a *hashtag* #exposedfortal surgiu**

Na ADC, o contexto sócio-histórico tem grande relevância para a compreensão da prática discursiva. Como já mencionado, trata-se de uma abordagem teórico-metodológica que analisa como os discursos são construídos e como eles contribuem para a produção e reprodução de relações de poder e desigualdades sociais.

Segundo Fairclough (2001), o sujeito é um ator ideológico que constrói e é construído via processos discursivos. Dessa maneira, os sujeitos são seres sociais que constroem e são construídos por meio dos discursos que circulam na sociedade. Portanto, percebe-se a relevância da ADC em considerar um determinado contexto social, político,

econômico e cultural no qual os discursos são produzidos e interpretados, visto que estes influenciam a forma como tais discursos são elaborados e recebidos pelos diferentes atores sociais.

A produção de um texto por um indivíduo não ocorre de forma isolada, mas sim influenciada pela ordem do discurso presente em um contexto social específico, incluindo suas permissões e restrições discursivas. Assim, o texto carrega consigo vestígios desse contexto, permitindo-nos desvelar estruturas sociais abstratas que permeiam nosso ambiente.

Além disso, é importante ressaltar que o próprio discurso é um elemento constituinte desse contexto social, contribuindo para moldar e restringir as diferentes dimensões da estrutura social, incluindo suas normas, convenções, relações, identidades e instituições subjacentes. Em outras palavras, o discurso não é apenas uma forma de representação do mundo, mas também uma prática de significação, por meio da qual o mundo é constituído em significado (Fairclough, 2001).

O contexto sócio-histórico da #exposed no Brasil foi marcado por um aumento significativo no debate público sobre a violência de gênero contra mulheres, sobretudo, após os movimentos #MeToo nos Estados Unidos, fomentando um contexto de crescente percepção acerca da violência contra as mulheres e a urgência de transformar a maneira como a sociedade enxerga e reage a esse tipo de crime.

A violência contra as mulheres é um problema histórico no Brasil e, infelizmente, o país figura entre os que possuem uma das maiores taxas de feminicídio no mundo<sup>23</sup>. Essa realidade alarmante evidencia a urgência em promover ações efetivas de prevenção e combate a esse tipo de violência, tendo em vista o impacto que ela pode ter na sociedade como um todo. Essas taxas de violência demonstram o quão grave é esse problema na sociedade e a necessidade de se buscar soluções concretas para enfrentá-lo.

Assim, para esta pesquisa, consideramos o discurso enquanto prática política e ideológica, pois os relatos presentes na *hashtag* #exposedfortal se inserem como uma luta contra o patriarcado e a violência de gênero. Essa realidade nos recorda Fairclough (2001), para quem o discurso enquanto prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as

---

<sup>23</sup>O Brasil ocupa o 5º lugar no ranking mundial de Feminicídio, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH). O país só perde para El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia em número de casos de assassinato de mulheres. Em comparação com países desenvolvidos, no Brasil se mata 48 vezes mais mulheres que o Reino Unido, 24 vezes mais que a Dinamarca e 16 vezes mais que o Japão ou Escócia. O Mapa da Violência do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) mostra que o número de mulheres assassinadas aumentou no Brasil. Entre 2003 e 2013, passou de 3.937 casos para 4.762 mortes. Em 2016, uma mulher foi assassinada a cada duas horas no país. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/femicidio-brasil-e-o-5-pais-em-morte-violentas-de-mulheres-no-mundo.htm>.

entidades coletivas. Deste modo, o discurso não reflete somente as relações sociais, mas também pode contribuir na manutenção ou transformação das desigualdades sociais.

Essas implicações são relevantes para delinear trajetórias de análise, que levem em conta o contexto externo ao discurso, considerando o contexto em que as *hashtags* se encontraram, suas intertextualidades e interdiscursividades e o que está efetivamente significando. Entender as ideologias presentes em um discurso é fundamental para interpretar o contexto sócio-histórico em que ele está inserido, pois o discurso é uma prática social que reflete e reproduz as relações de poder e as ideologias dominantes presentes na sociedade.

Para Fairclough (2001), a ideologia está presente no discurso em diversos níveis, desde a escolha das palavras até a estruturação das ideias e a seleção de determinados temas. Dessa maneira, a categoria ideologia se concentra nos elementos do texto que podem ser carregados de ideologia, tais como o sentido das palavras, as suposições implícitas, as metáforas e o estilo.

Por outro lado, a categoria hegemonia foca nas orientações da prática social, que podem englobar direções econômicas, políticas, ideológicas e culturais. É uma tentativa de entender como o texto se relaciona com as lutas hegemônicas em curso, contribuindo para a articulação, desarticulação e rearticulação de complexos ideológicos (Fairclough, 1997).

Por meio dessas categorias, foi possível observar as diversas ideologias que podiam estar refletidas nas denúncias feitas através da *hashtag* #exposedfortal, fortemente marcadas pela presença do feminismo, uma vez que esse movimento buscava os direitos das mulheres na luta contra a violência de gênero. Entretanto, é fundamental destacar que o movimento #exposedfortal foi diverso e as ideologias presentes nas declarações das mulheres tiveram variação.

A interdiscursividade, segundo Resende e Ramalho (2011), é uma categoria analítica que possibilitava a identificação de como aspectos do mundo eram representados de maneira específica. Para isso, a interdiscursividade é usada para analisar como diferentes discursos se relacionam em um texto e como são combinados para formar discursos particulares que estão ligados a campos sociais, interesses e projetos específicos.

Por meio da categoria interdiscursividade, foi possível analisar os temas mobilizados nos discursos evocados pelas mulheres na *hashtag* #exposedfortal. Dentre os temas que emergiram da análise, destacaram-se aqueles alinhados ao discurso feminista, de denúncia e de vítima de violência de gênero. Esses discursos são definidos como ferramentas destinadas a evidenciar contradições e instaurar tensões nos posicionamentos hegemônicos, visando reverter as condições de marginalidade impostas a amplos estratos sociais pelo capitalismo.

Dessa maneira, podemos abranger nesse contexto as experiências comunicativas voltadas a destacar as narrativas dos grupos historicamente oprimidos.

A categoria da intertextualidade, proposta por Fairclough (2003), permitiu uma análise da prática discursiva, identificando a presença de elementos de outros textos no texto em questão, dando voz a outras perspectivas além da do(a) autor(a). Essa categoria permitiu compreender como diferentes discursos e narrativas estavam interligados, influenciando uns aos outros e moldando a interpretação de um determinado texto.

A partir da proposta de Fairclough (2003), pôde-se examinar a presença de diferentes discursos por meio da análise de elementos lexicais, relações lexicais e relações metafóricas. Para identificar e analisar discursos como representações e construções de aspectos da vida social, foi necessário considerar a frequência com que um determinado discurso era repetido, sua relativa estabilidade ao longo do tempo e sua associação/ligação com grupos ou indivíduos específicos.

Dessa forma, foi necessário analisar as vozes presentes nos discursos das mulheres vítimas de violência de gênero no contexto da *hashtag* #exposedfortal, pois foi possível compreender as ideologias e práticas dominantes que emergiram dessas narrativas. Isso significou compreender como as crenças, valores e representações influenciaram a forma como a violência de gênero foi entendida e vivenciada, por exemplo, na presença do discurso da impunidade masculina, que pode ser identificada a partir de padrões e tendências nas narrativas das mulheres, revelando aspectos importantes sobre as estruturas sociais e culturais que perpetuam a violência de gênero.

### **3.6 Procedimentos para desenvolver a análise dos temas mobilizados nas narrativas das mulheres**

Entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-la como um modo de ação historicamente situado, que é constituído socialmente, mas também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença. Para tanto, objetivamos identificar os temas mobilizados nas narrativas das mulheres que fazem referência às violências de gênero e partir dessa identificação foi possível perceber os significados presentes nos discursos.

Ao analisar as narrativas sobre violência de gênero na #exposedfortal, as mulheres revelam as marcas das dores da violência sofrida ou testemunhada, por meio de um “tom” de dor construindo um *looping* narrativo, que vai se repetindo ao longo do relato. Para conduzir

essa análise, adotamos a categoria de *Hardening* (Maia-Vasconcelos, 2003), que foi identificada através da repetibilidade presente nas narrativas dos sujeitos. O *looping* narrativo encontrado reflete a presença de discursos recorrentes que atravessam as dimensões de tempo e espaço.

Essa repetição e associação em diferentes narrativas indicam uma ligação com grupos ou indivíduos específicos revelando identificação. Com base nessa abordagem, utilizamos um quadro acerca de temas e ocorrências de repetibilidade de discursos para elencar e identificar as marcas textuais de discursos que apresentam essas ocorrências de repetição sobre violência de gênero. Na sequência, abordaremos sobre os recursos textuais-discursivos nas narrativas, a fim de compreender o processo de construção discursiva da identidade.

### **3.7 Procedimentos para desenvolver a análise dos recursos textuais-discursivos que marcam o processo da construção discursiva da identidade feminina nas narrativas de violência de gênero reunidas na *hashtag* #exposedfortal**

Nesta subseção, apresentamos os procedimentos para desenvolver a análise dos recursos textuais-discursivos, com foco na dimensão linguística, com o propósito de compreender o processo de construção discursiva da identidade feminina nas narrativas de violência de gênero reunidas na *hashtag* #exposedfortal. Este enfoque permitiu desvelar nuances linguísticas que delinearão as experiências das narradoras, uma vez que vislumbrar noções de textualidade do texto é algo que possibilita isso dentro da dimensão linguística.

Para isso, como mencionando na seção de caracterização da pesquisa, realizamos a seleção do *corpus*, que trata de duas publicações de narrativas de violência de gênero indexadas com a *hashtag* #exposedfortal. A análise foi centralizada nos elementos linguísticos pertinentes à construção discursiva da identidade feminina.

Para analisar padrões linguísticos, empregamos as categorias de Valor e Repetibilidade propostas por Maia-Vasconcelos (2003), as quais estão diretamente relacionadas ao léxico utilizado na produção narrativa. Nesse contexto, o "valor" refere-se à atitude narrativa na escolha do léxico, enquanto a "repetibilidade" está associada ao grau de recorrência dos eventos narrados. O uso dessas categorias facilitou a compreensão da construção discursiva da identidade feminina.

A análise da atitude narrativa, conforme delineado por Maia-Vasconcelos (2003), foi adotada para analisar como as narradoras se posicionaram ao abordar temas relacionados à violência de gênero. Avaliamos como a escolha lexical contribuiu para a expressão dessa atitude, considerando o valor atribuído a determinadas palavras e termos que refletiram as

percepções das narradoras em relação aos eventos narrados. Por exemplo, a análise lexical se faz relevante para estudar as escolhas lexicais utilizadas nas narrativas da *hashtag* #exposedfortal ao identificarmos expressões e termos que transmitiram o valor de sororidade entre mulheres, como “*Vamos dar um basta nisso*”.

A identificação do grau de repetibilidade dos eventos foi uma categoria bastante relevante para a análise, pois possibilitou compreender se certos padrões linguísticos e narrativos se manifestaram de maneira recorrente nas narrativas, indicando a presença de elementos consistentes na construção discursiva da identidade feminina, uma vez que o grau de repetibilidade aponta que quanto mais o fato se repete, mais importante ele se torna na vida do sujeito.

Esses procedimentos metodológicos constituíram a base para a análise dos recursos textuais-discursivos presentes nas narrativas de violência de gênero que utilizaram a *hashtag* #exposedfortal. Ao adotarmos esses procedimentos, visamos não apenas entender a dimensão linguística dessas narrativas, mas também contribuir para uma compreensão das experiências das mulheres que as compartilharam.

Concluimos, desta forma, as subseções dedicadas aos procedimentos adotados para a análise de dados. Ao longo dessas seções, apresentamos as abordagens metodológicas e as categorias analíticas que foram utilizadas para compreender a construção discursiva da identidade feminina nas narrativas de violência de gênero que utilizaram a *hashtag* #exposedfortal. Posto isso, avançaremos para o próximo capítulo, dedicado à análise de dados.

## 4 NARRATIVAS DE SI NO INSTAGRAM: UMA ANÁLISE DAS DENÚNCIAS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO ATRAVÉS DA #EXPOSEDFORTAL

E eu que tinha apenas 17 anos  
Baixava a minha cabeça pra tudo  
Era assim que as coisas aconteciam  
Era assim que eu via tudo acontecer  
(Banda Nenhum de nós, 1987).

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados gerados em nossa pesquisa, conforme o percurso estabelecido na seção de metodologia. Para isso, guiamo-nos a partir do objetivo geral: analisar a construção discursiva da identidade feminina, considerando o contexto sócio-histórico em que surgiu a *hashtag* #exposedfortal e os temas sobre violência de gênero mobilizados nas narrativas de si reunidas nessa *hashtag*.

Este objetivo geral se desdobra em três objetivos específicos traçados em nossa pesquisa, que são, respectivamente: (i) Caracterizar o contexto sócio-histórico em que a *hashtag* #exposedfortaleza surgiu e se expandiu, como modo de compreender as condições sociais de produção discursiva das narrativas de si; (ii) Descrever os temas presentes nas narrativas, investigando os tipos de violência de gênero presentes nas produções discursivas; (iii) Identificar os recursos textuais-discursivos que marcam a construção discursiva da identidade feminina nas narrativas sobre violência de gênero reunidas na *hashtag* #exposedfortal.

Estes objetivos específicos foram organizados em subseções, as quais serão apresentadas na próxima seção. As narrativas analisadas foram obtidas da rede social Instagram, conforme descrito na seção de metodologia. A primeira publicação analisada consta de um vídeo obtido de um perfil pessoal, no qual a postagem foi marcada como pública. A segunda postagem consta de um vídeo obtido da página de um perfil de um coletivo de mulheres, o Grupo Estudantil de Empoderamento Feminino (GEEF). Os dados aqui analisados são de natureza pública<sup>22</sup>, uma vez que estavam disponíveis na rede social pesquisada. Além disso, em nossa pesquisa, mantivemos o sigilo dos sujeitos dos vídeos, dispondo os dados referentes as suas identificações como anônimos.

### 4.1 O contexto sócio-histórico da #exposedfortal: condições de produção discursiva e narrativas de si no Instagram



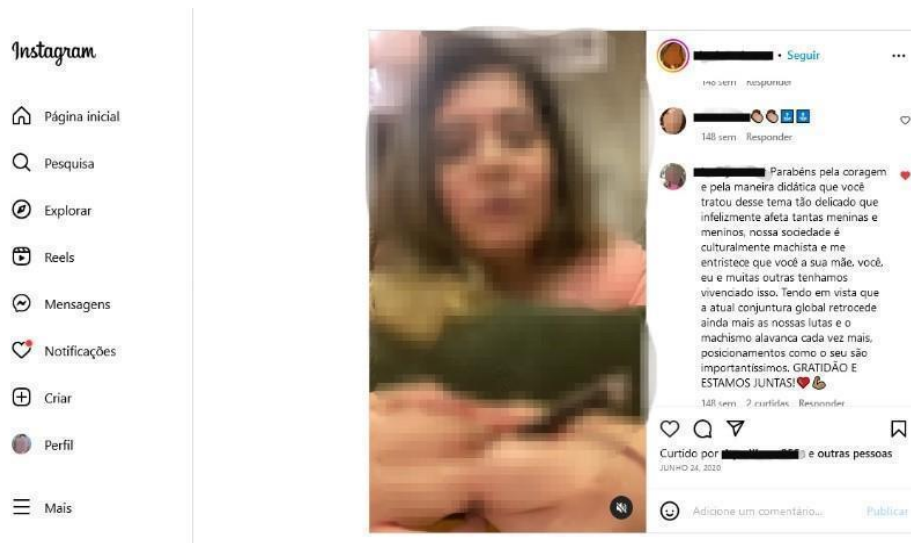
Iniciamos a análise a partir da caracterização do contexto sócio-histórico em que a *hashtag* #exposedfortal surgiu e se expandiu, a fim de compreendermos as condições sociais em que as narrativas de si foram produzidas, identificando o contexto que motivou a produção discursiva da narrativa que corresponde ao primeiro objetivo específico de nossa pesquisa. Dessa forma, analisamos a mobilização dos recursos linguísticos-discursivos e o processo de produção, distribuição e consumo desse relato.

Com o objetivo de compreender as ideologias e práticas dominantes que emergem dos relatos de mulheres vítimas de violência de gênero no contexto da *hashtag* #exposedfortal, realizamos uma análise das vozes presentes nos discursos, assim como dos elementos intertextuais e interdiscursivos presentes nas narrativas. Para isso, trabalhamos com a categoria de interdiscursividade, proposta por Fairclough (2001, 2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999), além da intertextualidade constitutiva e manifesta, discutida por Fairclough (2001).

#### ***4.1.1 “Professor tem que defender a gente. Tem que cuidar da gente e eles têm a responsabilidade de não fazerem a gente se apaixonar por eles.”- Análise da Narrativa 01***

A primeira publicação analisada é oriunda de um vídeo obtido de um perfil pessoal. A postagem foi marcada como pública e indexada com a *hashtag* #exposedfortal. No vídeo, uma mulher, que concluiu seus estudos no ensino médio há alguns anos, expressa sua preocupação com o assédio sofrido por meninas em ambiente escolar. Essa preocupação foi motivada pela repercussão da onda de denúncias desencadeadas pela *hashtag* #exposedfortal. A seguir, apresentamos uma captura de tela da postagem:

Figura 8 – Print da tela da postagem 01



Fonte: instagram.com

A hashtag #exposedfortal teve repercussão inicial nas redes sociais no período de 22 de junho de 2020 a 24 de junho de 2020, figurando nos trending topics da internet. A data dessa postagem escolhida para análise foi em 24 de junho, coincidindo com o auge da repercussão. Esse episódio desencadeou um movimento de encorajamento, incentivando mais mulheres a compartilharem suas experiências como forma de denúncia.

Conforme ainda veremos, a narradora demonstrará mais adiante em seu relato que essa repercussão lhe trouxe lembranças de sua época de estudante e, motivada por essa onda de denúncias, revela que se sentiu encorajada a gravar um vídeo compartilhando suas próprias experiências e as de suas amigas durante o ensino médio, período da adolescência em que, segundo seu relato, ocorriam abusos com maior frequência: *“E depois do meu ensino médio, quando a gente começa a mudar, que nós, meninas, começamos a mudar, que nosso corpo começa a criar formas mais femininas e a gente de fato começa a amadurecer. Nesse momento a gente começa a ser vista pelos professores de uma forma diferente”*.

O vídeo gravado pela narradora possui uma breve legenda e foi marcado com a #exposedfortal, pois, ao marcar o vídeo com essa hashtag, a narradora se vale de uma estratégia discursiva, própria dos textos produzidos para as redes sociais, para gerar engajamento e, conseqüentemente, mais replicação das vozes constitutivas de sua denúncia. Ou seja, há no relato da narradora a presença de outras vozes, uma vez que ela evoca que, a partir de outras denúncias indexadas pela mesma hashtag, *“tomou a liberdade de vir falar”*, isso revela a sua

intenção de contribuir, de alguma maneira, sobre o que “está acontecendo”, fazendo menção aos eventos de abuso às meninas em curso.

Ao mencionar as *hashtags* de escolas particulares de grande porte, tipicamente destinadas às elites, a narradora demonstra que o assunto está ganhando visibilidade “#FariasBrito”, e que ela tem uma identificação maior ainda por ter sido estudante de umas dessas instituições. Como bem demonstra em seu relato, embora tenha concluído seus estudos há anos, nunca havia falado sobre isso antes.

No entanto, motivada pela repercussão das denúncias associadas à *hashtag*, sentiu-se encorajada a tomar essa iniciativa, uma vez que também foi vítima de abusos, destacando que os mesmos professores que ela teve durante sua época de estudante estavam entre os assediadores denunciados pela *hashtag* #exposedfortal. Isso evidencia que a questão não é algo distante, pois a narradora identificou sua própria vivência nos relatos compartilhados: “*Só que agora, recentemente, através do #exposed eu vi que hoje isso acontece com o mesmo professor ou com os mesmos professores que, inclusive, já foram meus professores há dez anos atrás, isso me deixa tão mal, sabe?*”.

Ao analisar as vozes presentes nos discursos das mulheres vítimas de violência de gênero no contexto da *hashtag* #exposedfortal, podemos compreender as ideologias e práticas dominantes que emergem desses relatos. De acordo com Fairclough (2003), é possível identificar diferentes discursos, tais como o discurso feminista, o discurso de vítima de violência de gênero, o discurso machista e o discurso patriarcal por meio de itens lexicais, relações lexicais e relações metafóricas que apontam para o empoderamento feminino, a violência de gênero, a objetificação do corpo feminino e a autoridade paterna. Com base nessa perspectiva, desenvolvemos o seguinte quadro que evidencia as marcas textuais de discursos identificados:

Quadro 5 – Dados gerados da transcrição do vídeo

<b>Marcas textuais</b>	<b>Práticas Discursivas (interdiscursos)</b>	<b>Práticas sociais</b>
<i>“Eu queria dizer que e pedir pras meninas que estão passando por isso que elas demonstrem isso pra sociedade. Falem isso pro pai de vocês, se sintam confiantes nisso”.</i>	Discurso feminista	Narrativas feministas dominantes; Empoderamento feminino;

<p><i>“isso me deixa tão mal, sabe? Péssima enojada chateada e enfadada sabe? Porque eu fico imaginando gente, se isso aconteceu comigo há dez anos atrás, quantas meninas não já não foram vítimas disso hoje? Quantas meninas já não passaram por constrangimento, por assédio por mensagens indesejadas, por toques indesejados”</i></p> <p><i>"menina que contribui pro professor ser assim que dá bola, que corresponde a cantada"</i></p> <p><i>"quantas vezes o nome das minhas amigas, o nome da minha irmã, o nome das minhas primas, o meu nome já esteve na boca de professores..."</i></p>	<p>Discurso de vítima de violência de gênero</p>	<p>Cultura de culpabilização da vítima; Sentimento de impotência Violência de gênero;</p>
<p><i>“quando a gente começa a mudar que nós meninas começamos a mudar que nosso corpo começa a criar formas mais femininas e a gente de fato começa a amadurecer. Nesse momento a gente começa a ser vista pelos professores de uma forma diferente e eu sei que já acontece e já aconteceu e acontecem casos onde crianças são vistas como mulheres”</i></p> <p><i>“relação de vocês com o professor é de ensino”</i></p> <p><i>“eles (professores) se acham na liberdade ou acham que nada vai acontecer com eles, eles assediando uma menina de dezessete anos, dezesseis anos, quatorze anos, quinze anos”</i></p>	<p>Discurso machista</p>	<p>Objetificação do corpo feminino; Relações de poder; Cultura da impunidade ou normalização da prática de assédio;</p>
<p><i>“eu queria dizer que e pedir para as meninas que estão passando por isso que elas demonstrem isso para a sociedade. Falem isso para o pai de vocês. Se sintam confiantes nisso.”</i></p>	<p>Discurso patriarcal</p>	<p>Autoridade paterna</p>

Fonte: adaptado de Ramalho e Resende (2006).

Na narrativa, é possível observar a presença de interdiscursos evidenciados pela *hashtag* "#exposedfortal", pois a narradora também menciona outras *hashtags* relacionadas a escolas particulares como "#exposedFariasBrito" e "#exposed de outras escolas". Ao mencionar *hashtags* relacionadas especificamente a uma escola de grande porte, além de mostrar a ampla abrangência do movimento, evoca a ideia de que, culturalmente, instituições de ensino de renome e destinada às elites tendem a evitar polêmicas que possam prejudicar sua imagem, pois, apesar de serem estabelecimentos educacionais, também são empresas, demonstrando uma prática de silenciamento de casos de assédio em escolas e que por meio do movimento da *hashtag* podem ser desveladas.

Além disso, o relato evidencia como a narradora é afetada pelos discursos machistas ao descrever situações de assédio vivenciadas pelas meninas na escola. Ao mencionar que *"nosso corpo começa a criar formas mais femininas e a gente de fato começa a amadurecer"*, a narradora expõe como os professores passam a enxergá-las de maneira diferente.

Ela menciona ainda que há casos em que crianças são vistas como mulheres ou *"através de olhos de pedófilos"*, a expressão metafórica faz alusão ao discurso machista praticado na sociedade. No Ceará, é comum ouvir expressões como "ela está botando corpo" quando uma menina está passando pela puberdade e adquirindo características femininas, ou então avaliar uma criança dizendo que "ela já tem corpo de moça". Essa concepção de que um corpo com formas femininas já é um corpo suscetível a assédio permeia a educação das mulheres desde cedo, reforçando a ideia de que seus corpos são constantemente visados e que há sempre olhos à espreita.

O relato também revela outras passagens em que há a presença de discursos machistas, como a objetificação do corpo feminino, mencionando que as meninas se sentem *"objetificadas por pessoas que deveriam ser responsáveis por elas"*, *"eu não consigo imaginar quantas vezes o nome das minhas amigas, o nome da minha irmã, o nome das minhas primas, o meu nome já esteve na boca de professores...é... deles falando do nosso corpo, sabe ?"*.

Ao longo do relato, há repetidas referências ao corpo feminino, como "nossos corpos". Isso nos faz lembrar da assertividade do pensamento de Ribeiro (2019), que destaca a existência de um olhar colonizador sobre os corpos das mulheres. Dessa forma, a repetição da palavra "corpo", nesse contexto, aponta para uma relação interdiscursiva do discurso dos professores com o discurso machista na medida em que podemos ver a objetificação da mulher que enfatiza a centralidade do corpo feminino nas interações sociais.

Isso se justifica porque, segundos os dados, o uso da lexia "corpo" é usado em demasia para se referir à mulher. Quando a palavra corpo é mencionada, ela aponta para um

aspecto de discussão e avaliação da mulher, especialmente pelos homens que, nesse contexto, estão representados pelos professores e sua relação de poder na escola, já que há uma hierarquia entre professor e aluna.

Além disso, há também a evocação ao discurso machista de normalização do assédio, corroborando com o pensamento de Beauvoir (1949) sobre a forma como a sociedade patriarcal percebe e trata as mulheres como "outro" em relação aos homens. Essa ideia é destacada pelas atitudes dos professores em relação às alunas, segundo trechos como: *“Aquele abraço mais apertado que enganchava o peito, aquele abraço na cintura que a mão descia pra bunda, pro começo ali da bunda”*.

O destaque desse excerto se relaciona à ideia de que o corpo feminino está à disposição para ser tocado sem consentimento, o que revela uma relação de poder em que as estudantes são tratadas como objetos sexuais pelos professores abusadores. Sob a perspectiva da ideologia dominante e suas relações assimétricas, conforme discutido por Fairclough (2001), as mulheres são colocadas à disposição do patriarcado, sendo subalternizadas e colocadas em posições inferiores, evidenciando assim a legitimação das relações de dominação sobre os corpos femininos.

Isso tudo leva à mentalidade machista de que homens podem violar os limites das mulheres amparada pelo discurso de impunidade masculina que emerge na narrativa quando a narradora diz que: *“eles se acham na liberdade ou acham que nada vai acontecer com eles, eles assediando uma menina de dezessete anos, dezesseis anos, quatorze anos, quinze anos. Como, como é que alguém consegue achar que isso é normal?”*.

Assim, essa narrativa nos remete à existência de um grave problema social em que essas ações de abuso perseguem e violentam meninas em idade escolar. Infelizmente, essas práticas são toleradas e não são punidas adequadamente. Essa percepção é destacada quando a idade das meninas assediadas é mencionada, estabelecendo a relação entre o assédio sexual e ao fato de as vítimas serem menores de idade, portanto, vulneráveis, desprovidas de proteção.

O trecho em análise ressalta a fragilidade e a impossibilidade dessas meninas consentirem os abusos de que são vítimas. A pouca idade das estudantes mostra que se tratam de pré-adolescentes em uma fase de transição, portanto, ainda em processo de formação e desenvolvimento biológico do corpo, sendo isso destacado pela narradora, que faz o arremate pelo questionamento final: *“como alguém pode considerar isso normal?”*.

Esse questionamento se mostra como uma estratégia retórica que busca persuadir os interlocutores a concordarem com o ponto de vista da narradora segundo a qual a conduta de abuso de vulnerável dentro ou fora da escola é uma prática inaceitável. Desse modo, a narração

em análise denuncia que essas ações, infelizmente, são toleradas e, por isso mesmo, não punidas.

Esse fato demonstra o favorecimento do discurso machista de impunidade masculina e de normalização do assédio, como no trecho: "*comentando assim entre si e o pior, um apoiando a atitude do outro*". Essa solidariedade entre os abusadores mostra a normalização desse comportamento na sociedade e a cumplicidade entre os homens em relação ao assédio, portanto à violência de gênero.

O discurso de vítima de violência de gênero emerge ao expor o impacto negativo dos assédios na vida da narradora ao rememorar episódios que ocorreram com suas amigas, como exemplificado pela situação no trecho: "*Eu vi uma amiga sendo assediada a ponto de mandar fotos pro professor pra ele não ficar triste*" revelando uma situação na qual a amiga se sente pressionada e realiza uma ação que, normalmente, não faria marcada pela expressão "a ponto de", que demonstra uma relação de poder assimétrica, em que o professor exerce uma influência sobre a amiga a ponto de ela ceder às suas exigências para evitar que ele fique "triste".

Tal dinâmica sugere uma relação de poder desigual e abusiva, tornando a vítima "responsável" pelo seu próprio agressor, sem ter consciência de que é uma vítima, o que revela uma forma de violência psicológica. No excerto, notamos uma relação de poder muito comum na sociedade, a dominação sobre o corpo feminino. Quando a aluna é pressionada a utilizar seu corpo para satisfazer os desejos masculinos, temos um cenário que não apenas aponta a desigualdade de gênero, mas também demonstra como a instrumentalização do corpo da mulher é uma manifestação direta das relações de poder que permeiam nossa estrutura social.

Nesse contexto, é importante pontuar que essa prática configura um crime, pois, conforme o Código Penal (art. 216-A), o assédio sexual é o crime de "constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função". Desse modo, a legislação destaca a importância de reconhecer e punir os agressores que se utilizam de sua posição hierárquica de maneira coercitiva para obter vantagens sexuais, reforçando a necessidade de proteção contra abusos de poder em ambientes educacionais.

Em seguida, a narradora introduz uma outra voz, a das pessoas que tentam justificar o assédio, alegando que a própria vítima teria supostamente, de alguma forma, convidado e provocado o assédio. "*Ah, mas tem gente, tem menina que dá bola, tem menina que contribui pro professor ser assim que dá bola, que corresponde a cantada*". Em seguida, ela insere sua própria voz numa perspectiva feminista, com intuito de conscientizar sobre o perigo nessa outra voz que tenta justificar uma violência. Para isso, a narradora manifesta e mobiliza uma voz de

discurso feminista que se contrapõe à conduta dos professores *“Gente, acordem. A relação de um professor com o aluno é de ensino. Quando nossos pais colocam a gente numa escola é pra gente aprender, é pra gente estudar. Não é pra gente namorar”*.

Nesse trecho, a narradora se coloca em uma posição de discurso contra-hegemônico (Marcos, 2021), trazendo a voz dos discursos machistas que justificam o assédio colocando a culpa na vítima, culpando as mulheres por “provocarem” os homens quando “elas não se comportam”, quando usam roupas curtas, quando mesmo sendo menores de idade “correspondem” às investidas de homens em posição hierárquica de poder, como um professor. A atitude abusiva do professor denunciado aponta para uma perspectiva tradicional das relações de gênero, na qual as meninas são vistas como responsáveis por controlar ou influenciar o comportamento dos homens, ou seja, uma manifestação de poder e hegemonia de gênero na sociedade.

Ao se contrapor a essa visão machista, a narradora pontua que a relação entre professor e aluna deve ser baseada na relação de ensino e aprendizagem, criticando a romantização e a naturalização de práticas criminosas, já que, na verdade, são abusivas ao se dirigir às meninas em tom de exortação: *“Vocês que talvez, que vão, que cheguem a assistir esse vídeo são menores. Vocês têm a relação de vocês com o professor é de ensino, eles estão lá pra ensinar pras vocês o conteúdo, passar atividade isso basta ponto e basta”*.

Similarmente, ela exorta os professores em tom de apelo: *“O que eu quero dizer talvez se você for professor se um dia uma menina der margem pra você de brecha pra você corte, corte porque a sua responsabilidade é não se envolver com quem você não pode, nós éramos menores nós somos menores o seu dever é proteger a gente”*. Tal construção enfatiza a faixa etária das alunas, um marcador importante para determinar quem deve assumir a responsabilidade por suas ações.

No entanto, mesmo com um conhecimento empírico sobre o assédio, sendo uma mulher que passou por assédio e que se posiciona de maneira feminista, a narradora ainda considera a possibilidade de que as meninas possam *‘dar margem’* aos professores. A força do machismo é tão grande que consegue infiltrar até mesmo os discursos feministas. Ao colocar as meninas como agentes, mesmo na tentativa de defendê-las, ela acaba contribuindo para a reprodução da ideia de que as meninas são as agentes do processo de assédio, o que de certa forma faz com que a narradora propague, mesmo de maneira inconsciente ou velada, o machismo.

Conforme Oliveira e Maio (2016), as mulheres reproduzem o machismo porque é uma ideologia que lhes é internalizada através de construções simbólicas discursivas veiculadas



em práticas sociais. Ou seja, muitas mulheres acabam respondendo a um sistema simbólico já conhecido que faz parte do cotidiano, pois cresceram sob esta ideologia. Diante disso, percebemos que a narradora faz uma inversão de papéis que coloca o professor na “defensiva”, pois ela diz: *“corte, corte porque a sua responsabilidade é não se envolver com quem você não pode”*, sugerindo a ideia de que há uma recorrência dessas ações, o que só fomenta a ideia de que são, na verdade, as meninas que são as “predadoras”.

No trecho *“eu queria dizer que e pedir para as meninas que estão passando por isso que elas demonstrem isso para a sociedade. Falem isso para o pai de vocês. Se sintam confiantes nisso”*, a narradora faz um apelo direto às meninas que estão sofrendo assédio, incentivando-as a revelarem e falarem sobre o assédio que sofrem para a sociedade e, mais especificamente, para seus pais. Aqui percebemos que, mesmo fazendo o uso do discurso feminista, a narradora, ainda assim, negocia com a autoridade paterna. Mesmo incentivando a um empoderamento, esse empoderamento é construído em um processo que envolve a interação com as estruturas de poder existentes, neste caso, a figura paterna, estabelecendo essa interdiscursividade com o discurso patriarcal.

Após a análise das condições de produção, que influenciam as narrativas associadas à hashtag #exposedfortal, analisaremos a intertextualidade presente nessas narrativas.

No que diz respeito à intertextualidade, a partir de conceitos de Fairclough (2001) no âmbito da Análise de Discurso Crítica (ADC), identificamos que a narrativa faz referência não apenas à hashtag #exposedfortal, mas também a outras hashtags, incorporando vozes e relatos de experiências de outras mulheres que participaram desses movimentos, como exemplificado em: *“Oi, gente, eu tomei a liberdade de vir falar um pouco sobre isso tudo que está acontecendo do #exposedfortal, do #exposedFariasBrito, do #exposed de outras escolas que também estão acontecendo, mas eu vim falar do que mais me preocupou...”*.

A intertextualidade, conforme a proposta de Fairclough (2001), permitiu uma análise da prática discursiva, identificando a presença de elementos de outros textos no texto em questão, dando voz a outras perspectivas além da do(a) autor(a). Essa categoria permitiu compreender como diferentes discursos e narrativas são interligados, influenciando uns aos outros e moldando a interpretação de um determinado texto.

É possível identificar esse aspecto quando a narradora incorpora as vozes e as experiências de outras pessoas que participaram desses movimentos, citando outras hashtags, como #exposedFariasBrito e #exposed de outras escolas, para, em seguida, afirmar que irá abordar o que mais a preocupou. Supõe-se que a partir das denúncias observadas nessas hashtags, partiu a iniciativa dela de também incorporar sua voz a essas denúncias.

Ao longo da narrativa, essas vozes são evocadas, especialmente, quando ela percebe que o mesmo professor que a assediou é aquele que vem sendo denunciado nas *hashtags* que ela acompanhava. Essa constatação causa preocupação na narradora, uma vez que ela já concluiu o ensino médio há mais de 10 anos, levando-a a refletir ao longo do relato sobre quantas outras meninas podem ter passado por situações semelhantes. “*Porque eu fico imaginando... gente, se isso aconteceu comigo há dez anos atrás, quantas meninas não já não foram vítimas disso hoje?*”.

A intertextualidade é identificada através do uso do vocativo: “*Ah, [nome da narradora oculto], mas tem gente, tem menina que dá corda, tem aquelas que contribuem para o comportamento do professor, que aceitam as cantadas.*” Ela utiliza a voz típica de discursos machistas para ilustrar como tais discursos buscam deslegitimar as vítimas, culpabilizando-as.

Nesse contexto, a narradora faz uma intertextualidade, evocando um discurso que, geralmente, é reproduzido no sentido de desmerecer as vítimas. Ela se coloca como se esse comentário estivesse sendo dirigido pessoalmente a ela por um suposto interlocutor, que tentaria contestá-la usando esse discurso habitualmente direcionado às mulheres vítimas de assédio com o objetivo de desqualificá-las e invalidar suas denúncias.

A narradora faz uso de um recurso retórico de simulação de um diálogo direto, como se houvesse um interlocutor presente ao qual ela responde em seguida: “*Gente, acordem. A relação de um professor com o aluno é de ensino. Quando nossos pais colocam a gente numa escola é pra gente aprender, é pra gente estudar. Não é pra gente namorar.*”

A narradora emprega esse recurso com o objetivo de expor o machismo, que é frequentemente utilizado na sociedade e que reflete as dinâmicas de poder e opressão de gênero. Ela responde usando um vocativo: “*Gente, acordem*”, convocando as pessoas para despertarem e destacando o óbvio na forma como deve ser estabelecida a relação entre aluna e professor.

No trecho: “*Eh... escolas a responsabilidade de vocês não é só passagem de vestibular, não é só preparar a gente pra Enem. Acho que a responsabilidade de vocês é de formar cidadãos*”. A intertextualidade é identificada quando a narradora faz referência à importância dada pelas escolas à aprovação no ENEM, em detrimento dos valores relacionados às questões sociais que também podem ser valorizados pelas escolas.

Nesse sentido, ela se refere ao *marketing*, que é geralmente promovido por grandes escolas em suas propagandas, sendo bastante comum ver nessas estratégias de *marketing* o destaque ao número de alunos aprovados no ENEM, demonstrando a prioridade dada à educação intelectual como o grande objetivo dessas escolas, em detrimento das relações

humanas. Ao abordar a escola como um espaço de disputas de poder, repleto de interesses, posições e articulações, a narradora sugere que a organização escolar é um cenário de "lutas hegemônicas" (Fairclough, 2003).

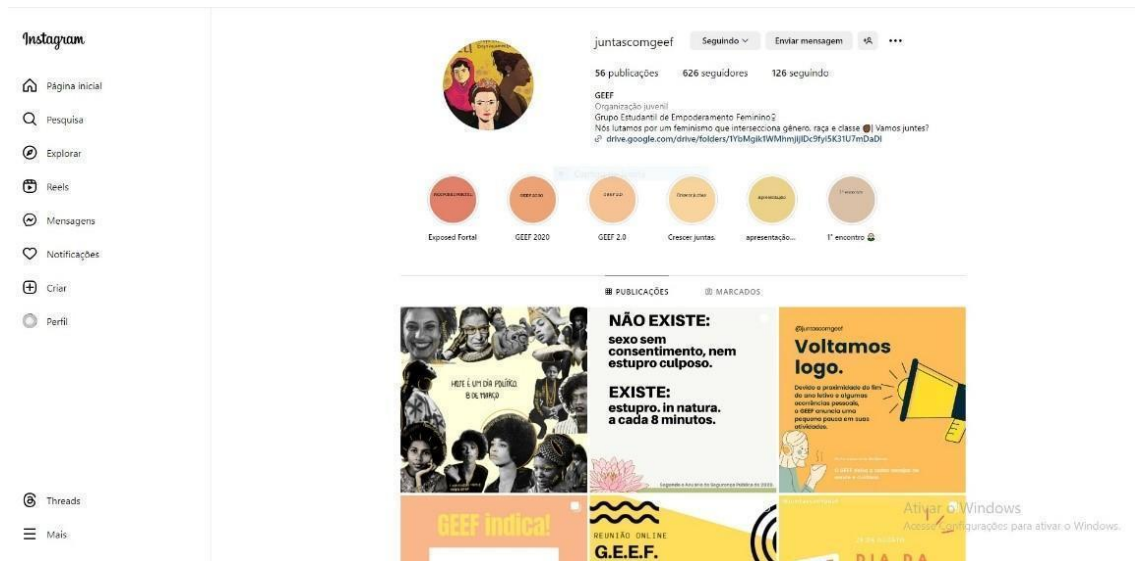
Ainda segundo Fairclough (2001), a ideologia se manifesta materialmente nas práticas institucionais, pois influencia e constitui os sujeitos em suas práticas no âmbito dos Aparelhos Ideológicos do Estado, tais como a educação e a mídia, que desempenham papel fundamental na delimitação das ideologias. A narradora destaca que as instituições educacionais, em especial a escola, contribuem para a manutenção da ideologia da violência contra a mulher, mesmo que teoricamente deveriam ser locais destinados à desconstrução dessa ideologia.

Além disso, durante a narrativa, há a presença de elementos relacionados aos discursos educacionais sobre o papel do professor, evocando sempre a responsabilidade, trazendo a representação do papel do professor de educar intelectualmente e até moralmente, como, muitas vezes uma extensão de casa, um papel de confiança, isto é, como uma figura paterna, como na passagem *“Professor tem que defender a gente.”*, reforçando a ideia de que o professor tem a responsabilidade de proteger seus alunos e alunas e não deve se envolver em comportamentos inadequados ou de maior gravidade, como o assédio sexual.

#### ***4.1.2 “sejam conscientes, sejam consistentes, não esqueçam, porque a vítima nunca esquece” - Análise da Narrativa 02***

O segundo vídeo analisado refere-se a uma postagem na página do coletivo “juntascomgeef” – Grupo Estudantil de Empoderamento Feminino. A descrição da página ressalta o compromisso do grupo com o feminismo interseccional, abordando questões de gênero, raça e classe. Diferentemente de uma página de perfil individual, esta representa um coletivo formado por adolescentes estudantes do ensino básico de Fortaleza, todas mulheres, com interesse e conhecimento em temas feministas. A imagem a seguir é uma captura de tela da página inicial do grupo:

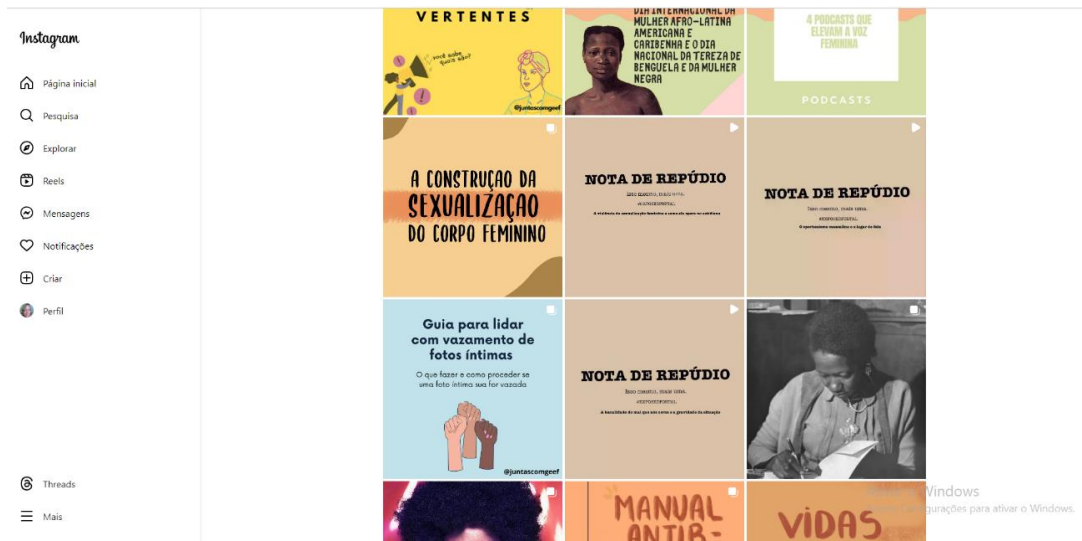
Figura 9 – Print da página de perfil Juntas com GEEF



Fonte: <https://www.instagram.com/juntascomgeef/>

A página é composta por publicações sobre conteúdos feministas, abordando temas como assédio, direitos reprodutivos, entre outros. Nela, encontram-se quatro publicações associadas à onda de denúncias originadas pela *hashtag* #exposedfortal. Essas postagens incluem três vídeos intitulados “Nota de Repúdio” e uma postagem carrossel intitulada como “Guia para lidar com o vazamento de fotos íntimas”, todos indexados com a *hashtag* #exposedfortal e postadas na mesma data, conforme captura de tela da página a seguir:

Figura 10 – Print da página de perfil Juntas com GEEF apresentando as quatro postagens relacionadas à onda de denúncias impulsionada pela hashtag #exposedfortal



Fonte: <https://www.instagram.com/juntascomgeef/>

Para a nossa análise, escolhemos o vídeo que, dentre os três indexados com a hashtag #exposedfortal, obteve o maior número de reações, como curtidas e compartilhamentos. Para fins ilustrativos, postamos os prints de tela de dois momentos do vídeo. O primeiro momento é o início do vídeo, que apresenta um texto introduzindo o vídeo como uma “nota de repúdio”, preparando a audiência para o conteúdo a ser apresentado. A seguir, a captura de tela da introdução do vídeo:

Figura 11 – Print do início do vídeo “Nota de repúdio”



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CBy-1zXhrP5/>

Após a imagem de apresentação, que introduz o vídeo com um texto, o vídeo prossegue com o relato da jovem estudante. Ela se apresenta, dizendo seu nome e se identifica como cofundadora do grupo “juntascomeef”. A seguir, o print do segundo momento do vídeo, o momento em que a estudante inicia seu relato:

Figura 12 – Print do momento em que a estudante inicia seu relato



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CBy-1zXhrP5/>

Após se apresentar, a narradora inicia seu relato abordando a motivação que a levou a gravar o vídeo, nomeando-o como uma nota de repúdio. Em seguida, ela contextualiza o surgimento da *hashtag* #exposedfortal, salientando que as denúncias alcançaram maior repercussão entre os dias 22 e 23 de junho de 2023, data da postagem do vídeo analisado e enfatiza o impacto da *hashtag* no Twitter, contabilizando mais de 30 mil tweets relacionados ao caso.

Ela explica a origem da mobilização da #exposedfortal, na qual a motivação inicial dessa *hashtag* foi denunciar a existência de um grupo no WhatsApp formado por jovens estudantes do sexo masculino de uma escola particular em Fortaleza. A maioria desses jovens era menor de idade e mantinha esse grupo há vários anos, voltado para o compartilhamento de fotos íntimas de meninas da mesma escola em que eles estudavam, além de conteúdos como vídeos pornográficos e até mesmos materiais de pedofilia. A narradora deixa explícita a classe social da qual esses meninos fazem parte, jovens de classe média alta, evidenciando que a violência contra a mulher permeia diversas classes sociais.

Após apresentar a motivação inicial do surgimento da *hashtag*, a narradora prossegue afirmando: “*mas a motivação primária dessa tag foi a exposição de que aparentemente um grupo de meninos(...) que tinham grupo há muitos anos, aparentemente, que era destinado ao compartilhamento de fotos íntimas de meninas que foram confiadas a eles, a vídeos pornográficos e vídeos referentes à pedofilia*”. Ela demonstra que a gravidade desse conteúdo foi o que a motivou a gravar uma nota de repúdio e postar na página do Instagram do coletivo GEEF. Como co-fundadora de um grupo que visa conscientizar sobre temas relacionados a gênero, ela sentiu a necessidade de se posicionar.

Ela relata que seu vídeo é uma nota de repúdio, demonstrando que ali há a presença de outras vozes, das mulheres que participam do coletivo e de jovens que também foram vítimas de assédio. Assim, realizamos uma análise para entender as ideologias e práticas dominantes que surgem dos relatos, seguindo a discussão proposta por Fairclough (2003). Os dados coletados foram organizados em um quadro que criamos, o qual destaca as marcas textuais dos discursos identificados. Utilizaremos, agora, o quadro para organizar os dados coletados na análise da segunda postagem:

Quadro 6 – Dados gerados da transcrição do vídeo da postagem 02

<b>Marcas textuais</b>	<b>Práticas Discursivas (interdiscursos)</b>	<b>Práticas sociais</b>
<i>“Mas eu sinto informá-les que a vida é dura e que as pessoas que fazem isso convivem com a gente todos os dias.</i>	Discurso feminista	Narrativas feministas dominantes; Empoderamento feminino;
<i>“Isso é muito assustador, porque a gente fala, fala, fala sobre isso e as coisas continuam acontecendo porque as pessoas simplesmente não se dão a disponibilidade de escutar e entender a gravidade de tudo isso.”</i>	Discurso de vítima de violência de gênero	Cultura de culpabilização da vítima; Sentimento de impotência Violência de gênero;

<p><i>“porque aparentemente o corpo feminino e pedofilia e pornografia é um entretenimento para vida pacata do jovem fortalezense de classe média alta”</i></p> <p><i>"e eles tratam de uma forma jocosa, como se tudo fosse dar certo, e eles não tivessem consequências nenhuma."</i></p>	Discurso machista	<p>Objetificação do corpo feminino;</p> <p>Relações de poder;</p> <p>Cultura da impunidade ou normalização da prática de assédio;</p>

Fonte: adaptado de Ramalho e Resende (2006).

A organização dos dados dentro desse quadro é relevante porque nos permite perceber a articulação de múltiplas vozes constituindo a nota de repúdio da narradora. Em um momento de seu relato, ela revela que o problema em pauta não é recente, mas algo que acontece há muito tempo. Ela menciona que isso ocorre não apenas na cidade de Fortaleza, mas em muitos outros lugares e, infelizmente, não se limita a uma única escola.

A gravidade da situação é evidenciada pelo fato dessas práticas criminosas acontecerem de forma muito recorrente. *“A gravidade de tudo isso diz respeito também ao fato de que isso ocorre de forma muito recorrente. Isso não é uma coisa de agora, isso não ocorre agora, esse grupo existe há vários anos e não existe só esse grupo aqui em Fortaleza, e não existe só Fortaleza com isso”*. As vozes presentes nesse fragmento apontam que a gravidade dessas situações transcende às daquele momento, revelando-se como uma prática recorrente enraizada ao longo de vários anos.

A polifonia da qual se constitui a fala da narradora traz à tona as vozes de outras mulheres ao mencionar que fizeram uma nota de repúdio relacionada ao mesmo tipo de violência na cidade de Fortaleza, indicando a persistência e a disseminação dessa prática criminosa ao longo do tempo. Isso é percebido através da intertextualidade com outras notas de repúdio postadas pelo coletivo: *“A gravidade também se diz em respeito à recorrência que tudo*



*isso aconteceu, porque há menos de dois meses atrás, nós temos também uma nota de repúdio também emitida sobre os casos de assédio sexual e abuso ocorridos em Fortaleza, também exposto nas redes sociais. Isso é muito assustador, porque a gente fala, fala, fala sobre isso e as coisas continuam acontecendo porque as pessoas simplesmente não se dão a disponibilidade de escutar e entender a gravidade de tudo isso”.*

Para reforçar a gravidade dessa prática, a narradora traz à tona as vozes dos próprios agressores que, de maneira irônica, zombam e menosprezam as suas denúncias. Em sua fala, corajosamente, a narradora destaca: *“porque aparentemente o corpo feminino e pedofilia e pornografia é um entretenimento para vida pacata do jovem fortalezense de classe média alta”*, demonstrando que esses jovens que foram denunciados não se importam com as acusações e enxergam sua prática apenas como diversão.

A partir desse ponto, a narradora explicita que tais práticas devem ser condenadas, mesmo quando os agressores são menores de idade. Para isso, ela estabelece uma conexão com textos jurídicos, como no trecho *“E se eles tivessem mais de 18 anos, porque alguns deles têm, eles estariam infringindo o crime contra dignidade sexual, que está no artigo 218 do Código Penal”* para legitimar sua posição e desmistificar a ideia de impunidade para menores.

Além disso, no trecho anterior, observamos uma interdiscursividade relacionada à percepção de impunidade para jovens de classe social de posição superior. Essa mesma ideia é reforçada no trecho subsequente, em que a narradora destaca: *“e eles tratam de uma forma jocosa, como se tudo fosse dar certo, e eles não tivessem consequências nenhuma.”* Essa passagem demonstra que o discurso de impunidade persiste, especialmente quando os envolvidos pertencem à classe privilegiada. No entanto, possivelmente, o tratamento seria diferente se os jovens que praticassem esses atos criminosos fossem pertencentes a grupos minorizados, como os negros, indígenas, LGBTQIAP+ etc. Assim, a recorrência do discurso de impunidade ao longo da narrativa enfatiza a indignação da narradora com essa percepção persistente de que certos grupos estão acima das consequências de suas ações.

No trecho a seguir, a narradora se vale da interdiscursividade para confrontar discursos maniqueístas, no qual se representam um pensamento simplista que tende a reduzir questões complexas a meras relações entre opostos, especialmente em relação aos crimes de abuso sexual e assédio: *“Agora a gente conhece muitos poucos homens que já foram abusadores sexuais, já foram assediadores. Isso é muito engraçado, vocês não acham, não? Porque para mim, as pessoas têm essa concepção de que todos os homens que praticam esse tipo de coisa são pessoas ostracizadas da sociedade, são monstros que vivem numa caverna e que não convivem com a gente”.*

A narradora questiona a visão comum de que os perpetradores desses crimes são considerados párias da sociedade, desafiando essa perspectiva maniqueísta ao afirmar: *“Mas eu sinto informá-los que a vida é dura e que as pessoas que fazem isso convivem com a gente todos os dias. O problema é que a gente tem essa demonização das pessoas que praticam isso, porque parece que a realidade é muito dura para ser encarada. As pessoas que praticam isso são pessoas que você conhece, são pessoas que você conversa, pode ser uma pessoa que você cresceu, uma pessoa que você ama, uma pessoa que é amorosa com você, mas também é uma pessoa que pratica esse tipo de coisa com as pessoas”*.

Nesse contexto, a narradora busca desconstruir a idealização romântica segundo a qual esses indivíduos são completamente alheios à convivência diária. Ao mencionar que *“as pessoas que praticam isso são pessoas conhecidas e os perpetradores de abuso sexual e assédio não se encaixam somente na imagem de “monstros”*, chama a atenção para o fato de que tais criminosos podem, inclusive, ser pessoas comuns nos círculos sociais dos quais todos fazemos parte.

Ao desafiar discursos simplistas sobre o bem e o mal, a narradora busca romper com categorizações convencionais de pessoas e comportamentos que mantêm a existência e a continuidade de estruturas de dominação, conforme destacado por Resende e Ramalho (2016, p. 186): *“Por meio da investigação das relações entre discurso e prática social, busca-se desnaturalizar crenças que servem de suporte a estruturas de dominação, a fim de favorecer a desarticulação de tais estruturas”*. Dessa forma, a narradora desnaturaliza as categorizações convencionais de pessoas e comportamentos, revelando que os abusadores não são seres que habitam cavernas, mas sim pessoas reais, inseridas na sociedade, ocupando funções relevantes, como a de professores, por exemplo.

A narrativa em destaque também mostra uma intertextualidade com outra nota de repúdio postada na mesma página do coletivo, referente a outros casos de assédio em Fortaleza, que fomentou a mobilização das denúncias por meio da *hashtag* #exposedfortal. Nas palavras da narradora, *“a gravidade também se diz em respeito à recorrência que tudo isso aconteceu, porque há menos de dois meses atrás, nós temos também uma nota de repúdio também emitida sobre os casos de assédio sexual e abuso ocorridos em Fortaleza, também exposto nas redes sociais. Isso é muito assustador, porque a gente fala, fala, fala sobre isso e as coisas continuam acontecendo porque as pessoas simplesmente não se dão a disponibilidade de escutar e entender a gravidade de tudo”*. Ao mencionar a nota de repúdio anterior, ela salienta a gravidade dessa recorrência e, por isso, demonstra sua inquietação quanto à repetição dessas

violências e, sobretudo, quanto à nefasta naturalização desse tipo de comportamento, que permanece impune.

Diante da recorrência dos crimes, ela destaca também a importância de ser perseverante nas denúncias: *“E outra coisa que diz respeito à gravidade de tudo isso, também diz respeito no porquê que a gente tem que continuar falando sobre isso. O que acontece é porque junto com essa fala jocosa dos meninos sobre tudo isso, se defendendo e tudo mais, olha, as pessoas têm todo o direito de se defender, o código, a Constituição, assume que todo mundo é inocente até que se prove o contrário, mas existem coisas chamadas provas, tem números, tem fotos, eu tenho conceitos que todos vocês têm acesso a tudo isso, e eles tratam de uma forma jocosa, como se tudo fosse dar certo, e eles não tivessem consequências nenhuma”*.

Nesse trecho, identificamos as vozes dos jovens que cometeram o assédio, remetendo à forma como inicialmente reagiram diante da repercussão das denúncias, menosprezando e possivelmente insultando as jovens, estabelecendo uma intertextualidade com os textos compartilhados por eles e outros homens nas redes sociais em relação à repercussão da *hashtag* #exposedfortal à época com a intenção de se defenderem ou diminuir o valor das denúncias dessas meninas.

Com a intenção de desafiar a prevalente impunidade associada ao comportamento masculino, a narradora, em momentos específicos de sua narrativa, busca incorporar elementos do discurso jurídico. Seu propósito é evidenciar que tal prática é criminosa. Para isso, ela faz uso de uma abordagem ancorada em conceitos legais: *“olha, as pessoas têm todo o direito de se defender, o código, a Constituição, assume que todo mundo é inocente até que se prove o contrário, mas existem coisas chamadas provas, tem números, tem fotos...”*

No trecho, a narradora destaca: *“esses menores de idade não estão praticando nenhum crime, mas eles estão praticando ato infracional que é análogo ao crime. E se eles tivessem mais de 18 anos, porque alguns deles têm, eles estariam infringindo o crime contra dignidade sexual, que está no artigo 218 do Código Penal”*. Ao evocar uma interdiscursividade jurídica, a narradora incorpora elementos para uma abordagem legal, evidenciada pela referência ao termo "ato infracional" e ao artigo 218 do Código Penal. Ela destaca que esses atos não devem ser tratados como algo natural ou simples, uma vez que a legislação prevê consequências. Essa perspectiva implica a busca pela responsabilização jurídica, enfatizando a importância de encaminhar casos de assédio aos órgãos competentes.

Ao estabelecer uma intertextualidade com textos jurídicos, a narradora especifica o tipo de crime que seria cometido pelos jovens acusados na *hashtag* #exposedfortal se estes tivessem mais de 18 anos: "crime contra a dignidade sexual", conforme o artigo 218 do Código

Penal. Em seguida, por meio dessa perspectiva embasada na legalidade, a narradora procura mostrar à sua audiência a gravidade dessas práticas, enfatizando que, na legislação, há uma equivalência quando se trata de menores de idade, denominada como ato infracional.

Utilizando a analogia ao crime contra a dignidade sexual, a narradora relativiza o ato cometido por um menor de idade em comparação com um adulto. Embora, tecnicamente não seja classificado como crime devido à idade dos jovens, ela faz uma equiparação da ação ao crime mencionado no Código Penal, destacando, assim, a gravidade do ato infracional cometido por menores de idade. Ancorando seu discurso em um contexto legal, a narradora adota uma perspectiva de responsabilização jurídica, conforme observado no trecho a seguir: *“Essas pessoas não vão só serem repreendidas pelos pais, essas pessoas têm que responder pelos seus atos”*.

Desta maneira, a narradora, ao se valer de um discurso jurídico, não está apenas se posicionando de maneira particular, mas também de maneira coletiva, ampliando sua voz para representar a autoridade e legitimidade da lei com o intuito de sensibilizar sua audiência. Como explicitado por Fairclough (2001), o discurso é uma prática social que tanto é determinada pela estrutura social que a envolve quanto ajuda a moldar essa estrutura.

A narradora estabelece uma interdiscursividade ao mencionar o posicionamento do "secretário de segurança pública do estado do Ceará", incorporando, assim, o discurso institucional, demonstrando que as denúncias mobilizaram uma resposta oficial das autoridades de segurança pública. Ademais, ao citar a repercussão da *hashtag* no "CETV", jornal local e na "Fátima Bernardes", programa de TV exibido no canal Rede Globo, ela evoca a voz da mídia que repercutiu o caso em rede nacional, apontando uma intertextualidade com a mídia televisiva, demonstrando a força da mobilização da *hashtag*.

No apelo final, a narradora estabelece uma interdiscursividade com o discurso do jornalismo legítimo ao convocar a audiência a compartilhar informações, conscientizar-se e agir de maneira responsável nas redes sociais *“compartilhe tweets legítimos, tentem não compartilhar fake news, sejam conscientes, sejam consistentes”* e evitar a propagação de notícias falsas, instigando a consciência e a consistência para que, dessa maneira, o ciclo de impunidade possa ser rompido, no qual as vítimas possam ter suas vozes ouvidas e respeitadas.

A análise voltada para o primeiro objetivo específico buscou caracterizar o contexto sócio-histórico em que a *hashtag* #exposedfortal surgiu e se expandiu, proporcionando uma compreensão das condições sociais de produção discursiva dessas narrativas de si. A próxima subseção será direcionada à análise da mobilização dos temas de violência de gênero nas narrativas de si associadas à *hashtag* #exposedfortal.

## **4.2 “Quantas meninas já não passaram por isso?” A mobilização dos temas de violência de gênero nas narrativas de si da *hashtag* #exposedfortal**

Através da análise das categorias de posicionamento narrativo e *hardening* (Maia-Vasconcelos, 2003), discutidas na fundamentação teórica, é possível explorar e identificar como os sujeitos se posicionam narrativamente ao mobilizar temas relacionados à violência de gênero nas narrativas de si, que corresponde ao segundo objetivo específico de nossa pesquisa. Nesse sentido, é fundamental compreender que um sujeito, ao narrar sua história, sofre influências de sua subjetividade para se posicionar narrativamente em relação aos eventos que viveu.

Além disso, para essa compreensão, foi importante considerar conceitos referentes à violência de gênero. Conforme discutido na fundamentação teórica desta pesquisa, a violência de gênero é entendida em seus diferentes tipos e formas, incluindo, violência física, emocional, psicológica e sexual, segundo Segato (2003) e Almeida (2007). Nesse sentido, compreendemos que através da *hashtag* #exposedfortal, as mulheres podem compartilhar suas experiências e histórias, criando uma comunidade de apoio e conscientização. A seguir, retomaremos a análise da Narrativa 01 na subseção 4.2.1 e da Narrativa 02 na subseção 4.2.2, enfatizando outros aspectos distintos dos que analisados na Seção 4.1 sobre o contexto sócio-histórico da #exposedfortal: condições de produção discursiva e narrativas de si no Instagram.

### **4.2.1 “Professor tem que defender a gente. Tem que cuidar da gente e eles têm a responsabilidade de não fazerem a gente se apaixonar por eles” - Análise da narrativa 01**

Abordaremos novamente a narrativa 01, desta vez focando na mobilização dos temas de violência de gênero nas narrativas de si da *hashtag* #exposedfortal. Na narrativa analisada, a narradora compartilha sua história a partir de suas experiências pessoais. Ao iniciar sua narrativa, é possível perceber a delimitação do espaço-tempo da sua narrativa ao identificarmos a circunstância do momento de produção da narrativa, que é o contexto da onda de denúncias de assédio impulsionadas pela *hashtag* #exposedfortal e outras *hashtags*, tratando de um acontecimento do presente que a levou a falar sobre sua história.

Além disso, a narradora explicita seu propósito ao realizar a narrativa gravada em vídeo e compartilhá-la em seu *feed* no Instagram: “*Oi gente, eu tomei a liberdade de vir falar um pouco sobre tudo isso que está acontecendo do #exposedfortal, do #exposedFarias Brito e*

*de outras escolas que também estão passando por isso, mas eu vim falar sobre o que mais me preocupou”.*

Nesse trecho, a categoria de posicionamento narrativo é identificada a partir da correspondência ao elemento de intencionalidade, que se refere à atribuição de propósitos que levaram à escrita autobiográfica, bem como ao elemento de designação (Maia-Vasconcelos, 2022), que diz respeito aos motivos pelos quais a narradora decidiu falar sobre o assunto, que são as denúncias geradas pela #exposedfortal.

Ela se reporta ao passado e demonstra uma inquietação, uma preocupação ao mencionar o período que passou na escola e destaca o momento em que tudo começa a mudar na vida de uma jovem, quando se inicia a puberdade: *"eu acho que passei uns quinze anos na escola, sei lá?" "mas eu vim falar sobre o que mais me preocupou". "E depois do meu ensino médio, quando a gente começa a mudar, que nós meninas começamos a mudar, que nosso corpo começa a criar formas mais femininas e a gente de fato começa a amadurecer."* É a partir desse momento de sua vida que ela nota uma mudança na maneira como é percebida pelos professores: *"Nesse momento, passamos a ser vistas pelos professores de maneira diferente."*

Dessa forma, o contexto de onda de denúncias indexadas pela #exposedfortal a fez lembrar o período na escola em que ela e outras amigas passaram a serem vistas de maneira diferente, ou seja, o período pelo qual as jovens que estão denunciando assédios nas escolas no momento presente também sofreram assédio por parte de professores no passado.

Isso revela o motivo de sua preocupação, sobretudo ao constatar que os mesmos professores que assediaram suas amigas no passado estão sendo denunciados atualmente por meio dessas hashtags: *"Só que agora recentemente através do #exposed eu vi que hoje isso acontece com o mesmo professor ou com os mesmos professores que, inclusive já foram meus professores há dez anos atrás, isso me deixa tão mal, sabe?"*

Segundo Goffman (2009), a identidade dos indivíduos é construída conforme o meio social em que se inserem. Dessa forma, ela assume uma posição de sujeito conscientizador e irá narrar sob a perspectiva de uma pessoa que passou por assédios, mas que, ao mesmo tempo, busca se empoderar e conscientizar seus pares. Ela compartilha suas experiências, evidenciando como esses assédios persistem, inclusive com os mesmos professores que a assediaram, assim como a suas amigas.

De acordo com Bruner (1990, 2002), a formação e a transformação como sujeitos ocorrem por meio das narrativas. As pessoas são moldadas e se tornam quem são graças às histórias que lhes são contadas e às histórias que contam, inclusive sobre si mesmas. Essas

narrativas, presentes tanto nas palavras dos outros quanto em suas próprias histórias, são a essência do constante processo de formação e transformação diária.

Nesse sentido, é importante considerar o contexto de produção na rede social Instagram, conhecida por seu culto à imagem, em que as pessoas compartilham e consomem fotografias (Schroeder, 2016). Nessas imagens, é comum encontrar versões idealizadas das vidas das pessoas que, habitualmente, fazem postagens de viagens, refeições requintadas e outros elementos que expressam sucesso e felicidade.

No entanto, vale ressaltar que as funções iniciais do Instagram, assim como de outras redes sociais, têm passado por transformações devido às atualizações frequentes que recebem e pela forma como os usuários a utilizam. Essas mudanças impactam a forma como as pessoas interagem e compartilham conteúdo na rede. O Instagram, que inicialmente foi criado para compartilhar imagens de uma vida mais glamourizada, tem evoluído para se tornar um espaço onde as pessoas buscam visibilidade social.

Conforme Recuero (2009), a visibilidade social tornou-se um valor fundamental para os usuários das redes sociais, proporcionando que as pessoas sejam mais notadas na rede, criando um ambiente em que indivíduos compartilham detalhes íntimos de suas vidas diárias e se transformam em protagonistas de suas narrativas em tempo real. Essa tendência reflete o fenômeno do imperativo da visibilidade, como discutido por Sibilia (2016), em que os indivíduos são incentivados a construir narrativas minuciosas de suas vidas, capturando cada momento. Ou seja, também é atrativo demonstrar-se como um sujeito que tem posicionamento social, que não está somente preocupado em compartilhar o lado ‘glamouroso’ da vida.

Diante disso, no Instagram, quando os sujeitos decidem fazer postagens com conteúdo social, muitas vezes, as pessoas sentem-se motivadas moralmente a mostrar esse “lado” de si. Mais precisamente no Instagram, ao gravar um vídeo, passa-se a impressão de que estão realizando um feito notável para a sociedade, exercendo seu papel de cidadão, como se, por meio dessa atitude de postar um vídeo na rede social, tivessem a capacidade de mudar o mundo.

No vídeo do qual realizamos a transcrição, embora não tenhamos analisado a imagem e tenhamos concentrado o nosso exercício analítico no texto oriundo da transcrição da narrativa, é interessante notar como a narradora se posiciona no vídeo, o que torna seu relato ainda mais crível para a audiência, pois essa credibilidade é demonstrada quando a narradora rompe com essa tendência de postagens do ‘lado bom da vida’ tão comum na rede social Instagram.

Assim, em vez de seguir o padrão habitual de postagens na rede, ela, naquele momento, escolhe apresentar uma preocupação pessoal que se interliga ao social, isto é, um tema pessoal que a impulsiona a agir. Através do uso da *hashtag* #exposedfortal, ela não apenas expressa solidariedade, mas também se associa a um movimento mais amplo, exibindo uma determinação em trazer à luz uma questão significativa e, quiçá, incitar uma mudança social.

Desde o início de sua narrativa, a narradora expressa um sentimento de inquietação e de preocupação, como se tivesse dedicado um momento significativo para interromper a linha comum de postagens no Instagram, uma vez que é uma plataforma em que as pessoas geralmente procuram transmitir a melhor versão de si mesmas. A narradora aborda algo que a deixou preocupada. Dentro desse espaço, ela parece sentir não somente uma motivação pessoal por ter também passado por situações semelhantes às das jovens que fizeram denúncias por meio da #exposedfortal, mas sente uma motivação social de gravar o vídeo e postar no intuito de alertar outras jovens.

Nesse momento, ela emerge como a autora de sua própria narrativa, demonstrando consciência de que os eventos do passado foram atos torpes de violência. Durante a narrativa, diversos temas relacionados à violência de gênero e ao assédio são mobilizados, os quais elencamos no quadro a seguir para melhor organizar os dados. Para tanto, detemo-nos ao grau de repetibilidade de termos ligados ao tema violência e de que forma foram mobilizados por meio da identificação da categoria *hardening*, conforme Maia-Vasconcelos (2003).



Quadro 7 – Temas com maior grau de repetibilidade mobilizados na narrativa 01

Temas (tipos de violência de gênero)	Marcas textuais de <i>Hardening</i> ( <i>looping</i> narrativo)
Violência psicológica/ Violência moral	<p>“<u>Quantas meninas já não passaram por constrangimento, por assédio por mensagens</u>”</p> <p>“Eu vi uma amiga sendo <u>assedada</u> a ponto de mandar fotos pro professor pra ele não ficar triste”</p> <p>“e eu sei que <u>já acontece e já aconteceu e acontecem</u> casos onde crianças são vistas como mulheres ou através de olhos de pedófilos e... <u>aconteceu muito isso no meu ensino médio</u>”</p> <p>“<u>e isso acontece com tantas meninas</u>”</p> <p>“e o que me deixa mais preocupada é que já faz dez anos que eu terminei o <u>ensino médio</u>”</p> <p>“Isso me deixa tão preocupada <u>de que quantas crianças já não passaram por isso?</u> De que quantas meninas perderam a sua inocência se envolvendo com esse tipo de gente?”</p> <p>“e hoje eu converso com a minha mãe, a minha mãe disse que <u>isso acontecia com ela</u>, minha mãe tem sessenta e poucos anos, <u>há quantos anos</u> os professores não se acham no direito de se envolver com as alunas?”</p>
Assédio sexual	<p>“<u>Quantas meninas já não passaram [...], por toques indesejados</u>”</p> <p>“<u>Quantas meninas não passaram por isso?</u>”</p> <p>“<u>Aquele abraço</u> mais apertado que enganchava o peito, aquele abraço na cintura que a <u>mão descia pra bunda</u>, pro começo ali da bunda”</p> <p>“Vamos ter cuidado com <u>os abraços</u> apertados que às vezes a intenção é colar o nosso peito. Vamos ter cuidado com essas <u>mãos que descem</u> pra nossa cintura com <u>intenções de pegar na nossa bunda</u>. Isso é <u>assédio</u>”</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Notamos uma ocorrência de tipos de violência bem recorrentes na narrativa em análise, como violência psicológica, moral e assédio sexual, que são marcadas por uma identificação coletiva, pois a narradora se demonstra preocupada em: “*Quantas meninas já não passaram por constrangimento, por assédio por mensagens*”.

Na sequência: *"Isso me deixa tão mal, sabe? Péssima, enjojada, chateada e enfadada"*. Ao usar uma série de qualificadores negativos, ela expressa seu desconforto e aponta como esses assédios causam os mais diversos sentimentos de repulsa, pois, ao dizer *"sabe?"*, evoca uma cumplicidade com o interlocutor, demonstrando como essa dor permeia sua narrativa à medida que rememora esses acontecimentos

Nesse ponto, percebemos que a narradora passou por uma experiência traumática. Ao narrar suas experiências, sua vida parece ficar congelada naquele momento de ruptura, ou seja, naquele momento que ocorreu o trauma. Mesmo que o sujeito continue a existir, sua perspectiva da vida é permanentemente influenciada por essa experiência traumática, como se estivesse sempre olhando para o mundo a partir desse ponto de ruptura, o que corrobora com o que diz Maia-Vasconcelos (2019, p. 7):

Se a vida é construída de lacunas, assim como clips de papel que jamais volta a ser um fio de aço reto, um sujeito em situação de *hardening* é um sujeito com suas feridas jamais curadas e com todos os direitos de deixá-las abertas e expostas, pois é bem isso que o faz resistente.

As palavras da autora supracitada nos ajudam a compreender que, durante a narrativa, a narradora demonstra sua resistência ao falar sobre o assunto de forma consciente. Ela está, de certa forma, presa naquele ponto de ruptura, sentindo-se *"péssima, enjojada, chateada e enfadada"*. Essa sequência de emoções expõe suas feridas emocionais, revelando um sujeito em estado de *hardening*. Mesmo após 10 anos desde o término de seus estudos, as memórias de seu período como estudante continuam a afetar sobremaneira sua percepção sobre o assédio, mostrando como os seus sentimentos repulsivos ainda permeiam sua narrativa. Esse estado de resistência, embora demonstrado através de sua capacidade de falar sobre o assunto, evidencia a persistência das marcas emocionais deixadas pelo trauma.

Imaginar o tempo decorrido para a narradora causa sofrimento. O marcador temporal é o ensino médio, período da adolescência, em que ocorrem muitas mudanças no corpo, como ela mesma ressalta: *"E depois do meu ensino médio, quando a gente começa a mudar, que nós meninas começamos a mudar, que nosso corpo começa a criar formas mais femininas e a gente de fato começa a amadurecer"*.

Nesse momento, as meninas apresentam características físicas que chamam a atenção dos professores abusadores, e isso não impede que a observem como uma mulher adulta, mesmo sendo apenas adolescentes, ressaltado por uma figura de linguagem: *"Nesse momento, a gente começa a ser vista pelos professores de uma forma diferente, e eu sei que já*

*acontece e já aconteceu e acontecem casos onde crianças são vistas como mulheres ou através de olhos de pedófilos e... aconteceu muito isso no meu ensino médio".* Ela apresenta, nesse momento, seu ponto de ruptura, o período do ensino médio, em que ela e suas colegas foram vítimas de criminosos que as fizeram sofrer a dor do assédio. Sua narrativa demonstra que ela sabe que esse tipo de conduta ainda é naturalizado hoje na sociedade, mesmo que a sua experiência tenha acontecido no período escolar de sua vida.

A repetitividade é identificada na narrativa na qual ela faz menção várias vezes ao termo ‘assédio’. No decorrer de sua narrativa, esse termo se refere à mobilização de dois tipos de violência recorrentes em seu discurso: a violência psicológica e a violência sexual, marcando o *hardening*. Dessa forma, identificamos que o *hardening* é marcado a partir do momento em que a narradora inicia o ensino médio, período que passa por uma fase da adolescência que é marcada pelas mudanças físicas, em que o corpo de uma menina passa por mudanças em transição para a fase adulta. Nesse momento, ela começa a vivenciar uma violência ‘velada’, marcada pelos olhares inconvenientes, sobretudo quando vindos de um professor, um sujeito que possui uma representação de pai, como a própria narradora mais adiante descreve e realiza uma aproximação da relação familiar, colocando esse sujeito como uma extensão da família.

No trecho mencionado: *“Então era uma pessoa que vivia dentro da nossa...estava na nossa vida, fazia parte do nosso cotidiano”, “ela tinha dezesseis anos e nunca tinha tido nenhuma relação amorosa, a figura masculina dentro de casa era o pai, quando chegava na escola tinha a figura de um cara super inteligente, admirável, até bonitinho e as pessoas olhavam pra ele e ele estava dando bola pra ela, então ela se achava um máximo e isso acontece com tantas meninas”,* percebemos a presença de termos como confiança, cuidado e responsabilidade, que são associados à figura do professor durante sua narrativa.

Na escola, a narradora experimenta a violência de gênero: *“Aquele abraço mais apertado que enganchava o peito, aquele abraço na cintura que a mão descia pra bunda, pro começo ali da bunda isso é uma coisa que sempre aconteceu independente das escolas que eu que eu já tenha estudado, sempre tinham um outro professor que se destacava por ter esse comportamento e o que me deixa mais preocupada é que já faz dez anos que eu terminei o ensino médio”.*

Ela descreve o assédio sexual por meio do uso da metonímia *“a mão descia pra bunda”*, ao invés de *“Ele a tocou”*. Essa escolha não só transmite a sensação física do toque, mas também a invasão marcada pela escolha do termo *“mão”*, em vez de se referir diretamente ao professor. Isso torna a narrativa mais íntima, demonstrando o quão invasiva foi essa experiência para ela que, associada à recorrência do termo preocupação, demonstra a sua

inquietação pelo tempo decorrido desde aquele episódio e como esse comportamento ainda é recorrente mesmo anos depois.

Essa experiência íntima compartilhada pela narradora demonstra que ela procura desvelar um comportamento que parece uma demonstração de afeto por parte do professor, mas que, na verdade, é uma forma de assédio. Através dessa descrição realizada através de uma figura de linguagem, a narradora busca transmitir uma sensação de proximidade com o interlocutor, demonstrando como aqueles toques não permitidos lhe causaram trauma.

Dessa forma, no decorrer de sua narrativa, ela vai retomando sua preocupação em imaginar quantas meninas já vivenciaram isso. Ela narra episódios de assédio e reflete de maneira preocupada quantas meninas já foram vítimas, ou seja, ela retorna para o ponto de ruptura, aquele momento em que houve o passar de mãos no corpo, os toques indesejados, e sua narrativa vai sendo tingida por essa dor, essa constante preocupação, que sempre a leva para aquele mesmo ponto de ruptura: "*Quantas meninas não passaram por isso?*"

A repetibilidade ocorre ao revelar uma sensação de preocupação na narrativa. Esse termo é repetido e reiterado, associado ao professor que a assediou no passado e que, agora, no presente, comete os assédios contra outras jovens. Essa preocupação é um marcador do '*hardening*', ao qual ela ancora esse sentimento que permeia sua narrativa, imaginando as meninas que estão passando por essa situação, assim como ela passou.

Esse momento revela que essa circunstancialidade de uma onda de denúncias que envolveram esse professor e outros a motivou a gravar o vídeo e postá-lo, demonstrando sua intenção de alertar essas jovens de que o que ela passou não é certo, procurando desvelar a romantização que, muitas vezes, as jovens têm em relação ao professor. Assim, ela procura marcar os papéis do professor e como deve ser a relação aluna-professor.

Ao rememorar uma situação com uma amiga: "*Eu vi uma amiga sendo assediada a ponto de mandar fotos para o professor para ele não ficar triste*", a narradora expressa a violência psicológica que uma amiga sofreu, que, conforme Segato (2003), também é entendida como violência moral. A violência moral é uma ação que envolve agressão emocional, ainda que não seja consciente e deliberada, podendo ocorrer sem ofensa verbal explícita por meio de gestos, atitudes ou olhares. Essa violência se inscreve no ambiente costumeiro por parte de alguém com a finalidade de submeter o corpo e a mente à vontade e à liberdade de outrem.

Em vários momentos de sua narrativa, os temas sobre violência psicológica são reiterados e sua narrativa vai sendo tingida dessa dor. Conforme Maia-Vasconcelos (2022), identificamos o *hardening* no trecho: "*eu não consigo imaginar quantas vezes o nome das minhas amigas, o nome da minha irmã, o nome das minhas primas, o meu nome já esteve na*

*boca de professores...é...deles falando do nosso corpo, sabe? Deles comentando assim entre si e o pior, um apoiando a atitude do outro. Isso me deixa tão preocupada de que quantas as crianças já não passaram por isso? De que quantas meninas perderam a sua inocência se envolvendo com esse tipo de gente?"*

A repetibilidade da expressão “*não consigo imaginar*” evidencia a dor e a resistência em confrontar a quantidade de meninas que já foram e ainda serão assediadas. Ao longo da narrativa, o tom de preocupação é retomado, destacando o papel que professores e escolas devem desempenhar na proteção de suas alunas. Isso deixa explícito os papéis sociais de cada um, como no trecho: “*A gente pode te achar um excelente professor. Mas a sua relação com a gente é de ensino. Nunca deixe que a gente confunda isso. Porque essa responsabilidade é sua. Não minha*”.

Ao final da narrativa, o assédio sexual é retomado, evidenciando o *looping* narrativo. A narradora volta a mencionar os toques inadequados, o que é demonstrado ao longo da narrativa sobre o quanto é inapropriado esse comportamento no ambiente escolar. Essa retomada demonstra que esse tipo específico de toque foi marcante, pois através de uma demonstração de afeto como um abraço, o assediador se aproveita para praticar o assédio.

Isso deixou uma marca na narradora, que busca alertar outras meninas de que esse tipo de toque não é adequado e que configura assédio, mesmo que seja disfarçado de demonstração de afeto, mesmo que venha daquele professor “legal” que leciona as melhores aulas, mesmo que essa jovem nutra algum sentimento romântico por esse professor.

Além disso, a narradora busca alertar sobre como tudo isso é assédio. Através da descrição de toques físicos, que são completamente inadequados no ambiente escolar, especialmente quando partem de um professor: “*Vamos ter cuidado com essas mãos que descem para a nossa cintura com intenções de pegar na nossa bunda. Isso é assédio. Isso é sério. Isso não é certo. Professor tem que defender a gente. Tem que cuidar da gente e eles têm a responsabilidade de não fazerem a gente se apaixonar por eles*”.

Assim, a narradora mostra que há a aceitação de comportamentos masculinos inadequados na sociedade, mesmo quando exercem um papel social que carrega responsabilidade. Ela destaca como a sociedade pode, por vezes, normalizar ou minimizar o assédio, contribuindo para sua perpetuação ao culpabilizar as vítimas, mesmo que sejam menores de idade.

No decorrer da narrativa ela faz esse alerta, e busca desvelar a naturalização desses comportamentos, demonstrando que são práticas de assédio: “*Por favor, meninas e meninos*

*que se sentirem de alguma forma assediados que a intimidade de vocês foi violada de alguma forma se não gostaram de alguma coisa reclamem falem não fiquem em silêncio."*

#### **4.2.2 “sejam conscientes, sejam consistentes, não esqueçam, porque a vítima nunca esquece” - Análise da narrativa 02**

Agora abordaremos a narrativa 02, focando na mobilização dos temas de violência de gênero nas narrativas de si da *hashtag* #exposedfortal. Na narrativa analisada, a narradora se apresenta como cofundadora do grupo GEEF, conferindo-lhe uma voz de autoridade que não apenas fala de forma individual, mas também representa uma coletividade. Sua narrativa é marcada temporalmente ao apontar as datas de maior fluxo de compartilhamentos das *tags* relacionadas à #exposedfortal, mencionando que a *tag* subiu no Twitter do dia 22 para o dia 23 de junho de 2020, marcando a circunstância do momento de produção da narrativa no contexto da onda de denúncias de assédio que ocorreram em Fortaleza, impulsionadas pela *hashtag* #exposedfortal no Twitter.

A categoria de posicionamento narrativo é identificada a partir da correspondência ao elemento de intencionalidade, que se refere à atribuição de propósitos que levaram à escrita autobiográfica, bem como ao elemento de designação (Maia-Vasconcelos, 2022), que diz respeito aos motivos que levaram a narradora a falar sobre o assunto gerado pela #exposedfortal.

Nesse trecho “*Eu sou co-fundadora do Juntas com GEEF e é hoje que, com muito pesar, eu venho aqui emitir uma nota de repúdio por meio desse vídeo e futuramente por meio de vários outros vídeos que vão seguir esse, aos casos de assédios sexuais ocorridos em Fortaleza*”, a revelação de sua motivação ocorre quando ela expõe os motivos que a levaram a emitir a nota. Como cofundadora de um grupo dedicado a questões feministas, sua preocupação em destacar a seriedade dessa prática e divulgar as denúncias contra um grupo de jovens que compartilhavam sem consentimento fotos íntimas e vídeos pornográficos de mulheres foi o que a levou a expor essa prática criminosa.

A partir disso, identificamos a categoria de posicionamento narrativo, uma vez que a narradora assume um papel de protagonista, alertando para a recorrência dessas práticas. Assim, ela se apresenta como uma jovem feminista, adotando, ao longo de seu relato, um discurso predominantemente feminista. Esse alinhamento com a perspectiva de Bruner (1990, 1997) destaca a capacidade das narrativas em revelar, pois ao (re)contar suas histórias, o narrador (re)organiza suas experiências.

O contexto da onda de denúncias associadas à *hashtag* #exposedfortal é o contexto que molda a sua narrativa. A narradora destaca a seriedade das denúncias, enfatizando que tais casos ocorrem de maneira persistente ao longo de vários anos, conforme a passagem “*A gravidade de tudo isso diz respeito também ao fato de que isso ocorre de forma muito recorrente. Isso não é uma coisa de agora, isso não ocorre agora, esse grupo existe há vários anos e não existe só esse grupo aqui em Fortaleza, e não existe só Fortaleza com isso. Isso é uma realidade completamente comum*”. Nesse sentido, sua intenção é dissuadir a audiência, ressaltando que não se trata de uma ocorrência isolada em Fortaleza, mas sim de uma realidade comum que ocorre em outros locais.

Como mencionado, a narradora assume um papel de protagonismo e esse posicionamento se dá na tensão entre valores, ideologias e normas socioculturais. A posição, nesse entendimento, é defendida como uma construção de sentidos na qual a narradora assume um lugar moral, embora ela se inclua como sujeito que também sofreu ou sofre a violência de gênero. Ela evidencia uma identidade de sujeito que também busca conscientizar suas companheiras. Essa atitude corrobora o pensamento de Goffman (2009), segundo o qual a construção da identidade individual ocorre em consonância com o ambiente social em que os sujeitos estão inseridos.

Nesse contexto, na narrativa analisada, percebemos um posicionamento da narradora voltado para a necessidade de conscientização, denúncia e responsabilização dos agressores, bem como o apoio às vítimas a partir de sua perspectiva de uma jovem estudante militante nas causas feministas, que busca promover o empoderamento de outras jovens utilizando sua narrativa como ferramenta militante.

Assim, ela convoca sua audiência a se mobilizar por meio de questionamentos “*E o que acontece? Por que isso é tão grave? E por que a gente precisa compartilhar essa hashtag? Por que a gente precisa falar sobre isso?*” A postura da narradora nos faz perceber que ela está em consonância com as ideias de Riessman (2008, p. 8), para quem a narrativa pode ser uma ferramenta relevante para “lembrar, argumentar, justificar, persuadir, engajar-se e entreter”. Dessa forma, ao realizar esses questionamentos, ela faz de sua narrativa um instrumento de mobilização social.

Conforme realizado na análise da narrativa 01, é importante considerar para essa análise o contexto de produção na rede social Instagram, conhecida por seu culto à imagem, em que as pessoas compartilham e consomem fotografias (Schroeder, 2016). Na página do coletivo GEEF, todo o conteúdo é voltado para o engajamento social, o que demonstra como essa rede

social tem passado por transformações devido às atualizações frequentes que recebe e pela forma como os usuários a utilizam, assim como vem ocorrendo com outras redes sociais.

Nesse sentido é muito comum verificar a existência de páginas voltadas a conteúdos sociais no Instagram. Mesmo se tratando de uma página de um coletivo, a narradora, dentro desse espaço, demonstra, por meio de sua subjetividade, uma motivação que vai do pessoal ao coletivo, ela busca "uma forma de expressar uma mensagem vinculada à situação social pelo discurso que reflete a coletividade e a intimidade de forma simultânea: a subjetividade, a experiência do sujeito e de seu lugar de fala" (Maia-Vasconcelos, 2022, p. 66).

Através de sua própria experiência e perspectiva, ela parece sentir não somente uma motivação pessoal por ser mulher, militante, mas sente uma motivação social de gravar o vídeo e postar no intuito de alertar outras jovens. Por isso, ela busca conscientizar sobre como esses acontecimentos denunciados se tratam, na verdade, de violências e crimes contra a mulher.

Percebemos que diversos temas relacionados à violência de gênero são mobilizados na narrativa analisada, os quais elencamos no quadro a seguir para melhor organizar os dados. Para tanto, detemo-nos ao grau de repetibilidade de termos ligados ao tema violência e de que forma foram mobilizados por meio da identificação da categoria *hardening*, conforme Maia-Vasconcelos (2003).

Quadro 8 – Temas com maior grau de repetibilidade mobilizados na narrativa 02

Temas (tipos de violência de gênero)	Marcas textuais de <i>Hardening</i> ( <i>looping</i> narrativo)



<p>Violência psicológica/ Violência moral</p>	<p><i>“A gravidade de tudo isso é porque não é só em si o fato disso ter acontecido, o evento, <u>o abuso sexual, o assédio sexual, a completa falta de consideração, hombridade e, enfim, brio mesmo de você poder saber que uma coisa que foi confiada a você por outra pessoa não deve ser compartilhada com um grupo de 50 pessoas.</u>”</i></p> <p><i>“A gravidade de tudo isso diz respeito também ao fato de que <u>isso ocorre de forma muito recorrente</u>. Isso não é uma coisa de agora, isso não ocorre agora, esse grupo existe há vários anos e não existe só esse grupo aqui em Fortaleza, e não existe só Fortaleza com isso.”</i></p> <p><i>“todo mundo conhece, alguma menina que já sofreu algum tipo de <u>assédio</u>, alguma menina que já teve algum tipo de informação privada vazada, e todo mundo conhece isso.”</i></p> <p><i>“Toda vez que uma mulher fala sobre isso, dificilmente ela tem uma narrativa blindada de críticas, <u>ela quase sempre é desqualificada, ela quase sempre é desmerecida, a narrativa dela não conta...</u>”</i></p> <p><i>“E por mais que a grande maioria seja menor de idade, esses menores de idade não estão praticando nenhum crime, mas eles estão praticando <u>ato infracional que é análogo ao crime.</u>”</i></p>
---	---

Fonte: elaborado pela autora.

Nessa narrativa, notamos a presença da mobilização da violência que acontece, sobretudo, no meio virtual. A narradora aborda casos de assédio sexual, apontando principalmente a violência psicológica e moral marcadas por uma identificação coletiva, explicitado no trecho *“todo mundo conhece, alguma menina que já sofreu algum tipo de assédio, alguma menina que já teve algum tipo de informação privada vazada, e todo mundo conhece isso”*. Conforme Segato (2003) explica, a violência psicológica pode ser compreendida como violência moral, pois envolve agressão emocional, mesmo que não seja intencional e consciente. Uma forma de violência que pode ocorrer sem necessariamente recorrer a ofensas verbais explícitas, ocorrendo através de gestos, atitudes ou olhares.

Esse tipo de violência contra a mulher está inserido no cotidiano da vítima e seu agressor tem a intenção de subjugar tanto o corpo quanto a mente de sua vítima, submetendo-a à vontade e à liberdade de seu agressor. Este cenário se revela sobretudo no contexto digital, no qual as interações virtuais podem amplificar as dimensões da violência psicológica e moral, como ocorre na narrativa analisada através da exposição da vida íntima dessas jovens sem seu consentimento com vistas a constrangê-las.

O fio condutor desta narrativa é a falta de responsabilização dos agressores, o que contribui para uma forma adicional de violência vivida por essas jovens. Ou seja, além de precisarem lidar com a violência sexual e assédio em si, precisam enfrentar outras formas de

violência que derivam da primeira, o constrangimento de verem sua intimidade divulgada e exposta, tudo isso agravado pela falta de punição dos agressores.

A menção à falta de punição é percebida em muitos trechos ao longo da narrativa *“Precisamos parar de tratar as pessoas que cometem atos infracionais como se estivessem imunes à lei. Elas precisam enfrentar as consequências de suas ações”*. Ao longo de seu relato, ela busca enfatizar a necessidade de responsabilização, o que reforça a ideia de que há um ciclo contínuo de violência no meio virtual, razão pela qual as jovens do coletivo buscam combater essa violência, como explicitado no trecho *“A gravidade também se diz em respeito à recorrência que tudo isso aconteceu, porque há menos de dois meses atrás, nós temos também uma nota de repúdio também emitida sobre os casos de assédio sexual e abuso ocorridos em Fortaleza, também exposto nas redes sociais”*.

Esse trecho mostra que a narradora destaca a falta de punição, especialmente para uma determinada classe social que detém privilégios, revelado por um tom irônico e de indignação *“porque aparentemente o corpo feminino e pedofilia e pornografia é um entretenimento para a vida pacata do jovem fortalezense de classe média alta”*.

A abordagem sobre o comportamento dos agressores, como na passagem *“E realmente, eles fazem isso e tratam isso dessa forma, porque eles agem como se eles realmente não tivessem consequência nenhuma, porque isso é passado despercebido, sabe?”*, demonstra a preocupação da narradora em relação à falta de punição para esses indivíduos, é uma espécie de "tocar na ferida". A narradora revela as marcas da violência de gênero, sugerindo que essas marcas possam transcender sua experiência pessoal.

É possível que ela tenha testemunhado tais situações devido à sua participação em um coletivo composto por adolescentes entre 15 e 17 anos, cujo objetivo é conscientizar jovens sobre questões de gênero. Nesse contexto, ela enfrenta diversas situações semelhantes. Esse testemunho demonstra que, mesmo sendo uma jovem em idade escolar, ela se depara ao longo de sua vida com relatos e vivências de violência, como evidenciado em outras postagens na página do GEEF.

Essa realidade se alinha ao conceito de Maia-Vasconcelos (2003), que define isso como um sujeito em situação de *hardening*. Nesse sentido, a narradora se revela como sujeito que, ao vivenciar e testemunhar essas situações, incorpora uma resistência diante das lacunas deixadas pelas feridas não cicatrizadas, dando voz a uma preocupação mais ampla com a falta de punição e conscientização em relação à violência de gênero.

Percebemos que as narrativas 01 e 02 convergem, embora a primeira trate da narrativa de uma jovem que posta em sua página pessoal, e a segunda narrativa seja uma

postagem realizada por uma jovem em idade escolar em uma página de um coletivo formado por essas jovens. No entanto, as circunstâncias que as levaram a desenvolver essas narrativas as aproximam, revelando o impacto profundo que a violência deixou em suas vidas, o que as motivam para alertar outras mulheres que passaram ou passarão pela crueldade do assédio.

Essa violência é tão próxima que ocorre na mesma escola em que estudaram, na mesma cidade. São amigas, são elas próprias que já passaram por algo semelhante. Esse ponto de ruptura aproxima as narrativas, constituindo um elemento fixo e resistente – a dor, a incidência do “*hardening*”, conforme Maia-Vasconcelos (2003) explicita sobre pessoas que sofrem trauma crônico:

Não discordo que não exista superação para alguns. Apenas defendo que para algumas pessoas as marcas não se apagam e que a ruptura se transforma num novo começo, o que implica um novo começo: significa que a vida fica parada naquele ponto enrijecido pelo momento de ruptura. E quando/se tocamos na ferida, o que sentimos é que essas pessoas são enrijecidas ali naquele ponto específico como se sua vida estivesse parada ali, na morte do filho, no estupro sofrido, na perda de um membro do corpo, na falência da empresa (Maia-Vasconcelos, 2003, p. 58).

Assim, o “tocar na ferida” da narradora refere-se à maneira irônica com que esses “meninos” encaram o crime que cometem. A exaustão da narradora fica evidente quando é necessário abordar repetidamente um tema já amplamente discutido, algo que se tornou recorrente ao longo do tempo, a divulgação da intimidade de meninas, conhecido por todos, mas um ato que permaneceu impune. Isso ocorre porque esses jovens são percebidos pela sociedade como meninos, e suas práticas são aceitas e validadas como algo típico do comportamento juvenil, uma espécie de brincadeira ou entretenimento.

A narradora destaca a persistência dessa visão social sobre os homens, que são considerados imaturos quando cometem “bobagens”, o que minimiza ou desculpa as práticas criminosas. *“Essas pessoas não vão só serem repreendidas pelos pais, essas pessoas têm que responder pelos os seus atos, porque eles aparentemente são muito maduros para saber esconder, para saber se defender, para saber desqualificar a fala de todo mundo, mas eles também têm que aprender que eles têm que ser maduros para assumir os seus casos”*.

No entanto, contrastando essa percepção, as meninas são responsabilizadas desde cedo, mesmo quando são vítimas. A narradora expõe o peso do machismo que recai sobre os ombros das mulheres desde muito cedo. *“Toda vez que uma mulher fala sobre isso, dificilmente ela tem uma narrativa blindada de críticas, ela quase sempre é desqualificada, ela quase sempre é desmerecida, a narrativa dela não conta, porque aparentemente todos os homens, e mulheres também, estão preparados para julgá-la, para pedir, para desqualificar e não admitir*

*que aquilo ali é verdade, que aquilo ali realmente aconteceu*". Sendo uma jovem estudante, ela já vivencia esse impacto, algo que, infelizmente, muitas meninas enfrentam, na maioria das vezes, sem a mesma consciência que a narradora demonstra ter por ser uma jovem engajada na luta feminista.

A partir dessa percepção, notamos a incidência do *hardening* quando, mais tarde, ela diz que irá emitir outra nota de repúdio caso as violências continuem se repetindo. *"Isso é muito assustador, porque a gente fala, fala, fala sobre isso e as coisas continuam acontecendo"*. Percebemos, nesse momento, a incidência do *hardening* em sua narrativa. É nesse momento de sua narrativa que ela sente a violência, juntamente com outras meninas do coletivo, ao abordar a mesma questão, falar várias vezes, sobre a mesma prática abusiva perpetrada por meninos de classe média alta que se sentem "blindados". É quando ela percebe que, por mais que as meninas do coletivo falem, denunciem, *"nada acontece"* em relação aos agressores, que ficam impunes e até debocham sobre o fato de não serem responsabilizados e tentam se defender das denúncias realizando falas "jocosas", desqualificando a manifestação das meninas que sofreram a violência.

Diante disso, a narradora enfrenta a necessidade contínua de repudiar abusos: *"A gente não pode mais ignorar esse tipo de assunto, porque senão daqui a dois, três meses, nós vamos estar aqui fazendo outra nota de repúdio sobre assédio que ocorre tanto em Fortaleza como em outros lugares"*. Ela demonstra uma preocupação e enfatiza a necessidade de tratar esse assunto de maneira séria e que não deve ser negligenciado, sendo considerado como algo natural, como se fosse um comportamento comum de todos os meninos na adolescência como ela explicitou em outro momento da narrativa *"a gente passa a tratar isso com naturalidade, não é uma coisa certa, mas é uma coisa que acontece, e a gente precisa encarar isso de fato"*. A narradora reforça sua preocupação e necessidade de tratar sobre o assunto ao utilizar um marcador temporal, transmitindo a ideia de continuidade ao mencionar a necessidade de criar outra nota de repúdio *"daqui a dois, três meses"*, evidenciando esse ciclo constante de enfrentamento a esse tipo de violência.

Por conseguinte, a sua narrativa é permeada por essa preocupação, patenteadada pela necessidade de falar sobre esse assunto repetidas vezes e emitir seu repúdio. Nesse trecho, sua dor é evidenciada pela repetição *"Aí depois, outra nota de repúdio, outra nota de repúdio. E as pessoas esquecem os nomes. As pessoas esquecem quem fez, as pessoas esquecem tudo. Mas a vítima, quem é ferido, quem é abusado, quem é sexualizado a vida toda, não esquece"*. O *hardening* é identificado pela emissão da nota de repúdio, pois, toda vez que ela precisa se

manifestar através de uma nota de repúdio, isso representa uma (re)vivência da violência, pois demonstra que os casos de assédio continuam a ocorrer sem nenhuma punição.

No entanto, ao mesmo tempo, a nota de repúdio representa uma resistência contínua diante da impunidade para os casos de assédio que persistem, o que corrobora com o conceito de um sujeito em estado de *hardening* (Maia-Vasconcelos, 2003). Dessa forma, a narradora, ao agir em nome do coletivo, expressa não apenas sua própria experiência, mas também a vivência compartilhada por outras vítimas. Ao emitir a nota de repúdio, ela está dando uma resposta à violência contínua e impune, é uma forma de resistir. Esse sujeito está em uma situação de *hardening*, com feridas que nunca cicatrizam, mas que são mantidas abertas e expostas como um ato de resistência, como explicitado pela narradora ao mencionar que as pessoas esquecem tudo, mas quem é ferido não esquece.

Percebemos que a narradora, assim como outras mulheres, ao relatarem suas experiências relacionadas à violência de gênero, demonstram que é algo tão presente em suas vidas que as levou à necessidade de se posicionarem. Como ressaltam Magalhães, Martins e Resende (2017), tanto o produtor do texto quanto o próprio texto desempenham papéis protagonistas nas mudanças sociais, atuando de maneira discursiva na sociedade como produtores de ideologias.

Nesse contexto, as narrativas dessas mulheres não apenas compartilham experiências pessoais, mas também contribuem para a construção discursiva de ideologias que buscam transformar a percepção coletiva sobre a violência de gênero. Essas meninas são adolescentes e mesmo tão cedo perceberam a necessidade de auxiliar outras que não possuem o mesmo conhecimento e consciência que elas sobre essas questões.

Por isso, elas sentiram a necessidade de gravar vídeos e postá-los em redes sociais, sendo impelidas socialmente a se engajar coletivamente. Nesse sentido, essas meninas demonstram a motivação da criação da página do coletivo: a necessidade de trazer à tona debates sobre questões de gênero e destacar a importância do feminismo na vida das mulheres, visando o enfrentamento desses desafios e, assim, contribuir para o empoderamento e a conscientização de mais mulheres.

Realizada a análise voltada para o segundo objetivo específico que examinou a mobilização dos temas de violência de gênero nas narrativas da *hashtag* #exposedfortal, seguiremos para a próxima subseção cujo interesse é o de analisar a construção discursiva da identidade feminina por meio da análise dos recursos textuais-discursivos nas narrativas de violência de gênero da *hashtag* #exposedfortal.

### 4.3 A construção discursiva da identidade feminina: uma análise dos recursos textuais-discursivos nas narrativas de violência de gênero da *hashtag* #exposedfortal

A partir da análise dos recursos textuais-discursivos, que corresponde ao terceiro objetivo específico de nossa pesquisa, identificamos como se deu o processo de construção discursiva da identidade feminina, levando em consideração o grau de repetibilidade dos eventos e o valor correspondente à atitude narrativa na escolha do léxico pela narradora.

A seguir, retomaremos a análise da Narrativa 01 e da Narrativa 02, analisando outros aspectos distintos dos que foram analisados na seção 4.1, que diz respeito ao contexto sócio-histórico da #exposedfortal, e da seção 4.2, que está relacionada à mobilização dos temas de violência de gênero nas narrativas de si da *hashtag* #exposedfortal.

#### 4.3.1 “Professor tem que defender a gente. Tem que cuidar da gente e eles têm a responsabilidade de não fazerem a gente se apaixonar por eles” - Análise da narrativa 01

Agora, abordaremos a narrativa 01 sob a perspectiva da construção discursiva da identidade feminina, analisando os recursos textuais-discursivos. No quadro a seguir, elencamos os itens lexicais para uma melhor organização dos dados. Detemo-nos na análise de padrões linguísticos, utilizando as categorias de Valor e Repetibilidade propostas por Maia-Vasconcelos (2003), as quais estão diretamente relacionadas ao léxico empregado na produção narrativa.

Quadro 9 – Itens Lexicais da narrativa 01

Itens lexicais identificados	O valor correspondente à atitude narrativa na escolha do léxico
<p>- Verbos no imperativo:</p> <p><i>“Vamos dar um basta nisso”</i></p> <p><i>“Digam o que aconteceu com vocês. Não sejam vítimas.”</i></p> <p><i>“vamos fazer com que os professores parem de achar que eles têm a liberdade de dar em cima da gente, porque eles não têm!”</i></p>	<p>Empoderamento Feminino</p>

<p>- Uso do modo imperativo: <i>"Vamos dar um basta nisso"</i></p> <p>- uso da 1ª pessoal do plural: <i>"nós"</i> <i>"<u>Vamos</u> ter cuidado"</i> <i><u>vamos</u> ter cuidado com essas mãos que descem pra <u>no</u>ssa cintura"</i></p>	Sororidade
<p><i><u>Éramos</u> menores, <u>somos</u> menores e seu dever é nos proteger.</i></p> <p><i>"<u>Quantas</u> meninas <u>perderam</u> sua <u>inocência</u> se envolvendo com esse tipo de pessoa?"</i></p> <p><i>"eles <u>assediando</u> uma menina de dezessete anos, dezesseis anos, quatorze anos, quinze anos. Como, como é que como que alguém consegue achar que isso é normal?"</i></p>	Sujeito vítima de violência

Fonte: Elaborado pela autora.

A narradora inicia sua narrativa demonstrando preocupação. Esse termo é retomado várias vezes ao longo da narrativa, revelando uma série de sensações, como inquietação, angústia e consternação diante da situação de assédio sexual que ocorreu no passado e ainda persiste no presente. Ao revelar sua preocupação, ela também demonstra um sentimento de urgência e a relevância de *"vir falar sobre o que mais a preocupou"* em uma rede social.

Nesse trecho, ela expressa sua preocupação: *"Isso me deixa tão preocupada, quantas crianças já não passaram por isso? Quantas meninas perderam sua inocência se envolvendo com esse tipo de pessoa?"* Em seguida, instaura um posicionamento narrativo de mulher empoderada, uma vez que o empoderamento, de acordo com Sardenberg (2023), engloba uma série de atividades, desde a assertividade individual até a resistência, protesto e mobilização coletiva, que questionam as bases das relações de poder.

Nesse sentido, faz referência a um discurso de outrem, discurso que, aliás, é comumente direcionado às mulheres para culpabilizá-las pelo assédio sofrido e que é ouvido ao longo da vida pelas mulheres: *"Ah, mas tem gente, tem menina que dá bola, tem menina que contribui para o professor ser assim, que corresponde à cantada"*. A narradora, por meio de um discurso conscientizador, faz um apelo à reflexão, utilizando o vocativo *"Gente, acordem"*, e em seguida explica o que parece o óbvio de como deve ser uma relação entre aluna e professor no ambiente escolar.

Nos chama a atenção a repetição, em vários momentos da narrativa, de itens lexicais que se referem à faixa etária das vítimas. Esse recurso textual é utilizado para destacar a vulnerabilidade delas. Ao enfatizar a menoridade das jovens, a narradora busca chamar a atenção para a realidade da violência de gênero que afeta sobretudo as adolescentes, conforme o trecho a seguir: *"eles se acham na liberdade ou acham que nada vai acontecer com eles, eles assediando uma menina de dezessete anos, dezesseis anos, quatorze anos, quinze anos. Como, como é que como que alguém consegue achar que isso é normal?"*.

A utilização da figura de linguagem da gradação para mencionar a faixa etária das vítimas reforça a situação de violência de gênero, pois, ao sequenciar as idades das jovens de forma decrescente, a narradora demonstra que o assédio não se limita a uma faixa etária específica e que atinge meninas cada vez mais jovens. Essa escolha lexical evidencia o quão gravemente é normalizada essa prática entre alguns professores, revelando uma situação enfrentada por meninas, independentemente de suas idades. Além disso, a narradora enfatiza em seu discurso um sentimento de indignação expresso, logo após a gradação das idades das meninas, por meio de uma pergunta retórica: *"como é que alguém consegue achar que isso é normal?"*.

No trecho a seguir, a menção à idade expressa a intenção da narradora de apontar quem deve ser responsabilizado pelo assédio: *"A responsabilidade é sua de não se envolver com quem não pode. Éramos menores, somos menores e seu dever é nos proteger"*. Ao longo da narrativa, percebemos que a narradora se posiciona como sujeito que sofreu e testemunhou assédios na escola no passado e que agora, com uma perspectiva conscientizadora, desafia o padrão patriarcal hegemônico (Smuts, 1995), que normaliza a violência de gênero e responsabiliza as vítimas por sua própria vitimização.

Por essa razão, ela rejeita a ideia de que a vítima é culpada pela violência sofrida. Além disso, ao se dirigir a um interlocutor em tom de exortação, a narradora busca, por meio de seu discurso, trazer à tona uma reflexão sobre os papéis sociais do professor, ressaltando o



dever de proteção. Assim, a narradora se revela como sujeito que estabelece uma identidade discursiva que desafia as relações de poder inerentes ao patriarcado.

No decorrer da narrativa, isso é demonstrado ao convocar outras mulheres a se manifestarem contra situações de abuso a partir de um posicionamento narrativo que busca, a partir do que aconteceu a ela e a outras amigas, defender as vítimas de assédio sexual, usando sua voz para denunciar e conscientizar sobre o assédio e, dessa forma, apoiar outras jovens que passaram pela mesma situação.

A narradora estabelece uma identidade discursiva de empoderamento (Berth, 2018) ao propor a quebra do silêncio ao qual faz referência quando convoca as mulheres a se manifestarem. Isso é percebido por meio do uso recorrente do modo imperativo: *“Então por favor meninas e meninos que se sentirem de alguma forma assediados, que a intimidade de vocês foi violada de alguma forma, se não gostaram de alguma coisa, reclamem, falem, não fiquem em silêncio. Digam o que aconteceu com vocês. Não sejam vítimas... eh não deixe que os seus filhos sejam vítimas disso tudo que já acontece há muitos anos. Vamos dar um basta nisso”*.

Ao convocar as mulheres para falarem, a narradora desafia as estruturas de poder existentes que perpetuam violências, como o assédio na escola. Dessa forma, por meio do discurso, que é uma forma de ação social, o sujeito desempenha um papel de contestação das estruturas de poder reproduzidas na sociedade (Fairclough, 2001). Isso é evidente quando ela expressa sua preocupação e indignação com o comportamento dos professores. Portanto, ela se coloca contra o silenciamento que permeia muitas instituições educacionais, desafiando a ideia de que as vítimas devem permanecer caladas e encoraja outras pessoas a se manifestarem e compartilharem suas experiências para criar conscientização.

Além disso, a narradora demonstra empatia ao se colocar no lugar das vítimas de assédio, compartilhando não apenas suas experiências pessoais, mas também o que ocorreu com suas amigas no tempo de escola, revelando sua empatia e solidariedade, construindo, assim, uma narrativa coletiva de luta contra os assédios. Ao utilizar verbos na primeira pessoa do plural e do modo imperativo, juntamente com vocativos como “vamos”, a narradora evoca uma união feminina para combater esse tipo de abuso.

Tudo isso evidencia a presença da sororidade na narrativa. Conforme definido por Lagarde y de los Ríos (2006), a sororidade é entendida como uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. Nesse sentido, a sororidade irá representar na narrativa uma experiência subjetiva entre mulheres que buscam estabelecer relações políticas e saudáveis, construindo alianças existenciais e políticas umas com as outras.

Isso é percebido quando a narradora expressa sua preocupação com outras jovens que podem ter enfrentado situações de assédio, colocando-se como um sujeito que sente empatia e compreende que as verdadeiras vítimas foram ela própria e essas jovens. A narradora, como toda mulher, é atravessada por discursos de uma sociedade marcadamente patriarcal em que ainda é persistente a ideia de culpabilização da mulher imposta pela hegemonia masculina, mesmo quando é a vítima, independentemente de sua posição hierárquica ou idade.

Nesse sentido, a narradora destaca não apenas a necessidade de mudança nesse cenário, mas também a importância de solidariedade e apoio mútuo entre as mulheres para desafiar e superar essas injustiças com o intuito de contribuir para a eliminação social de todas as formas de opressão, proporcionando apoio mútuo para alcançar o empoderamento vital de cada mulher.

Percebemos, em um outro trecho, conforme Lagarde y de los Ríos (2006), como a narradora evoca a sororidade através desse chamado para que as mulheres se levantem frente à sociedade e não se silenciem: *“Então eu queria dizer que... e pedir pras meninas que estão passando por isso, que elas demonstrem isso pra sociedade”, “Digam o que aconteceu com vocês. “Vamos dar um basta nisso”*.

No trecho *“Vamos parar, vamos fazer com que os professores parem de achar que eles têm a liberdade de dar em cima da gente, porque eles não têm! Então é isso. Abraço a gente abraça amigo. Vamos ter cuidado com os abraços apertados que às vezes a intenção é colar o nosso peito. Vamos ter, vamos ficar, vamos ter cuidado com essas mãos que descem pra nossa cintura”*, a narradora incorpora sua voz e se inclui ao utilizar a primeira pessoa do plural, destacando que a percepção e rejeição dessas práticas dependem da união das meninas para interromper tais comportamentos por parte dos professores assediadores. Ela cita novamente os assédios sofridos por ela e as amigas, já mencionados em sua narrativa, como *“abraços apertados”* e *“mãos que descem pra nossa cintura”*.

No entanto, nessa retomada, propõe uma resistência coletiva contra a naturalização desse abuso, desafiando a noção equivocada de que os professores têm liberdade para assediar. Essa convocação à resistência é percebida por meio da repetição da expressão *“Vamos ter cuidado”*, enfatizando a sororidade e a responsabilidade coletiva, indicando que a mudança só será possível quando todas se posicionarem contra essas práticas.

A narradora endossa seu pensamento sobre como as meninas precisam rejeitar determinados comportamentos de professores ao fazer uma simples comparação: *“Abraço a gente abraça amigo”*. Ela busca sinalizar que determinados comportamentos ultrapassam os limites das interações escolares entre aluna e professor, onde o papel profissional dos

professores é bem definido, ou seja, essa comparação destaca que certos comportamentos ultrapassam os limites apropriados de interação física e emocional, concluindo que, no fim das contas, um professor é um professor e não deve se comportar como se não fosse, não devendo se passar por "amigo" para obter vantagens.

#### 4.3.2 “*sejam conscientes, sejam consistentes, não esqueçam, porque a vítima nunca esquece*” - *Análise da narrativa 02*

Agora, abordaremos a narrativa 02 sob a perspectiva da construção discursiva da identidade feminina, analisando os recursos textuais-discursivos. No quadro a seguir, elencamos os itens lexicais para uma melhor organização dos dados.

Quadro 10 – Itens lexicais da narrativa 02

<b>Itens lexicais identificados</b>	<b>O valor correspondente à atitude narrativa na escolha do léxico</b>
<p>- Escolhas lexicais bem comuns ao discurso feminista:</p> <p><i>“eu venho aqui emitir uma <u>nota de repúdio</u>”</i></p> <p><i>“Porque para mim, as pessoas têm essa concepção de que todos os homens que praticam esse tipo de coisa são <u>pessoas ostracizadas da sociedade</u>, são monstros que vivem numa caverna e que não convivem com a gente”</i></p> <p>- <i>Uso de linguagem neutra:</i></p> <p><i>“Mas eu sinto <u>informá-les</u> que a vida é dura e que as pessoas que fazem isso convivem com a gente todos os dias.”</i></p>	<p>Feminismo; Engajamento Social</p>
<p>- Modo imperativo:</p>	

<p><i>"compartilha os tweets", "a gente levantar as tags" e "a gente levantar tudo isso e falar sobre isso"</i></p> <p><i>"Se manifeste, faça o que você pode"</i></p>	<p>Empoderamento Feminino</p>
<p>- Uso da 1ª pessoa do plural:</p> <p><i>"vamos", "A gente", "nossa voz"</i></p> <p><i>"É importante que <u>a gente</u> se coloque também no lugar das pessoas que estão vivendo isso. Imagina uma situação tão traumática e ainda por cima, vista de forma impune. <u>A gente tem</u> que parar de tratar as pessoas que estão praticando esse ato infracional como se elas fossem blindadas da lei."</i></p>	<p>Sororidade</p>
<p><i>"Quem é <u>ferido</u>, quem é <u>abusado</u>, quem é <u>sexualizado</u> a vida toda, não esquece"</i></p>	<p>Sujeito vítima de violência</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Como já sabemos, a narradora inicia sua narrativa apresentando-se como cofundadora do grupo GEEF. *"Eu sou co-fundadora do Juntas com GEEF e é hoje que, com muito pesar, eu venho aqui emitir uma nota de repúdio por meio desse vídeo e futuramente por meio de vários outros vídeos que vão seguir esse, aos casos de assédios sexuais ocorridos em Fortaleza"*. Ao se apresentar como cofundadora, a narradora destaca seu papel ativo em um coletivo, sugerindo uma posição de liderança e engajamento para emitir uma nota de repúdio. Ao falar que veio em nome do grupo para emitir esse repúdio, ela utiliza a expressão *"com muito pesar"*, transmitindo para sua audiência o quanto o assunto que será abordado lhe causa

profunda tristeza, uma expressão comumente usada para expressar lamento pela morte de alguém.

Ao longo de sua narrativa, existem escolhas lexicais bem comuns ao discurso feminista, uma vez que a narradora critica as normas sociais que perpetuam a violência de gênero em várias passagens, como no trecho *"...porque aparentemente o corpo feminino e pedofilia e pornografia é um entretenimento para vida pacata do jovem fortalezense de classe média alta"*. Por meio da ironia, a narradora demonstra como os jovens de classe média alta de Fortaleza banalizam temas tão graves como a objetificação da mulher, tornando-se criminosos.

*"Agora a gente conhece muitos poucos homens que já foram abusadores sexuais, já foram assediadores. Isso é muito engraçado, vocês não acham, não? Porque para mim, as pessoas têm essa concepção de que todos os homens que praticam esse tipo de coisa são pessoas ostracizadas da sociedade, são monstros que vivem numa caverna e que não convivem com a gente"*. A narradora questiona a concepção comum de que os agressores são estranhos marginalizados pela sociedade, desmistificando essa ideia ao destacar que essas pessoas convivem diariamente com todos.

As lexias *"ostracizadas"* e *"monstros"* destacam a marginalização atribuída aos abusadores sexuais pela sociedade. Ao utilizar a metáfora *"são monstros que vivem numa caverna"* ela reforça como o senso comum estabelece a visão sobre essas pessoas de indivíduos distantes e separados da convivência cotidiana, demonstrando a discrepância entre as percepções sociais e a realidade que a narradora em seguida apresenta: *"Mas eu sinto informá-les que a vida é dura e que as pessoas que fazem isso convivem com a gente todos os dias"*.

A escolha da linguagem neutra, "informá-les" em vez de "informá-los", também demonstra uma construção discursiva fundamentada em valores feministas. Uma vez que há na sociedade o debate sobre tornar a linguagem mais inclusiva, esta é uma pauta discutida no âmbito do feminismo. Nesse sentido, ao adotar o uso de linguagem neutra, a narradora demonstra possuir esse conhecimento e como uma jovem estudante feminista, ela busca, por meio da utilização da linguagem neutra, mostrar essa inclusão em sua narrativa.

Além disso, ao nomear os indivíduos que cometeram esses atos criminosos como "abusadores sexuais", "assediadores", a narradora evidencia seu conhecimento sobre a temática e a intenção de promover a responsabilização. No transcorrer de sua narrativa, ela expressa indignação e busca responsabilizar os agressores, assim a questão da falta de punição é retomada na narrativa, o que identificamos por meio da repetibilidade de itens lexicais associados à impunidade como nos trechos *"e eles tratam de uma forma jocosa, como se tudo fosse dar certo, e eles não tivessem consequências nenhuma"*, *"porque isso é passado*

*despercebido, sabe?”*, *“mas eles também têm que aprender que eles têm que ser maduros para assumir os seus casos.”*, *“A gente tem que parar de tratar as pessoas que estão praticando esse ato infracional como se elas fossem blindadas da lei”*. Em outras passagens, se utiliza de itens lexicais do campo jurídico para reforçar a responsabilização dos agressores, como nos trechos *“ato infracional”* e *“E se eles tivessem mais de 18 anos, porque alguns deles têm, eles estariam infringindo o crime contra dignidade sexual, que está no artigo 218 do Código Penal”*.

A narradora constrói uma identidade discursiva empoderadora (Berth, 2018) ao longo do texto, convocando as mulheres à conscientização e à tomada de atitude. O emprego de termos como *“compartilha os tweets”*, *“a gente levantar as tags”* e *“a gente levantar tudo isso e falar sobre isso”*, evidenciam um apelo à ação, instigando a conscientização e mobilização das mulheres e da sociedade em geral, especialmente nos meios virtuais.

A repetibilidade do uso do pronome “você”, como nas passagens: *“isso aqui é quase um apelo para você que está assistindo esse vídeo, compartilha as informações, compartilha os tweets, levante as tags, para quem sabe isso possa chegar de uma forma tão significativa nas autoridades que não possa ser ignorado”* e *“faça o que você pode”*, estabelece cumplicidade e proximidade com a audiência, com o intuito de engajá-la e incentivá-la à ação ou reflexão. Ademais, a narradora, ao se dirigir de maneira direta a um interlocutor, “você”, expressa uma responsabilidade inclusiva, convocando não apenas as mulheres no combate a essa violência, mas a sociedade como um todo.

Por meio do uso do modo imperativo, a narradora encoraja e convoca à ação e à participação, como no trecho em *“Se manifeste, faça o que você pode”*. Ela ressalta a importância de cada pessoa contribuir conforme suas capacidades, promovendo uma rede de apoio, fomentando um apelo ao engajamento e à contestação das estruturas de poder vigentes na sociedade. Assim ela é um sujeito que desempenha um papel de contestação das estruturas de poder reproduzidas na sociedade por meio do discurso (Fairclough, 2001) quando expressa sua preocupação e indignação diante da falta de punição dos agressores.

Além disso, a narradora demonstra empatia ao colocar-se no lugar das vítimas de assédio: *“É importante que a gente se coloque também no lugar das pessoas que estão vivendo isso. Imagina uma situação tão traumática e ainda por cima, vista de forma impune. A gente tem que parar de tratar as pessoas que estão praticando esse ato infracional como se elas fossem blindadas da lei”*. Dessa forma, a narradora enfatiza a necessidade das pessoas se manifestarem e se conscientizarem sobre a violência cometida contra essas mulheres, construindo uma narrativa coletiva de luta contra os assédios.

Ao utilizar verbos na primeira pessoa do plural e no modo imperativo, juntamente com vocativos como *"vamos"*, *"A gente"*, *"nossa voz"*, a narradora evoca uma união feminina para combater esse tipo de abuso. A demonstração de empatia e solidariedade é evidenciada em toda a narrativa. Conforme definido por Lagarde y de los Ríos (2006), a sororidade é entendida como uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. Nesse sentido, a sororidade irá representar na narrativa uma experiência subjetiva entre mulheres que buscam estabelecer relações políticas e saudáveis, construindo alianças existenciais e políticas umas com as outras. A sororidade é evocada quando a narradora expressa sua preocupação e sobretudo sua busca pelo senso de justiça em relação à punição dos assediadores.

Assim, essa aliança entre mulheres é estabelecida nas narrativas utilizando termos com valor de sororidade como nas passagens *"Juntas com GEEF"*, a própria expressão *"Juntas"* no nome do grupo sugere união entre as mulheres, *"Quem é ferido, quem é abusado, quem é sexualizado a vida toda, não esquece"*, reforçando a ideia de que as vítimas merecem ser lembradas e apoiadas, destacando a importância de reconhecer o sofrimento vivido por essas mulheres.

Neste capítulo, realizamos a análise dos três objetivos específicos estabelecidos. No próximo capítulo, destinado à conclusão, iremos refletir sobre as implicações de nossa pesquisa e sobre a presença de lacunas em nosso estudo, as quais representam oportunidades para futuras pesquisas. Desse modo, reconhecer essas lacunas é fundamental para dar continuidade a este trabalho e aprofundar nosso entendimento sobre o tema em questão.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas palavras são nossas armas (Solnit, 2017, p. 162).

Neste capítulo, refletimos sobre os objetivos desta pesquisa e como eles foram alcançados. O objetivo geral foi o de analisar a construção discursiva da identidade feminina, considerando o contexto sócio-histórico em que surgiu a *hashtag* #exposedfortal e os temas sobre violência de gênero mobilizados nas narrativas de si reunidas nessa *hashtag*.

Desdobramos este objetivo geral em três objetivos específicos: 1) Analisar como o contexto sócio-histórico em que surgiu a *hashtag* #exposedfortal se relaciona com as condições sociais de produção discursiva das narrativas de si presentificadas no Instagram; 2) investigar como os temas relacionados aos diferentes tipos de violência de gênero são mobilizados nas narrativas de si reunidas na *hashtag* #exposedfortal e, por fim, 3) identificar quais recursos textuais-discursivos marcam o processo da construção discursiva da identidade feminina nas narrativas de si sobre violência de gênero reunidas na *hashtag* #exposedfortal.

Através da Análise de Discurso Crítica (ADC), pudemos entender como os textos são produções sociais que podem ser historicamente situadas e fornecer informações relevantes para entender a estrutura de uma sociedade. A construção discursiva da identidade feminina foi central para a nossa análise, reconhecendo o discurso como um fator central na construção de identidades.

Através das teorias das narrativas de si, percebemos que essas mulheres, ao compartilharem suas experiências por meio da narrativa, demonstraram se empoderar e, nesse processo de narrativização, refletiram e reconheceram suas próprias jornadas e identidades. Desse modo, ao contar suas próprias histórias, as mulheres podem validar suas experiências individuais e reconhecer o valor de suas vozes.

A violência de gênero, um tema que emergiu na narrativa analisada, revela a dominação social sobre os corpos, a sexualidade e a mente das mulheres, bem como o quanto isso ainda está ligado às estruturas sociais, culturais e patriarcais, que perpetuam as relações desiguais de poder entre homens e mulheres. Por fim, o conceito de empoderamento feminino foi muito caro para a nossa pesquisa, uma vez que o empoderamento envolve diversos aspectos referentes à união entre a conscientização e a busca pela transformação social.

A análise dessas narrativas nos permitiu compreender as experiências das mulheres que narrativizaram suas experiências sobre violência de gênero. Dentre os resultados



alcançados, identificamos que a análise das narrativas revelou que as mulheres configuram suas publicações, considerando as condições de produção discursiva, especialmente o contexto do movimento de denúncia associado à *hashtag* #exposedfortal, demonstrando que as mulheres se contrapõem aos discursos hegemônicos na sociedade, os quais, por vezes, culpabilizam mulheres por sua vitimização. Isso sugere que a *hashtag* foi instrumentalizada como uma ferramenta para a narrativização das vivências pessoais das mulheres, no intuito de conscientização e combate à violência de gênero.

Em seguida, pudemos identificar temas relacionados à violência de gênero, abrangendo principalmente dois tipos de violência, a saber, a psicológica/moral e sexual, mobilizadas por meio da recorrência do termo assédio, que engloba esses dois tipos de violência. Essa constatação destaca a amplitude e diversidade das experiências compartilhadas pelas mulheres na plataforma Instagram.

Na última análise, evidenciamos que as mulheres constroem uma identidade que transita do particular (narrando suas experiências individuais) para o geral (gerando identificação com outras mulheres na rede social). Além disso, observou-se que essas mulheres podem adotar diferentes posições, tanto se identificando como vítimas quanto como mulheres empoderadas engajadas no combate à violência de gênero. Percebeu-se que a narradora, ao tomar conhecimento de outras denúncias realizadas pela mesma *hashtag*, volta imediatamente para si, ou seja, realiza autorreflexão, evidenciando que as identidades emergem por meio dessas narrativas.

Esses resultados proporcionam uma compreensão da dinâmica das narrativas de si associadas à *hashtag* #exposedfortal, destacando a interconexão entre as condições de produção discursiva, os temas de violência de gênero mobilizados e a construção da identidade feminina nesse contexto específico.

Para a expansão dessa reflexão, propomos a continuidade desta análise a partir de uma perspectiva de estudo que considere a abrangência que diz respeito à diversidade de mulheres que utilizaram a *hashtag* #exposedfortal, abrangendo, por exemplo, mulheres marginalizadas pela sociedade, pois mulheres provenientes de diversas origens, classes sociais, orientações sexuais podem vivenciar experiências diferentes, fatores que podem influenciar a construção discursiva da identidade feminina.

Reconhecemos que essa diversidade de vozes de mulheres não foi adequadamente representada em nossas análises, e pensamos que considerar essa diversidade é importante para uma compreensão mais abrangente sobre as narrativas dessas mulheres e, dessa forma, também garantir que nossa pesquisa não reproduza ou reforce estereótipos. Acreditamos que, ao fazer

isso, podemos contribuir para uma discussão em uma perspectiva mais inclusiva sobre a questão da violência de gênero.

Desta forma, esta pesquisa emerge como uma resposta ao desafio de superação diante das alarmantes estatísticas sobre o Brasil apresentadas na introdução deste estudo cujos dados revelados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam a mulher como a principal vítima da violência de gênero, com uma taxa de 35% de mulheres em todo o mundo que já foram vítimas de violência física ou sexual ao longo de suas vidas. Ao vislumbrarmos um dado tão preocupante, constatamos a realidade opressiva que as mulheres ainda enfrentam.

Em vista disso, à medida que fomos mergulhando neste estudo, fomos frequentemente confrontadas com a nossa própria dor enquanto mulheres, uma vez que as narrativas analisadas nos fizeram refletir durante todo o trabalho de escrita dessa pesquisa por meio de uma pergunta que emergiu das próprias narrativas: “Quantas meninas não passaram por isso?”.

Essa pergunta nos fez ponderar sobre quantas de nós vivenciam ou ainda poderão vivenciar alguma violência. Essa indagação ressoa como um eco da angústia compartilhada por tantas mulheres diante da possibilidade de vivenciar algum tipo de violência. É uma reflexão com a qual, de alguma forma, uma mulher, inevitavelmente, em algum momento de sua vida, acaba se confrontando.

Assim, este estudo lança luz sobre uma realidade enfrentada pelas mulheres, o que nos levou a uma reflexão que extrapola a jornada acadêmica, tornando-se uma experiência que também nos conectou às lutas contemporâneas que muitas mulheres ainda enfrentam, levando-nos a pensar não apenas como pesquisadoras, mas como mulheres, que reconhecem e se identificam com as narrativas analisadas nesta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Sergiana Cortez de. **O contradiscurso de resistência feminista em interações online**: estratégias no combate ao antifeminismo. Orientador: Júlio Araújo. 2020. 232 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/56524>. Acesso em: 07 mar. 2024.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2014.
- ALMEIDA, S. S. de. Essa violência mal-dita. In: ALMEIDA, S. S. de. (Org.) **Violência de gênero e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- ALVES COSTA, L. P. Ensaio sobre a verdade: notas para uma compreensão da manipulação dos discursos no ambiente digital. **Gláuks - Revista De Letras E Artes**, 23(1), 63–76, 2023. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/362>. Acesso em: 07 mar. 2024.
- ARAÚJO, J. **Pandemia de covid-19**: fake news, construção sócio-cognitiva da doença e discurso de ódio. Projeto de pesquisa. Universidade Federal do Ceará, 2021.
- BARBOSA, Alves de Araújo; SILVA, Richardson.; SILVA, Denise Lima Gomes da. O ATO DE NOMEAR NO DISCURSO DE ÓDIO CONTRA A MULHER. **PERcursos Linguísticos**, [S. l.], v. 10, n. 25, p. 247–258, 2020. DOI: 10.47456/pl.v10i25.30687. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/30687>. Acesso em: 07 mar. 2024.
- BATLIWALA, S. The meaning of women's empowerment: new concepts from action. In: SEN, G.; GERMAIN, A.; CHEN, L. C. (Org.). **Population policies reconsidered**: health, empowerment and rights, pp.127-138. Boston: Harvard University Press, 1994.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Tradução Zuleide Alves Cardoso Cavalcante, Denise Maria Gurgel Lavallée. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.
- BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.
- BEZERRA, Fernanda Maia Almeida; MARTINS, Marina Solon Fernandes Torres; BONFIM, Cristiane Guilherme; NUNES, Márcia Vidal. Redes sociais como aliadas aos movimentos feministas: uma análise do caso #exposedfortal. In: DIOTTO, Nariel *et al.* (org.). **Feminismos, gênero e desigualdades** [recurso eletrônico]: perspectivas contemporâneas. Cruz Alta: Editora Ilustração, 2021.
- BLOMMAERT, Jan. **Language Ideological Debates**. Berlin: Mouton De Gruyter, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of computer-mediated communication**, v. 13, n. 1, article 11, 2007.

BRUNER, Jerome. 1990. **Acts of meaning**. Cambridge: Harvard University Press.

BRUNER, J. **Fabricando histórias: direito, literatura, vida**. Tradução Fernando Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

BRASIL. **Proposta de emenda constitucional nº 18, de 3 de setembro de 2021 [PEC 18]**. Brasília: Senado Federal, 2021. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/148962>. Acesso em: 07 mar. 2024.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAPPELLINI, B.; KRAVETS, O.; REPEL, A. Shouting on social media? A borderscapes perspective on a contentious hashtag. **Technological Forecasting & Social Change**, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2018.07.016>. Acesso em: 01 mar. 2024.

CARDOSO, I. C.; RAMALHO, V. O discurso de títulos de notícias sobre violência sexual: a mídia on-line e a culpabilização da vítima de estupro. **Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 69-85, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/486>. Acesso em: 01 mar. 2024.

CAVALCANTE, P. V. F. Racismo, Necropolítica e Liberalismo: uma Análise Crítica Discursiva (ADC) do jargão ‘bandido é bandido morto’ em falas proferidas por agentes políticos. **Fórum Regional de Pesquisa e Intervenção (FOR-PEI)**, [S. l.], n. 3, 2021. Disponível em: <http://periodicosfacesf.com.br/index.php/FOR-PEI/article/view/225>. Acesso em: 01 mar. 2024.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

COSTA, Décio Bessa da. **Cidadãos e cidadãs em situação de rua: uma análise de discurso crítica da questão social**. 347 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

COSTA-MOURA, Fernanda. Proliferação das *#hashtags*: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. XVII, Rio de Janeiro: 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/yzCXysYcfvRFnZj9r7ZGZnw/?lang=pt>. Acesso em: 08 mar. 2024.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens**. Trad. S. R. Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS NOGUEIRA, E. C. Meu amigo não é mais secreto: uma análise das estratégias de legitimação do discurso feminista no Facebook. **Scripta**, v. 22, n. 45, p. 55-68, 31 out. 2018.

Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/16833>. Acesso em: 07 mar. 2024.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. Tradução Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: Unesp; Boitempo, 1997.

FAGUNDES, Valéria Barth; DINARTE, Priscila Valduga. O discurso de ódio contra as mulheres na sociedade em rede. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE: MÍDIAS E DIREITOS DA SOCIEDADE EM REDE, 4., 2017, Santa Maria. 2017. **Anais** [...]. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2017. 15 f. ISSN 2238. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/563/2019/09/1-11-2.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2024.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. New York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução I. Magalhães. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FERREIRA, Dina Maria Martins. **Discurso feminino e identidade social**. 2ª edição. São Paulo: FAPESP, 2009.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução S. Netz. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREITAS, Maria Leidiane Tavares. **Narrativas de si em cena**: a dramaturgia das interações no *twitter*. 2015. 148f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2015.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 17. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GONZALEZ, Carolina Gonçalves. **Identidade de gênero no espaço escolar**: o empoderamento feminino através do discurso. 173 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/15262>. Acesso em: 07 mar. 2024.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino**: luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940). Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 10ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2011.

HOLANDA, Samuel Freitas. **O discurso em narrativas de vida hierofônicas**: construção do *ethos* em testemunhos de evangélicos pentecostais. 2020. 240f - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2020.

HOOKS, B. Recusando ser uma vítima. *In*: HOOKS, B. **Killing Rage**: Ending Racism. 1. ed. New York: Henry Holt and Company, 1995.

KLÜPPEL, Giuvane de Souza. **Nas fronteiras da nação**: relações entre identidade nacional e discursos sobre a história do Brasil construídos por jovens da cidade de Ponta Grossa – PR. 2021. 162 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2021. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3551>. Acesso em: 07 mar. 2024.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **Pacto entre mujeressororidad**. México: Aportes para el Debate, 2006.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEONARDI, Marcel. **Tutela e privacidade na Internet**. São Paulo: Saraiva, 2012.

LINASCHKE, J. **Getting the most from Instagram**. Berkeley: Peachpit Press, 2011.

LUNA, Nevita Maria Pessoa de Aquino Franca; SANTOS, Gustavo Ferreira. Liberdade de expressão e discurso de ódio. **Revista Direito e Liberdade**, Natal, vol. 16, n. 03, 2014.

MAGALHÃES, I. Introdução: a Análise de Discurso Crítica. **D.E.L.T.A.**, 21 (especial), 1-11, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/LgkQwhZgkLdsMnvDLHh7znz/?lang=pt>. Acesso em: 07 mar. 2024.

MAGALHÃES, I; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. M. **Análise de Discurso Crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra F. **Clínica do discurso**: a arte da escuta. Fortaleza: Premius, 2005.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra F. **Penser l'école et la construction des savoirs: étude menée auprès d'adolescents cancéreux au Brésil**. 2003.429.- Tese (Doutorado) - Université de Nantes, Département de Sciences de l'Éducation, Nantes, 2003.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra Farias; FREITAS, Maria Leidiane Tavares; CARDOSO, Maria Neurielli Figueiredo. Narrativas de si no Facebook: a relação discursiva na vivência de situação traumática. **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 14, n. 33, 2013.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra Farias; HOLANDA, Samuel Freitas; BRAGA, Mayara Rodrigues. Autonnarrativas em redes sociais: a relação discursiva na vivência de situação traumática. **Revista Científica On-line**, Guaratinguetá, v. 3, n. 1, p. 60-72, mai. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/18218>. Acesso em: 11 mar. 2024.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra Farias; OLIVEIRA, Débora Maria da Costa. Minha casa não é minha e nem é meu esse lugar: memórias dos idosos ao relento de abrigos de luxo. Gláuks: **Revista de Letras e Artes**. v.19; n.1jan/jun. 2019. p.101-120. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/53302>. Acesso em: 11 mar. 2024.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra F. **Narrativa de vida: uma questão de método** - Curitiba: Editora CRV, 2022.

MALINI, F. **A Batalha do Vinagre**: por que o #protestoSP não teve uma, mas muitas *hashtags*. Labic. Disponível em: <http://www.labic.net/cartografia-das-controversias/a-batalha-do-vinagre-por-que-o--protestosp-nao-teve-uma-mas-muitas-hashtags/>. Acesso em 08 mar. 2024.

MARCOS, Patrícia Sheila Monteiro Paixão. **Comunicação contra-hegemônica com perspectiva emancipatória**: experiências argentinas e brasileiras no século XXI. 347 f. Tese (Doutorado em Integração da América Latina) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-02072021-112602/pt-br.php>. Acesso em: 11 mar. 2024.

MARTINS, L. A. B. O Discurso Da Intolerância Contra A Mulher Nas Redes Sociais. **RELACult** - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade, 5(4), 2019. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1360>. Acesso em: 07 mar. 2024.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (Org.). **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: Ipub, 2001.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. *In*: MOITA-LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

OLIVEIRA, Márcio de; MAIO, Eliane Rose. “VOCÊ TENTOU FECHAR AS PERNAS?” – A CULTURA MACHISTA IMPREGNADA NAS PRÁTICAS SOCIAIS. **POLÊM!CA**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 001–018, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/article/view/25199>. Acesso em: 08 mar. 2024.

PENKALA, A. P. A mulher é o novo preto: pensando identidades a partir das representações arquetípicas de gênero na série Orange is the new black. **Paralelo 31**, v. 2, n. 3, 31 dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/10216>. Acesso em: 08 mar. 2024.

PERELLÓ CAMACHO, Carlos. **Multilingual Detection of Hate Speech Against Women and Immigrants in Twitter**. Degree in Computer Engineering. Escuela Politécnica Superior.

Universidad de Alicante, 2019. Disponível em:  
[https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/93563/1/Multilingual\\_Detection\\_of\\_Hate\\_Speech\\_Against\\_Immigra\\_Perello\\_Camacho\\_Carlos.pdf](https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/93563/1/Multilingual_Detection_of_Hate_Speech_Against_Immigra_Perello_Camacho_Carlos.pdf). Acesso em: 07 mar. 2024.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Natal: EDUFRN, 2012.

PINHEIRO, Petrilson. Fake news em jogo: uma discussão epistemológica sobre o processo de produção e disseminação de (in) verdades em redes sociais. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 37, 2021. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/delta/a/8gjBC9zP3Xt3rNJbdzpPPhb/>. Acesso em: 08 mar. 2024.

PUÃ, Bell. Sem título. *In*: DUARTE, Mel (Org.). **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RESENDE, Viviane de M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

RICOEUR, P. **Tempo da narrativa**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

RIESSMAN, C. K. **Narrative Methods for the Human Sciences**. Los Angeles: Sage Publications, 2008.

SANTINI, Rose Marie; TERRA, Camyla; ALMEIDA, Alda Rosana Duarte de. Feminismo 2.0: a mobilização das mulheres no Brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (#primeiroassedio). **P2P e Inovação**, v. 3, n. 1, p. 148-164, 2016. Disponível em:  
<https://revista.ibict.br/p2p/article/view/2341>. Acesso em: 07 mar. 2024.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista**. [Transcrição revisada da comunicação oral apresentada ao I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO, promovido pelo NEIM/UFBA, em Salvador, Bahia], 2023.

SCHROEDER, R. The globalization of on-screen sociability: Social media and tethered togetherness. **International Journal of Communication**, 10, 5626–5643, 2016.

SEGATO, Rita Laura. **Las estructuras elementales de la violencia**. Buenos Aires: Prometeo; Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

SIBILIA, Paula. Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. *In*: LEMOS, André; CUNHA, Paula (Org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.



SILVA, Maria Felícia Romeiro Mota. **Formação de professores de língua portuguesa: construções discursivas sobre identidade e espaços sociais a partir da atuação do PARFOR no oeste da Bahia.** 2018. 206 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/34032>. Acesso em: 07 mar. 2024.

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim.** Tradução Isa Mara Lando - São Paulo: Cultrix, 2017.

SMUTS, B. The evolutionary origins of patriarchy. **Human Nature**, Volume 6, pages 1–32, (1995). Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF02734133>. Acesso em 08 mar. 2024.

STREY, Marlene Neves; PIASON, Aline da Silva; JULIO, Ana Maria dos Santos. (Org.). **Vida de Mulher: gênero, sexualidade e etnia.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

STROMQUIST, Nelly P. Education as a means for empowering women. *In*: PARPART, J. L.; SHIRIN, Rai M.; STAUDT, Kathleen (Org.). **Rethinking Empowerment: Gender And Development in a Global/Local World.** Londres: Routledge, 2002.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

TRINDADE, Luiz Valério. **Discurso de Ódio nas redes sociais.** Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaíra, 2022.

UGARTE, David de. **O Poder das Redes: Manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas chamadas a praticar o ciberativismo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

VALÉRIO DE SOUZA, S. R.; BARBOSA, M. A. O discurso feminista e seus efeitos na sociedade pós-moderna. **Travessias**, Cascavel, v. 11, n. 1, p. e16583, 2017. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/16583>. Acesso em: 7 mar. 2024.

VEGH, Sandor. Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank. *In*: MCCAUGHEY, M., AYERS, M.D. (Org.). **Cyberactivism: online activism in theory and practice.** London: Routledge, 2003.

VIEIRA, Viviane. Perspectivas decoloniais feministas do discurso na pesquisa sobre educação e gênero-sexualidade. *In*: RESENDE, Viviane de Melo (Org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso.** São Paulo: Editora Pontes, 2019.

WHITE, M. **Reflections on narrative practices.** Adelaide: Dulwich Centre Publications, 2000.

WODAK, R. Do que trata a ACD - um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, v.4, Especial, p. 223 - 243, 2004.

ZOGHBI, Denise Maria Oliveira. Sujeito e discurso não hegemônicos: uma discussão em Linguística Aplicada Contemporânea. *In*: HEINE, L.M.B. *et al.* (Org.). **Sujeito & discurso: diferentes perspectivas teóricas.** Salvador: EDUFBA, 2015.

**ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO DA PUBLICAÇÃO 01****Transcrição do vídeo da publicação 01:**

Oi gente, eu tomei a liberdade de vir falar um pouco sobre isso tudo que está acontecendo do #exposedfortal, do #exposedFarias Brito, do #exposed de outras escolas que também estão acontecendo, mas eu vim falar do que mais me preocupou...é eu acho, que eu passei na escola sei lá, uns quinze anos? E depois do meu ensino médio, quando a gente começa a mudar, que nós meninas começamos a mudar, que nosso corpo começa a criar formas mais femininas e a gente de fato começa a amadurecer. Nesse momento a gente começa a ser vista pelos professores de uma forma diferente e eu sei que já acontece e já aconteceu e acontecem casos onde crianças são vistas como mulheres ou através de olhos de pedófilos e. aconteceu muito isso no meu ensino médio. Nem sempre comigo, mas eu sempre vi muito com as minhas amigas. Aquele abraço mais apertado que enganchava o peito, aquele abraço na cintura que a mão descia pra bunda, pro começo ali da bunda, isso é uma coisa que sempre aconteceu independente das escolas que eu já tenha estudado, sempre tinham um outro professor que se destacava por ter esse comportamento e o que me deixa mais preocupada é que já faz dez anos que eu terminei o ensino médio e há dez anos eu não tinha convivência com meninas que estudavam, então meio que acabava nem comentando, nunca acabei comentando nada sobre isso com ninguém. Só que agora recentemente através do #exposed eu vi que hoje isso acontece com o mesmo professor ou com os mesmos professores que, inclusive já foram meus professores há dez anos atrás, isso me deixa tão mal, sabe? Péssima, enojada, chateada e enfadada, sabe? Porque eu fico imaginando... gente, se isso aconteceu comigo há dez anos atrás, quantas meninas não já não foram vítimas disso hoje? Quantas meninas já não passaram por constrangimento, por assédio por mensagens indesejadas, por toques indesejados, porque pensem comigo, a gente divide, sei lá, literatura, que era o caso desse professor, a gente tinha aula aí, três aulas por semana com ele. Então era uma pessoa que vivia dentro da nossa, estava na nossa vida, fazia parte do nosso cotidiano. O que me deixa mais impressionada é que às vezes esses professores por serem bons professores no sentido de passarem o conteúdo de forma boa e de dominarem muitas vezes o assunto eles se acham na liberdade ou acham que nada vai acontecer com eles, eles assediando uma menina de dezessete anos, dezesseis anos, quatorze anos, quinze anos. Como, como é que como que alguém consegue achar que isso é normal? É o que eu, eu fico triste, porque na época quando essas coisas aconteceram com as minhas amigas, e a gente não tinha a menor noção do que era o assédio. Eu vi uma amiga sendo assediada a ponto de mandar fotos pro professor pra ele não ficar triste. Porque ele era apaixonado por ela e ela era apaixonada por ele. Ela tinha dezesseis anos e nunca tinha tido nenhuma relação amorosa, a figura masculina dentro de casa era o pai, quando chegava na escola tinha a figura de um cara super inteligente, admirável, até bonitinho e as pessoas olhavam pra ele e ele estava dando bola pra ela, então ela se achava um máximo e isso acontece com tantas meninas, tantas meninas se acham um máximo porque o professor está olhando pra elas... eu não consigo imaginar quantas vezes o nome das minhas amigas, o nome da minha irmã, o nome das minhas primas, o meu nome já esteve na boca de professores...é... deles falando do nosso corpo, sabe? Deles comentando assim entre si e o pior, um apoiando a atitude do outro. Isso me deixa tão preocupada de que quantas crianças já não passaram por isso? De

que quantas meninas perderam a sua inocência se envolvendo com esse tipo de gente? Ah, [nome da narradora omitido], 'mas tem gente, tem menina que dá bola, tem menina que contribui pro professor ser assim, que dá bola, que corresponde a cantada'. Gente, acordem! A relação de um professor com o aluno é de ensino. Quando nossos pais colocam a gente numa escola é pra gente aprender, é pra gente estudar. Não é pra gente namorar. E outra, nós na época, nós éramos menores. Vocês que talvez que vão, que cheguem a assistir esse vídeo são menores. Vocês têm a relação de vocês com o professor é de ensino, eles estão lá pra ensinar para vocês o conteúdo, passar atividade, isso basta ponto e basta. Eh até pode até existir uma relação de amizade, obviamente, porque são pessoas que participam ali de três anos da nossa vida, ensino médio, estou falando no ensino médio, assiduamente e sempre estão ali compartilhando nossas vitórias e tudo, óbvio que eu não posso generalizar falando que todos os professores são assim, porque graças a Deus, na grande maioria eram homens e mulheres sérias, sabe? Tinha algum, alguns professores que fugiam da regra? Sempre existiu, mas a grande maioria honra a profissão. O que eu quero dizer, talvez se você for professor, se um dia uma menina der margem pra você, der brecha pra você, corte! corte porque a sua responsabilidade é não se envolver com quem você não pode. Nós éramos menores, nós somos, o seu dever é proteger a gente. Pode acontecer da gente romantizar, da gente achar você um máximo, da gente se apaixonar pela forma que você dá aula, pela forma que você declama uma poesia, a gente pode achar um excelente professor, mas a relação a sua relação com a gente é de ensino. Nunca deixe que a gente confunda isso. Porque essa responsabilidade é sua. Não minha. Então eu queria dizer que e pedir pras meninas que estão passando por isso que elas demonstrem isso pra sociedade. Falem isso pro pai de vocês, se sintam confiantes nisso. Eh.. não deixem que... não, não pensem que é uma besteira. Porque não é uma besteira. Se isso aconteceu comigo há dez anos e hoje eu converso com a minha mãe, a minha mãe disse que isso acontecia com ela e a minha mãe tem sessenta e poucos anos, há quantos anos os professores não se acham no direito de se envolver com as alunas? Há quantos anos os professores não têm ludibriado as alunas, muitas vezes eles são casados e se envolvem com alunas. Não deixem isso acontecer. Não deixe que isso aconteça com a filha de vocês. E eu peço muito e encarecidamente que as escolas tenham a responsabilidade de mudar isso. Eu vi um caso de uma escola que o aluno relatou que sofria homofobia e que os próprios coordenadores da escola não manifestavam nada a favor desse aluno. Deixaram esse menino durante todo o ensino médio sofrer homofobia e nunca repreenderam os alunos que praticavam isso contra ele. Não reclamem depois desses alunos quando virarem adultos, porque se eles não foram repreendidos dentro da escola, foi porque a responsabilidade que a escola teve com eles não foi cumprida. Ou seja, eles vão sair da escola achando que é supernormal serem homofóbicos. Então é isso. Eh... escolas a responsabilidade de vocês não é só passar a gente no vestibular, não é só preparar a gente pra Enem. Acho que a responsabilidade de vocês é de formar cidadãos. E a gente é muito reflexo do que a gente viveu no nosso ensino médio, no nosso ensino fundamental. Eu agradeço muito aos meus pais de terem me colocado numa escola que me passou muito isso: valores. E valores não estão nas notas do Enem. O valor está naquilo que vocês pregam pra gente. Então por favor meninas e meninos que se sentirem de alguma forma assediados que a intimidade de vocês foi violada de alguma forma se não gostaram de alguma coisa, reclamem, falem, não fiquem em silêncio. Digam o que aconteceu com vocês. Não sejam vítimas eh não deixe que os seus filhos sejam vítimas disso tudo que

já é já acontece há muitos anos. Vamos dar um basta nisso, eu acho que serviu muito isso também, óbvio, que para as máscaras caírem né? Mas o da escola, o #exposed da escola, me fez assim, refletir, há dez anos atrás isso já acontecia, há sessenta anos atrás isso aconteceu. Vamos parar, vamos fazer com que os professores parem de achar que eles têm a liberdade de dar em cima da gente, porque eles não têm! Então é isso. Abraço a gente abraça amigo. Vamos ter cuidado com os abraços apertados que às vezes a intenção é colar o nosso peito. Vamos ter, vamos ficar, vamos ter cuidado com essas mãos que descem pra nossa cintura com intenções de pegar na nossa bunda. Isso é assédio. Isso é sério. Isso não é certo. Professor tem que defender a gente. Tem que cuidar da gente e eles têm a responsabilidade de não fazerem a gente se apaixonar por eles.

**ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO DA PUBLICAÇÃO 02****Transcrição do vídeo da publicação 02**

Olá, meu nome é XXXXXX. Eu sou co-fundadora do Juntas com GEEF e é hoje que, com muito pesar, eu venho aqui emitir uma nota de repúdio por meio desse vídeo e futuramente por meio de vários outros vídeos que vão seguir esse, aos casos de assédios sexuais ocorridos em Fortaleza. Só para contextualizar, tudo tem acontecido, do dia 22 de junho para o dia 23 de junho, no caso hoje, subiu uma tag no Twitter chamado #ExposedFortal, aqui está, e agora ela conta com mais de 30 mil tweets, tudo mais, mas a motivação primária dessa tag foi a exposição de que aparentemente um grupo de meninos, eu digo meninos, porque a grande maioria era menor de idade, a grande maioria de vários meninos que tinham grupo há muitos anos, aparentemente, que era destinado ao compartilhamento de fotos íntimas de meninas que foram confiadas a eles, a vídeos pornográficos e vídeos referentes à pedofilia, porque aparentemente o corpo feminino e pedofilia e pornografia é um entretenimento para vida pacata do jovem fortalezense de classe média alta. E o que acontece? Por que isso é tão grave? E por que a gente precisa compartilhar essa *hashtag*? Por que a gente precisa falar sobre isso? A gravidade de tudo isso é porque não é só em si o fato disso ter acontecido, o evento, o abuso sexual, o assédio sexual, a completa falta de consideração, hombridade e, enfim, brio mesmo de você poder saber que uma coisa que foi confiada a você por outra pessoa não deve ser compartilhada com um grupo de 50 pessoas. Ainda mais uma foto íntima, enfim, não acho que eu precise entrar nesse mérito. A gravidade de tudo isso diz respeito também ao fato de que isso ocorre de forma muito recorrente. Isso não é uma coisa de agora, isso não ocorre agora, esse grupo existe há vários anos e não existe só esse grupo aqui em Fortaleza, e não existe só Fortaleza com isso. Isso é uma realidade completamente comum, todo mundo conhece, alguma menina que já sofreu algum tipo de assédio, alguma menina que já teve algum tipo de informação privada vazada, e todo mundo conhece isso. Agora a gente conhece muitos poucos homens que já foram abusadores sexuais, já foram assediadores. Isso é muito engraçado, vocês não acham, não? Porque para mim, as pessoas têm essa concepção de que todos os homens que praticam esse tipo de coisa são pessoas ostracizadas da sociedade, são monstros que vivem numa caverna e que não convivem com a gente. Mas eu sinto informá-les que a vida é dura e que as pessoas que fazem isso convivem com a gente todos os dias. O problema é que a gente tem essa demonização das pessoas que praticam isso, porque parece que a realidade é muito dura para ser encarada. As pessoas que praticam isso são pessoas que você conhece, são pessoas que você conversa, pode ser uma pessoa que você cresceu, uma pessoa que você ama, uma pessoa que é amorosa com você, mas também é uma pessoa que pratica esse tipo de coisa com as pessoas. E o fato de você manter afetividade para uma pessoa que pratica esse tipo de coisa não anula o ato infracional que ela praticou. E o que acontece com tudo isso? A gravidade também se diz em respeito à recorrência que tudo isso aconteceu, porque há menos de dois meses atrás, nós temos também uma nota de repúdio também emitida sobre os casos de assédio sexual e abuso ocorridos em Fortaleza, também exposto nas redes sociais. Isso é muito assustador, porque a gente fala, fala, fala sobre isso e as coisas continuam acontecendo porque as pessoas simplesmente não se dão a disponibilidade de escutar e entender a gravidade de tudo isso. Toda vez que uma mulher fala sobre isso, dificilmente ela tem uma narrativa blindada de críticas, ela quase sempre é desqualificada, ela quase sempre é desmerecida, a narrativa dela não conta, porque aparentemente todos os homens, e mulheres também, estão preparados para julgá-la, para pedir, para desqualificar e não admitir que aquilo ali é verdade, que aquilo ali

realmente aconteceu. E a gente precisa parar com esse tipo de pensamento de que isso é uma coisa que não acontece com a gente, porque quando a gente assimila que isso é uma coisa que acontece, e acontece no nosso meio social, a gente passa a tratar isso com naturalidade, não é uma coisa certa, mas é uma coisa que acontece, e a gente precisa encarar isso de fato. E outra coisa que diz respeito à gravidade de tudo isso, também diz respeito no porquê que a gente tem que continuar falando sobre isso. O que acontece é porque junto com essa fala jocosa dos meninos sobre tudo isso, se defendendo e tudo mais, olha, as pessoas têm todo o direito de se defender, o código, a Constituição, assume que todo mundo é inocente até que se prove o contrário, mas existem coisas chamadas provas, tem números, tem fotos, eu tenho conceitos que todos vocês têm acesso a tudo isso, e eles tratam de uma forma jocosa, como se tudo fosse dar certo, e eles não tivessem consequências nenhuma.

E realmente, eles fazem isso e tratam isso dessa forma, porque eles agem como se eles realmente não tivessem consequência nenhuma, porque isso é passado despercebido, sabe? E por isso que é tão importante a gente falar sobre isso, a gente levantar as tags, a gente levantar tudo isso e falar sobre isso, porque hoje eu acordei de manhã e tinha o secretário de segurança pública do estado do Ceará se manifestando sobre o caso. Tinha o exposedortal passando no CETV, na Fátima Bernardes. E quando a gente tem esse tipo de informação mais tangível, mais exposta, é muito mais fácil para que uma consequência efetiva possa ser concretizada. E por mais que a grande maioria seja menor de idade, esses menores de idade não estão praticando nenhum crime, mas eles estão praticando ato infracional que é análogo ao crime. E se eles tivessem mais de 18 anos, porque alguns deles têm, eles estariam infringindo o crime contra dignidade sexual, que está no artigo 218 do Código Penal. Essas pessoas não vão só serem repreendidas pelos pais, essas pessoas têm que responder pelos os seus atos, porque eles aparentemente são muito maduros para saber esconder, para saber se defender, para saber desqualificar a fala de todo mundo, mas eles também têm que aprender que eles têm que ser maduros para assumir os seus casos. E a gente precisa, isso aqui é quase um apelo para você que está assistindo esse vídeo, compartilha as informações, compartilha os tweets, levante as tags, para quem sabe isso possa chegar de uma forma tão significativa nas autoridades que não possa ser ignorado. A gente não pode mais ignorar esse tipo de assunto, porque senão daqui a dois, três meses, nós vamos estar aqui fazendo outra nota de repúdio sobre assédio que ocorre tanto em Fortaleza como em outros lugares. Aí depois, outra nota de repúdio, outra nota de repúdio... E as pessoas esquecem os nomes. As pessoas esquecem quem fez, as pessoas esquecem tudo. Mas a vítima, quem é ferido, quem é abusado, quem é sexualizado a vida toda, não esquece. É importante que a gente saiba a gravidade de tudo isso que está acontecendo, a importância de que o web ative uma legítima, claro, ative uma verdadeira, com provas, com acusações legítimas. E a importância e o impacto que ele pode ter na vida dessas pessoas. É importante que a gente se coloque também no lugar das pessoas que estão vivendo isso. Imagina uma situação tão traumática e ainda por cima, vista de forma impune. A gente tem que parar de tratar as pessoas que estão praticando esse ato infracional como se elas fossem blindadas da lei.

Não, elas precisam arcar com suas consequências. E isso ocorre de acordo com a nossa voz, com que a gente pode fazer. Então, se você tem alguém, alguma pessoa que seja da sua família que possa atuar de uma forma significativa nesses casos, nesses casos plurais, que possa compartilhar essas informações, que possa atuar em jornalismo legítimo e levar essa disseminação de tudo que está acontecendo agora para as pessoas, se manifeste, faça o que você pode. Se você não tem nenhuma atitude que possa atuar sobre isso diretamente,

compartilhe tweets legítimos, tentem não compartilhar fake news, sejam conscientes, sejam consistentes, não esqueçam, porque a vítima nunca esquece.